



DONA
Beija
A FEITICEIRA DO ARAXÁ

THOMAS LEONARDOS

2ª EDIÇÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

THOMAS LEONARDOS

 DONA
Beija

A FETICEIRA DO ARAXÁ

EDITORA RECORD

1

Meu caro Cleanto Vieira Gonçalves

Em novembro de 1948, corri ao Araxá em busca de alívio, pois meses antes, num tombo desastrado de cavalo, quebrara a perna e dores cruciantes, aninhavam-se em torno do fêmur operado. Tive, então, oportunidade de provar, pela primeira vez, as águas famosas do Barreiro e banhar-me na morna e negra lama vegetal retirada das algas do lago sulfuroso.

Enquanto me restabelecia, o espírito repousado ia-se enamorando daquelas terras do Triângulo Mineiro, sem dúvida das mais belas que o Brasil possui.

Tudo isso, porém, que já era muito, não teria sido suficiente se você não fosse então, Diretor da Estância Hidro-Mineral do Araxá e, portanto, gerente do Grande Hotel. O modo com que você e sua querida e saudosa esposa, — sem esquecer seu sobrinho Laerte — acolheram minha família, tinha um quê imponderavelmente montanhês, que vem das raízes da mais pura e tradicional hospitalidade mineira. Algo que não se sabe bem como definir, mas de fato tão espontâneo e humano que não se esquece mais e vem, afinal, exprimir-se em gratidão para o resta da vida.

Foi você, ainda, quem me proporcionou a oportunidade, rara, de conhecer a fundo a gente e as coisas da terra, pondo-me em contacto com os fatos que iriam constituir o tema deste livro, razão por que é você um pouco, ou melhor, bastante responsável por ele. Daí a razão desta dedicatória.

Seu amigo para sempre grato,

THOMAS LEONARDOS

Rio, 22 de fevereiro de 1957.

Entreguei esta dedicatória ao Cleanto, na manhã do dia 22 de fevereiro de 1957, juntamente com os originais do livro. Disse-me seu colega de escritório, Dr. Antônio David, que naquela mesma tarde Cleanto retivera-o, após as horas do expediente e lera, para ele ouvir, todo este romance, noite adentro, manifestando grande satisfação. Consola-me um pouco a certeza de ter proporcionado à um bom amigo, algumas horas de

alegria, às vésperas da morte que o colheria inesperadamente, num doloroso desastre de automóvel, exatamente dois dias depois.

Encerrou-se assim, abruptamente a vida de um advogado de apenas quarenta anos, em plena atividade e tom um promissor futuro tanto profissional como político.

Ajudaram-me neste livro, com informações, críticas construtivas e palavras amigas de incentivo, as seguintes pessoas:

Calmon Barreto

Carlos Ribeiro

Celso Kelly

Fábio Carneiro de Mendonça

Fausto Alvim Francis Leonardos

Gilberto Ferrez

Maria Eugênia

Celso

Maria Júlia Melazzi

Maria Wanderley de Menezes

Mário Rolla

Marcos Carneiro de Mendonça

Oswaldo de Miranda Ferraz

San Tiago Dantas

Sebastião Affonseca e Silva Stella Leonardos

A todos quero deixar expressa minha gratidão, e aos que já passaram à eternidade, minha grande saudade.

O AUTOR

... porque em verdade só "o coração conhece sua própria amargura"

SALOMÃO (*Provérbios* — Cap. XIV, versículo X)

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Em 1880 viveu no Triângulo Mineiro uma singular mulher. Chamava-se Ana Tacinta de São José, mas foi pela alcunha poética de Dona Beija que passou a ser conhecida.

Há, nas planuras altas do Brasil central, uma flor azul, oriunda de planta agreste, de nome Beijo e, como os olhos de Ana Jacinta eram azuis também, isso explica a razão do apelido.

As recordações que essa criatura deixou são várias e contraditórias. Sabe-se que teve um fim de vida sereno, dedicado à caridade e à religião, em contraste com sua mocidade, tormentosa desde os dezesseis anos, a partir do dia em que foi raptada pelo Ouvidor-Real, Joaquim Ignacio Silveira da Motta. Dai por diante e até que a velhice viesse empanar-lhe a beleza — dizem as crônicas da época — foi seu triste destino, destruir reputações e fortunas de homens de prol.

Não a pouparam por isso seus contemporâneos nem os que, mais tarde, neles se basearam para descrever-lhe a vida. Apontam-na, geralmente, em palavras rudes isentas de serenidade, como autêntica embaixatriz do Mal.

Senti a um só tempo, o apelo do tema e a necessidade duma revisão serena das narrações destorcidas e foi isso que provocou este livro.

Romanceando, nele abordei, para dar melhor idéia da época e do ambiente, alguns dos acontecimentos marcantes — não só os pertinentes à região — como também os de âmbito mais largo que lá se esbateram. Quem nisso, porém, não se interessar, poderá, sem perda da seqüência da narrativa, omitir a leitura dos Capítulos III a IX e XII.

Temo que longos anos de advocacia hajam de tal maneira influído em meu modo de escrever, que dificilmente possa me livrar do defeito — que profissionalmente é uma necessidade — de procurar levar a outrem a convicção que me anima.

Para que a critica literária não me acometa, pelo menos por este flanco que sinto descoberto, não fugi ao motivo que me impelia: fazer, como advogado, um trabalho de pesquisa e revisão dós fatos que deixaram a memória de Dona Beija envolta na crosta suja e dura da má fama. Nesse

esforço, reivindico a sinceridade com que tentei ir ao fundo da verdade, procurando vencer essa crosta deformante, a ver se descobria a razão dos motivos que explicariam a vida aparentemente contraditória de uma criatura, cuja beleza ainda a tornou mais exposta à maldade de seus contemporâneos.

Este livro reflete, pois, as razões póstumas de Ana Jacinta de São José, como as faria se fosse eu o seu patrono e como se de mim dependesse o juízo de seus pósteros.

A meus colegas da família judiciária peço desculpas se, nessa aventura literária, afastei-me dos clássicos elementos de prova, perdendo-me na fantasia de Querer penetrar, pela análise — quando me faltavam dados positivos — no âmago das causas que determinaram as atitudes de Dona Beija e que muito escândalo causaram na época.

À crítica, lembraria, ainda, que se transpus novamente o currículo profissional para invadir o campo da literatura, fei-me em outra incursão anterior, aquela feita em 1932, quando impelido então pela ousadia da mocidade, escrevi meu primeiro romance "Os Inadaptados".

Perdoem-me, pois, se acharem, que me embalei demais, em busca da verdade e da beleza *, mas a explicação disso é, que estou com Gustavo Corção quando ele diz que a "obra de arte é uma experiência pessoal profunda", e outra verdade, é que a inquietude do meu espírito não resiste em aceitar o desafio que tais experiências oferecem e que agora, mais uma vez, se repete.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Foi a 30 de novembro de 1957 que realizei a idéia de lançar na cidade do Araxá a primeira edição deste livro. O evento movimentou aquele lindo e próspero rincão do Triângulo Mineiro e excitou, sobretudo, a imaginação local. Disso dá bem idéia, o anúncio que meu querido e saudoso amigo, o Major Sebastião Affonseca profusamente distribuiu depois de redigi-lo com generosa simplicidade. Transporto-o para este prefácio:

"UMA FESTA CULTURAL E SOCIAL DA CIDADE DO ARAXA: Os poderes públicos, as autoridades, as associações de classe, as associações culturais e todos os elementos sociais, reunir-se-ão nos salões do Clube Brasil, às vinte horas (8 horas) da noite, no dia 30 de novembro, para prestarem uma homenagem ao Dr. THOMAS LEONARDOS, autor do romance "A FEITICEIRA DO ARAXÁ. O autor deseja fazer o lançamento oficial do romance em Araxá, e a cidade nesta festa cultural deve recebê-lo condignamente. Apesar de tratar-se de uma linda Dama de uma vida livre, o autor na descrição pormenorizada de sua vida, guarda verdadeira moral literária, podendo o romance ser lido por todas as pessoas. O autor analisa e descreve os costumes sociais daquela arrastada época (1820) e descreve os efeitos maravilhosos da radioatividade das Aguas Minerais, que redundam em uma verdadeira propaganda para a nossa "Estância" no Barreto. Esta raríssima entidade feminina, com sua elegância e beleza física, dotada de uma fulgurante inteligência em conjunto com uma argúcia admirável e seu fascinante olhar, empolgava e arrastava o sexo masculino com sua presença e selecionava e desprezava conforme suas simpatias. Tornou-se célebre na história, por ter sido o eixo central sobre o qual girou a reincorporação de todo território do Triângulo Mineiro a Minas Gerais, em 4 de abril de 1816. O programa está assim delineado: a orquestra sob a batuta do maestro Clóvis Cardoso Júnior abrirá a sessão com uma "ouverture" de seu repertório; haverá a apresentação do Autor pelo Presidente do Rotary Clube. O Autor fará a dissertação sobre a solenidade, apresentando o romance à sociedade araxaense que deve recebê-lo com uma salva de

palmas. Será facultada a palavra aos assistentes. Como se trata de uma reunião histórica social, vai ser lavrada uma ata comemorativa que deverá receber assinatura de todos os presentes, a qual será entregue à Biblioteca Municipal. Em seguida a orquestra executará três ou quatro valsas que serão rodopiadas nos salões pela elegante juventude presente. Terminará assim a reunião. O Conjunto da organização: Prefeitura Municipal, Clube Brasil, Rotary Clube, Associação Comercial de Araxá, Sociedade de Medicina e Cirurgia, Associação Rural, Rádio Difusora Ibiara, Correio de Araxá, Escola Técnica de Comércio e Clube Caçula". A festa não se encerrou, porém, nessas três ou quatro valsas, pois rodopiou-se alegremente até ao raiar do sol, e mais: a cativante hospitalidade dos araxaenses foi ao ponto de dar-me as honras cívicas de sua cidadania, lavrando se solene Ata Histórica dessa chamada "primeira Festa Cultural e Social realizada na cidade de Araxá, na noite de 30 de novembro de 1957." Dali destaco as principais passagens:

"Os poderes públicos, as autoridades, as associações de classe, as associações culturais, todos os elementos sociais de Araxá, reuniram-se no Clube Brasil, às vinte horas, a fim de prestar uma homenagem ao Dr. Thomas Leonardos, que veio a esta cidade especialmente para fazer o lançamento oficial de "A Feiticeira do Araxá", romance histórico por ele escrito e que tem como principal personagem essa extraordinária figura feminina Ana Jacinta de São José, vulgarmente conhecida por Dona Anja.

O livro conquanto possa ser considerado obra de interesse nacional e mesmo universal, pela maneira agradável e ao mesmo tempo profunda com que analisa temas banais, porém eternos, representa sobretudo uma dádiva magnífica ao povo de Araxá. Vale como efficientíssima propaganda de nossa terra e de nossa gente. O Dr. Thomas Leonardos foi alvo de homenagem do Rotary Clube do Araxá em sua reunião de quarta-feira última. Falou na ocasião o Dr. Armando Zema que outorgou ao homenageado, em nome do Rotary, o título honorário de cidadão araxaense; às 19,45 horas, o Dr. Thomas Leonardos e sua comitiva foram recebidos defronte ao prédio do Clube Brasil. Grande massa popular ali estacionada, não regateou aplausos aos ilustres visitantes. O Dr. Mário Cecílio Salomão, Presidente do Rotary Clube do Araxá, fez a

apresentação do autor, o qual logo depois, em brilhante alocução, entregou seu romance à cidade de Araxá.

O insigne historiógrafo e arquivista conterrâneo, Sr. Sebastião Affonseca e Silva, foi o principal idealizador e organizador da primeira Festa Cultural-Social, realizada em Araxá".

Trago à tona todas essas gratíssimas lembranças pela oportunidade que bra se me oferece e porque quero, antes de mais nada, manifestar minha profunda gratidão àquela boa, culta e laboriosa gente do velho arraial de São Domingos do Araxá, à qual desde então me vinculei sentimentalmente.

Revedo ainda coisas passadas, dentre os papéis guardados reencontrei — na página 47 do "O Cruzeiro" de 12 de abril de 1958 — publicação de carta minha, fichada nos ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Conde. Escrevi:

"Meu caro João Conde,

Você demonstrou tão benévolo interesse pelo meu livro "A Feiticeira do Araxá", que eu vou concluir nesta carta a conversa que há dias foi interrompida.

"Qual o motivo — perguntou você — que me levou a escrever sobre Ana Jacinta de São José, a Dona Beija do Araxá? Respondo: tenho horror à injustiça. Na família, queriam-me médico e creio que decepcionei quando viram que ia estudar Direito. Formado, sonhava eu com a causa perfeita, aquela que na realidade a advocacia não me queria dar até que um acidente jogou-me, convalescente, no Araxá. Lá, encontrei uma pobre grande mulher — ou melhor - a história dessa criatura quase que irremediavelmente deformada pelo "ouvi dizer" preguiçoso dos seus pósteros.

Falavam dela. Faziam-no por hábito, e também porque falar mal dos outros parece que tem mais graça do que falar bem. O caso interessou-me. Lembrei-me do provérbio francês: "calomniez toujours, il en restera quelque chose" e também duma norma que me tracei: nunca acreditar

que ninguém seja tão bom quanto quer parecer, nem tão ruim quanto os outros dizem.

Assim, antes de soltar a imaginação, procurei verificar os fatos, lastro indispensável para o romance idealizado. Não larguei mais a idéia. De informação em informação, de obra em obra consultada, cheguei afinal a um inesperado Arquivo do Araxá muito bem organizado, propriedade de um patriarca da cidade, o Major Sebastião de Affonseca e Silva. No volume 26 ele colecionou a matéria de uma obra ainda inédita, cujos originais estão com o Professor Calmon Barreto e que tem o título de ANA JACINTA DE SÃO JOSÉ (DONA BEIJA IN NATURA) - SUA VIDA EM ORDEM CRONOLÓGICA DO BERÇO AO TÚMULO - COLETÂNEA DE NARRATIVAS OUVIDAS.

Foi esse trabalho que me permitiu dar consistência aos fatos que narrei romanceando, e aos quais dei a interpretação psicológica que entendi acertada.

1957 foi o ano da Beija. A personalidade de Ana Jacinta renasceu das cinzas do esquecimento mercê de três obras: a primeira foi a do saudoso Raul Machado, que escreveu um livro de crônicas chamado "Dona Beja", dedicando-lhe poucas páginas sem originalidade aliás; o segundo é o interessantíssimo e alentado livro de 510 páginas de Agripa Vasconcelos "A Vida em Flor de D. Beija". Tem ele um belo *kit motiv* poético retratando a paisagem da terra, pois "Em agosto umbuzeiro é pau, em setembro ele refóia. Em outubro enfloridesce, vem a chuva a terra móia..." mas, quando nesse fundo, tocantemente sentimental ele coloca a figura da Beija, fá-lo com impiedosa injustiça. É um libelo tremendo o daquele ilustre homem de letras. Para Agripa, é ela quem manda matar o seu antigo noivo; seria perversa e pervertida; em lúgubre sadismo fez chicotear certo homem que a procurava, para sugar-lhe vampiricamente o sangue da ferida. O "calomniez toujours" atinge nesse livro o auge.

A verdade, porém, é que não achei dado algum que autorizasse quadro tão sombriamente psicopatologia.

Meu livro não visou engrandecer a vida de Dona Beija: nada disso. Procurei apenas repô-la no lugar que realmente ocupou. Não omiti as referências aos seus pecados, mas também não encontrei razão alguma para exagerá-los a ponto de forçar as fronteiras da morbidez. Creio que acertei, pois minha maior recompensa não ficou apenas na bondosa

acolhida dos críticos que muito me honraram. Ela reflete-se em meu coração "na lembrança daqueles poucos e inesquecíveis dias que passei no Araxá em novembro do ano passado, onde o livro foi lançado. As homenagens que recebi não se podem atribuir ao valor do livro. Explicam-se antes pelo reconhecimento da justiça que procurei fazer a uma criatura que viveu em sua terra uma tormentosa e amarga existência. E o Araxá inteiro agradeceu comovido a quem teve a coragem de dizer por escrito aquilo que todos eles confusamente já sentiam: Ana Jacinta não era tão má assim.

Agora, Conde, ajude-me a levar avante a idéia que lancei: a belíssima casa colonial da Beija, no Araxá, deve ser tombada pelo Patrimônio Histórico. Faça-se nele o Museu da Beija, com seus móveis, suas alfaias, suas jóias, seu ambiente enfim. Seria das mais belas atrações turísticas de todo o Triângulo Mineiro e sobretudo a prova de que afinal de contas os homens não são tão ingratos quanto às vezes parecem. Sempre seu, Thomas Leonardos".

A surpreendente acolhida que este livro teve, encontra, creio eu, sua mais plausível explicação no fato de haver eu tentado, — a bico de pena já que não se usa mais a ponta da espada — reabilitar a memória e, portanto, restaurar a dignidade da lembrança de uma criatura assim tão vilipendiada. O grande e saudoso crítico de "O Estado de São Paulo", Edgar Cavalheiro, compreendeu o sentido do livro quando disse:

"Dona Beija sai do seu livro engrandecida, e se ao leitor fosse perguntado se a absolveria de todos os seus pecados, com certeza o veredito lhe seria, após a leitura de "A Feiticeira do Araxá", inteiramente favorável".

Quanto ao MUSEU DA BEIJA, nada reivindico senão o que presumo de direito me pertença: a prioridade da idéia lançada a público naquela carta a João Conde, divulgada em 12 de abril de 1958. Por isso, quando por iniciativa dos "Diários Associados", aquela mesma revista, em 13 de novembro de 1965, noticiou a inauguração do Museu, confesso que fiquei sentido pelo silêncio que se fez em torno do meu nome. Logo lembrei aquele soberbo soneto de Raul de Leoni, chamado "Ingratidão" que está em seu livro "Luz Mediterrânea". Narra ali o poeta a história do homem que, em menino, plantara "com mão ingênua e mansa uma linda

amendoeira adolescente", mas a ingrata planta só quis florescer "em pomar alheio".

Tudo, porém, não passou de leve nuvem cinzenta, cedo dissipada, graças, sobretudo, a dois fatos:

O primeiro surgiu inesperadamente, dentro de minha própria casa. Ao retornar de uma viagem profissional, minha mulher disse-me que relendo o livro nele encontrara motivação para um lundu.** É uma singela jóia de harmonia musical que o talento de Mary compôs, em momento de feliz inspiração. Desde então o livro deixou de ser só meu. Passou a ser um escrito do qual brotara música e canção que a ele se prendiam, qual reflexo sentimental da união de nossas vidas também no terreno da arte.

Embora assim enriquecido, não seria isso suficiente para alargar o conhecimento e a aceitação de "A FEITICEIRA DO ARAXÁ", para além das fronteiras conquistadas junto aos leitores e à crítica quando da primeira edição. Realmente foi preciso que mais seis anos passassem, até que um segundo fato, somando-se ao primeiro, viesse provocar esta segunda edição.

Foi assim: Carlos Mafra de Laet, que em 1958 fazia brilhante crítica literária na "Última Hora", sob o pseudônimo de João da Ega, na edição de 22 de novembro brindou-me com uma generosíssima apreciação do livro. Atribuí-a, em parte, à nossa velha amizade, mas em verdade Laet gostara mesmo do livro e quando nos encontrávamos a ele sempre se referia com entusiasmo. Em 1967, ocupando o cargo de Secretário de Turismo Estadual, preocupava-se ele com a apresentação do Carnaval do ano seguinte. Anos antes, o Salgueiro ressuscitara a história da famosa Chica da Silva, tão bem encarnada por Isabel Valença e assim conquistara o primeiro lugar no Carnaval do Centenário da Cidade. Novamente procurava o Salgueiro motivação para outro desfile.

Encurtando: Laet telefonou-me sugerindo que procurasse Pamplona; atendi-o prontamente; Pamplona gostou do livro; Osmar Valença, à testa da Escola deu carta branca a Pamplona que pôs-se logo a trabalhar e o resultado foi que a 25 de fevereiro de 1968, "A FEITICEIRA DO ARAXÁ" saltava das páginas deste livro para derramar-se sobre as ruas aquecidas pelo verão e por mais um Carnaval Carioca. O Prefeito Paulo Márcio Ferreira, de S. Domingos do Araxá, sensibilizado, mandou uma

delegação composta dos senhores Hélio Ferreira, membro da Academia Araxaense de Letras e colaborador do "Correio de Araxá"; Luiz di Mambro, Secretário da Prefeitura e senhora e o advogado Rinaldo Cunha, assessor jurídico da Prefeitura local que ofereceu ao Salgueiro ricas lembranças.

Eis em traços rápidos lembradas — para conhecimento dos leitores — as etapas que este livro venceu, desde a sua primeira edição até agora.

Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1971.

O Autor

Dedicatória Dona Beija

Para Mary, querida esposa e brava companheira, que ao fazer e compor a letra e a música do lundu "A Canção da Feiticeira" completou, embelezando com um lastro de harmonia sonora, minha história sobre Dona Beija, dedico a terceira edição deste livro.

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Foi nos idos de 1957 que primeiro divulguei este livro. Fiz com que o lançamento se fizesse no Araxá, não só porque foi lá que Dona Beija passou os anos decisivos de sua tormentosa existência como também para marcar meu agradecimento a todos os bons amigos que ali deixei e que tanto me incentivaram. Dentre eles, principalmente, deu-me a melhor ajuda o Major Sebastião Affonseca e Silva que, permitindo-me examinar seu precioso arquivo sobre a história do arraial de São Domingos dos Araxás, ensejou-me conhecer seu escrito ainda não publicado, chamado *Dona Beija* — em *natura*.

Sem isso eu não poderia ter feito este livro que, no fundo, é como um memorial de advogado romanceado. Lembro que, ao escrevê-lo, obedeci a um mandato verbal.

A primeira edição foi pequena. Esgotou-se com rapidez, absorvida em sua maior parte pelos leitores de Minas Gerais, sobretudo aqueles oriundos do Triângulo Mineiro, que voltou a ser incorporado àquele estado em consequência do rapto de Dona Beija pelo Ouvidor do Rei. Além disso, despertava a curiosidade das levas de veranistas que tiravam férias no Grande Hotel do Barreiro, em busca das águas radioativas.

Cerca de dez anos transcorreram até que uma segunda edição — já bem maior, com 10.000 exemplares - decorreu da escolha do tema pela Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, que usou-o para seu desfile de carnaval de 1968, e isso graças à indicação de meu saudoso amigo Carlos Mafra de Laet.

De 1968 até agora, meu amigo Adolfo Aizen, da EBAL, soltou duas edições, resumindo e embelezando o escrito com desenhos quadrinizados. Foram publicados assim cerca de 30.000 outros exemplares.

Finalmente, vem agora esta terceira edição do livro (que poderia ser considerada a quinta se levássemos em conta a versão em quadrinhos), estimulada pelo fato de a TV Manchete estar apresentando a novela *Dona Beija*, seguindo o roteiro traçado por Wilson Aguiar Filho, inspirado neste livro e no de Agripa Vasconcelos (*A Vida em Flor de Dona Beija*),

"mas imaginando-a com traços de Marguerite Gauthier (a Dama das Camélias), de Lucrecia Borgia, de Maria Antonieta e muitas outras". Fê-lo por convite de Carlos Heitor Cony, autor da sinopse, e "para escrever o texto final da novela, Wilson decidiu mesclar pinceladas fortes de ódio e amor, bondade e dureza, instinto e educação, para compor a personagem" (*Manchete* de 5/4/1986, reportagem de Lilian Ben David).

Neste passo, é oportuno transcrever um parágrafo da entrevista que dei ao jornal *O Fluminense*, publicada em 17 de março de 1986, e que resume meu pensar neste livro refletido. Não visei "engrandecer a vida de Dona Beija: nada disso. Procurei apenas repô-la no lugar que realmente ocupou. Não omiti referências aos seus pecados, mas também não encontrei razão alguma para exagerá-los ao ponto de forçar as fronteiras da morbidez".

Na novela histórica anterior — *A Marquesa de Santos* — Maitê Proença dividia a responsabilidade de representar a Domitila com as demais figuras fundamentais da época: Dom Pedro I, a Imperatriz Leopoldina, José Bonifácio, o Chalaça etc. Na *Dona Beija* de agora, na soberba equipe que representa com Maitê surgem figuras — independentemente do valor de cada um — em inevitável segundo plano face à responsabilidade e à preponderância que recai sobre o papel de Dona Beija. Ora, foi exatamente nesse papel básico que o talento e a vocação da grande artista Maitê Proença estiveram à altura de sua beleza. Seu encanto deu um feitiço todo pessoal à Feiticeira do Araxá, e um completo cunho de autenticidade, como o papel exigia. A TV Manchete soube encontrar nela a pessoa certa, bem como, aliás, em todos os demais integrantes do elenco, a começar por Gracindo Jr. e Sérgio Brito. Compõem, todos eles, admirável conjunto.

Espero, pois, que os que assistirem à novela televisada e queiram formar juízo próprio sobre a vida e a conduta de Ana Jacinta de São José encontrem aqui, nestas razões romanceadas, motivo para absolver Dona Beija dos pecados que o império de circunstâncias adversas a fizeram cometer e para rejeitar aqueles que lhe foram maldosa e injustamente imputados. Não foi senão esse, o objetivo deste livro.

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1986

Thomas Leonardos

I

A FITA VERMELHA

— Por favor, amarrem os cintos e apaguem os cigarros — disse-nos amavelmente a aeromoça — estamos baixando sobre o aeroporto do Araxá.

O aviso não me interessava. Não fumo e já vinha amarrado desde que deixara Belo Horizonte por causa do mau tempo e por causa, sobretudo, do meu instinto de conservação, digamos assim. Também não gosto de olhar para fora em horas de aterragem, pois tenho a tola, porém mui real impressão de que o globo terrestre fica lá embaixo esperando para nos esborrachar.

Mas o pesado avião pousou, leve e seguro como um passarinho, aliviando-se dos passageiros e descarregando meus temores.

Saltei. O coração batia com força. Emoção?

Meu olhar de homem do litoral, acostumado a panoramas com a presença risonha e quase obrigatória do mar, extasiava-se ante os severos e imensos chapadões daquela formosa região do Triângulo Mineiro. Nunca penetrara tão fundo, tão dentro do Brasil.

Desembaraçadas as bagagens, tomamos um automóvel que nos levaria através da pequena cidade do Araxá, com suas ruas limpas, bem calçadas e arborizadas ao famoso subúrbio do Barreiro onde foram construídos com requintes de suntuosidade, as Termas e o Grande Hotel.

Ao chofer, tipo de índio, perguntei, para puxar conversa, como chamavam aos habitantes do local. Respondeu particularizando, como se só ele contasse:

— Eu sou araxano.

— Araxano? Pensei que fosse araxaense.

— Há araxanos e araxaenses — condescendeu em explicar. Nós que descendemos da velha tribo dos índios da região, temos garbo em ser araxanos. Araxaenses são os outros que moram por aí, mas que vieram depois, acrescentou com visível desprezo.

Fiquei assim logo ciente, da presença de um regionalismo bem vivo que teimava em persistir ante a onda avassaladora e igualitária do

heterogêneo povo brasileiro.

O automóvel avançava. Atingíamos as praças urbanas e o chofer nos ia mostrando: a velha igreja de São Sebastião, o Ginásio Dom Bosco, o moderno Estádio Municipal, orgulho de araxanos e araxaenses, a Matriz, a chácara do Major Sebastião de Affonseca e Silva, conhecido historiador e pai do saudoso bispo D. Gaspar, de São Paulo, prematuramente morto num desastre de avião e muitas coisas mais.

Reparei logo num velho casarão amarelo, muito bem conservado, com suas sacadas coloniais.

Era o famoso solar da Beija.

Depois conheci a fonte Dona Beija. Nas Termas, os vitrais magníficos de Joaquim Ferreira da Rocha e Genesco Murta, tentavam contar a história de Araxá e, com ela, a de Dona Beija.

Dona Beija sempre. Dona Beija em toda parte.

Perguntei no hotel, logo que cheguei, quem era essa criatura. Responderam-me vagamente. Sabiam apenas que morrera há muitos e muitos anos.

No dia seguinte, fiz amizade com um velho comerciante local. Um desses curiosos tipos do interior que a morte esqueceu e que falam do Imperador e da Abolição, como próximos passados.

- Mas quem foi, afinal, essa Dona Beija? Custa crer que haja morrido há tanto tempo. Tem-se a impressão viva de sua presença.
- Ah! moço, — respondeu-me o velho, seus olhos luzindo de entusiasmo — Araxá não seria nada sem Dona Beija. Já imaginou um vestido branco sem fita vermelha?

— Estou imaginando. E daí?

— Pois ela é a fita vermelha. Visita o Major Affonseca. Ela sabe coisas! Terá muito prazer em recebê-lo e o de que ele mais gosta, é falar de Dona Beija.

II

ENCANTAMENTO

Não uma, mas muitas vezes procurei o Major Affonseca e à medida que ia tomando notas e mais notas para me distrair e também pensando na possibilidade de uma reportagem, ia descobrindo a realidade de uma das mais belas histórias que se poderiam imaginar!

História soberba, esquecida na curva do século; escondida na névoa do passado; enterrada nos chanfrados daqueles chapadões mordidos pela erosão; mina opulenta de recordações preciosas esperando que alguém revelasse toda a grandeza do sofrimento, da luta e do amor frustrado de uma criatura excepcional, marcada pelo destino para influir de tal maneira na vida dos homens de sua época, que até por sua causa, o mapa de velhas províncias brasileiras foi alterado, reavendo Minas Gerais as vastas terras do seu Triângulo usurpadas por Goiás desde o século XVIII.

Essa mulher, que tinha o nome poético de Ana Jacinta de São José, e o apelido de Dona Beija, reinou naqueles vastos sertões graças à sua beleza unida a uma inteligência dominadora.

Aconteceu então o imprevisto: é que a mera história de seu fascínio, por uma vez, enfeitiçou-me a tal ponto que, certa noite, suave e morna, em que eu havia ido sozinho para dar uma volta a pé, em redor do lago traseiro às Termas, sentei-me sobre a relva fresca, borrifada de sereno, frente à fonte que aflorava no grotão.

O silêncio era quase absoluto e a escuridão também, dando assim a impressão de que o céu tinha mais estrelas e estava mais cortado pela via-láctea, justamente porque, na Terra, ao redor de mim, não havia luz alguma, uma lâmpada sequer a desafiar o clarão dos astros.

A tarde inteira ouvira o Major Affonseca falar de Dona Beija. Estava tão impregnado de suas histórias naqueles meus poucos dias de férias vadias que, sem querer, deixei escapar em voz alta um pensamento de fundo maldoso.

— Grande mulher devia você ter sido, Ana Jacinta de São José, se a décima parte do que contam a seu respeito for verdade! Parece que cheguei atrasado nas terras do seu reino. Nada para fazer neste monótono

Araxá! Nada para distrair a gente. Não fosse a dor da minha perna quebrada e a esperança de melhoria nesses banhos de lama, amanhã mesmo ia emboral Ah, mas se você fosse viva, as coisas seriam outras e uma de suas festinhas do Jatobá faria disso aqui um lugar bem bom!

— Ainda o Jatobá... sempre o Jatobá! Será que até hoje só o que ficou de mim é a lembrança dos meus pecados? Vocês homens não mudam, nem aprendem! Até você, que veio de tão longe, e tantos anos depois de minha morte, ainda ousa perturbar o sossego da minha fonte com recordações que me envergonham?

— Eu não tenho culpa, respondi confuso. Disseram-me que você...

— Disseram-lhe que fui mulher bonita; que pus a beleza a serviço do mal; que fui perdida; que fui mulher má. Não foi isso o que lhe contaram?

— Nem tanto...

— Pois então não lhe contaram tudo, ou melhor, não lhe contaram nada de minha vida.

— Ah?

— Até hoje não encontrei ninguém que olhasse minha vida com bondade; que a estudasse sem preconceitos e que a explicasse como realmente foi. Ninguém quis me compreender, e só quem compreende perdoa!

- Foi pena.
- Pena de quê?

— Que você tivesse vivido numa época tão atrasada. Se fosse hoje, você não precisaria mais de ter vergonha do seu passado. A palavra vergonha diminuiu tanto de sentido que de futuro talvez só a encontraremos nos dicionários, como expressão arcaica. Hoje, quando alguém está com muita vergonha de alguma coisa, vai a um médico como se tivesse uma dor qualquer. O médico põe o paciente deitado num divã em quarto sombrio. Os olhos se fecham e o envergonhado, isto é, o doente, vai dizendo o que o incomoda e o médico vai analisando e resolvendo as causas que criam a vergonha.

- E depois?
- Depois o doente fica bom.
- Fica bom? e a vergonha?

— Você não compreende. É que hoje o conceito da moral recuou para dar mais espaço à medicina.

— Então parece que as coisas mudaram muito. Mas não se trata disso comigo. No meu tempo, vergonha não era doença e eu sempre tive uma saúde de ferro. Não precisei de médicos quando estava viva e muito menos agora, depois de morta. O que eu precisava, o que ainda preciso é um advogado, como você, que estude meu caso e o explique como ele realmente foi, para acabar, de vez, com as lendas maldosas meu respeito e das quais você mesmo foi vítima.

- Seu advogado? Eu? Tinha graça!
- Por que não?
- Porque estou de férias, é boal Trabalho há anos sem descansar. Um dia fujo e venho para cá para não ver clientes e você vai logo querendo que eu seja seu advogado!... Ainda por cima advogado de mulher fantasma!
- Mas meu caso é diferente.
- É claro que é diferente. Seu caso é de literatura e não de direito. Para defendê-la em vez de se propor uma ação em juízo seria preciso escrever uma novela!
- Que tem isso? Uma petição bem feita não deixa de ser uma obra de arte, como qualquer outra e você sabe isso, não só porque faz petições, como porque já escreveu um romance. Não será, pois, a primeira vez.
- Você sabe muita coisa a meu respeito, mas o que você não sabe é que meu primeiro romance foi o último.
- Por quê?
- Porque não dá certo. Espanta os clientes.
- Tolice! Você parece que não lê os clássicos. Lembra-se daquela quadrinha famosa de Antônio Ferreira, o poeta quinhentista que está no Castro:

"Não fazem dano às Musas os doutores, antes ajuda às suas letras dão e cora elas merecem mais favores que em tudo cabem para tudo vão".
E Muito bem!

- Não adianta você fugir de mim. Eu o estava esperando.
- A mim?
- Eu sabia que um dia chegaria de longe um advogado. Ele viria aqui à noite. Sozinho. Sentaria na relva, encostado à minha árvore, perto da minha fonte. Então eu falaria...
- Sua árvore?
- É. Pergunte a todos, amanhã, quando for dia e dirão que esta é a árvore da Beija, a minha árvore querida sob cuja sombra eu me sentava em meu tempo de moça. Pois bem esse advogado escreveria um livro contando a verdade, e eu seria então absolvida, mesmo depois de morta, dos maus pensamentos dos que acreditam nos caluniadores de minha memória.

— Você parece ter muita certeza das coisas...

— Aonde estou não há mais incertezas. Isso é só para quem anda em seu mundo.

- Já que você está brincando de fantasma comigo, por que não aparece?
- Para quê? Isso só iria perturbá-lo inutilmente.

— E você acha, por acaso, que eu já não estou suficientemente perturbado?

Nesse momento lembro-me ter ouvido uma gargalhada! Uma gargalhada que até hoje ainda ecoa em meus ouvidos. Era um riso de mulher feliz! Um riso argentino, triunfante e claro que se confundiu com o ruído da água batendo nas pedras.

... E tudo acabou como os sonhos acabam, mas como é em sonhos que a realidade principia, aqui estão as razões do advogado que Ana Jacinta de São José constituiu por mandato verbal, naquela noite encantada de primavera.

Razões de advogado ou reflexo da alucinação da última vítima de seu fascínio?

É o que até hoje ainda me pergunto.

III

DESTRUINDO UM QUILOMBO

— Fala Iboapi...

— Obediente, o índio aproximou-se do chefe da tribo. O Andaiá fixou-o com dureza. Seus olhos enevoados pela velhice, encaravam a bela figura do jovem guerreiro com indisfarçável má vontade.

O recém-chegado, retesando os músculos em posição de sentido, braço erguido em reverência ao chefe, dir-se-ia uma estátua de cobre, não fosse a centelha do seu olhar que desafiava e retribuía a antipatia do ancião.

Com voz pausada, porém arfando pela pressa com que cobrira a longa caminhada, ele começou o relato das notícias que o trouxera à presença do Andaiá. Falava silabadamente, colorindo o verbo com as imagens típicas do linguajar silvícola, em frases curtas e incisivas, como as notas musicais de um *stacatto*.

— Ontem à noite, Andaiá, nuvens pesadas esconderam a lua até quase o romper do sol. Iboapi estava em seu posto, no alto do tronco do jequitibá que o raio de Tupã cortou quando de sua última fúria. Dali se avista bem o vale em que moram os homens da cor da noite. Faziam eles a festa do fim da estação das chuvas...

Iboapi parou para tomar fôlego e porque terminara de descrever o palco da tragédia que ainda estava por ser narrada.

Imune, porém, ao tom emotivo do relato, o Andaiá interveio, impassível: — O que Iboapi conta não é novo. Toda tribo ouviu os gritos e as canções desses infiéis, quando o vento do vale começou a soprar. Além disso, mesmo antes que o vento nos trouxesse esses sons, era só colar o ouvido ao chão para sentir o tremor que faz estremecer a floresta. O que Iboapi conta não é novo.

Mas Iboapi não se deixou intimidar pela má vontade do velho. Incisivo, retrucou:

— O vento do vale soprou até muito depois do sol nascer. Antes disso, porém, o tambor dos homens da cor da noite deixou de bater. O tambor

dos homens da cor da noite parou de tocar. Parou. Parou para sempre. A essas palavras o Andaiá levantou-se, a fisionomia contraída.

- Será que Mahú esqueceu minhas ordens? Não lhe recomendei eu que serenasse seu ímpeto guerreiro e deixasse em paz a gente da cor da noite?
- Não, Andaiá. Nem Mahú, nem qualquer araxano desobedeceu às suas ordens. Não fomos nós que fizemos calar o tambor da gente do Ambrósio. Foram homens claros e pálidos como a lua. Feios e peludos como feras. Com cabelos que não param só na cabeça, mas descem pela cara, pelos braços, pelas pernas e até o peito como maldição de Tupã. Eles surgiram da mata. Tantos, como uma corrente de formigas. Armados de ferro. Alguns também cobertos de ferro com paus vomitando fogo e estalando como bambus verdes queimando...

A essa altura, o relato de Iboapi atingira as raias do sensacional e em torno do Andaiá grupavam-se os anciãos da tribo, ávidos de notícias. Entre eles notava-se também uma jovem índia de rara beleza. Era Catuíra, a filha do grande Andaiá. Seus olhos cravados em Iboapi não procuravam esconder a admiração e a ternura que nutria pelo guerreiro. — ... e a todos tiraram a vida — prosseguiu Iboapi — guerreiros, mulheres, velhos e curumins. Quando o sol apareceu por cima da serra, não havia ninguém mais vivo, senão eu, para contar o que aconteceu. Os homens pálidos queimaram todas as tabas. Nossas terras agora, Andaiá, podem descer pelos vales e se estender até os grandes montes, porque os homens da cor da noite não existem mais.

— Onde estão agora os homens pálidos?

- Os homens pálidos voltaram cantando para a mata, assim que o sol de hoje começou a esquentar a planície. Segui-os de longe, por muito tempo, temendo que avançassem para nossas bandas. Mas eles seguiram para o grande rio onde embarcaram em inúmeras pirogas deixando que a correnteza os levasse para longe.

- Os homens pálidos estão chegando cada vez mais perto de nós, disse então o velho Andaiá. Caminham, caminham pela mata adentro, numa inquietação de loucos, revolvendo a terra, apanhando as pedras faiscantes e a areia amarela dos rios, espantando a caça que nos alimenta. Precisamos estar preparados. Vamos mudar nossas tabas para o alto do planalto do Araxá. De lá veremos tudo que se passa ao redor de nós.

Nada temos, grande chefe — sentenciou o feiticeiro da tribo — com a guerra entre os homens pálidos e os da cor da noite. Tupã nos fez diferentes ...

Ao longe, para o lado do nascente, uma nuvem negra de urubus descrevia largos círculos sobre a área que, por vários anos fora o quilombo onde, o negro Ambrósio, reinara como zumbi incontestado.

Era a confirmação macabra do relato de Iboapi. A aldeia dos negros sumira. Sobrara apenas um fim de fogueira, a exalar odor acre e nauseabundo de carnes queimadas, já em decomposição.

IV

O GRANDE NARIZ DE MINAS

Para compreender o diálogo travado entre Iboapi e o Andaiá da tribo, precisamos recuar o tempo até o segundo quartel do século XVIII, ou mesmo um pouco antes talvez.

O cenário da narrativa situa-se na região, hoje conhecida pelo nome de Triângulo Mineiro, encravada entre as divisas dos territórios agora formados pelos Estados de Goiás, Mato Grosso e São Paulo e recortado pelos vales dos Rios Parnaíba e Grande, afluentes do Paraná.

Quem observa os contornos dos limites de Minas Gerais, mesmo com espírito desprevenido não pode deixar de reparar que o recorte do grande Estado montanhês, dentro do território brasileiro, lembra o perfil de uma cabeça de gigante decepada, virada contra o mar, no sentido leste — oeste.

Serve-lhe de chapéu o mapa baiano. Escorando-a por trás e por baixo estão as faixas das terras estreitas dos Estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro. A boca e o queixo estão moldados por São Paulo e seu grande, seu imenso nariz, que evoca o de um ciclópico Cirano de Bergerac avançando continuamente terra adentro, parece querer aspirar os ares dos pantanais de Mato Grosso e equilibra junto à testa todo o peso dos planaltos goianos.

Foi e continua sendo das mais prósperas regiões do Brasil Central, riquíssima em minérios vários. Seu clima é ameno e saudável, graças à altitude média que mantém em xeque os calores tropicais. É a terra dos grandes rebanhos, onde o arroz, o trigo, a cana-de-açúcar e o café também vicejam. Lá desabrocharam cidades florescentes, de população laboriosa e culta, estendendo sua atividade para as mais variadas indústrias.

Grandes centros urbanos surgiram nos largos vales e chapadões, destacando-se Uberlândia, Araguari, Monte Alegre, Prata, Frutal, Sacramento, Uberaba e Araxá.

É, aliás, num subúrbio dessa última cidade, o Barreiro do Araxá, que se encontram, em impressionante depressão geológica indicativa de imensa

cratera de vulcão extinto há milênios — as mais ricas fontes que emanam gases radioativos e alcalino-sulfurosos das que se conhecem no Brasil.

Em seus lagos negros e quietos vicejam espécies raras de algas, cujas raízes, em contacto com a água e mercê das condições térmicas locais, constituem uma pasta negra e gelatinosa, que propicia os célebres banhos de lama, cujas virtudes terapêuticas já se tornaram famosas dentro e fora do país.

Foi lá também que, ao tempo da Ditadura, se ergueu em suntuoso arranjo arquitetônico, luxuosíssimo hotel abrangendo um cassino e termas moderníssimas. É um conjunto que nada fica a dever ao que se construiu em Quitandinha e cujo aspecto monumental, nababesco e chocante, em meio ao atraso local, pareceu a um talentoso jornalista patricio, complexo de culpa ditatorial, procurando "devolver ao povo, em pedra e cimento, um pouco do que tirou à sua alma, à sua vontade, à sua legítima felicidade de ser humano".

Mas não nos estarrecemos ante o presente risonho dessa maravilhosa região, nem nos entonteçamos ao prever o desenvolvimento ainda maior desses planaltos férteis e verdejantes que circundarão, um dia, a nova capital do Brasil, já em terras de Goiás. Ao invés disso paremos um pouco para olhar para trás e se deixarmos o tempo recuar sem tropeços, iremos ver o desenrolar de um passado de romance, de lutas e de sofrimento.

Sentiremos, então, os dramas humanos em toda a sua emoção e violência: a terra disputada entre as duas grandes capitâneas centrais; o desmembramento do Triângulo da Capitania de Minas Gerais e a volta a Minas Gerais em 1816.

Vale lembrar, às vezes, os tempos idos, em que a Nação Brasileira, em lenta formação, crescia no interior, em ritmo largo e seguro, livre do narcótico colonial português que mantinha o litoral dormitando.

As entradas contínuas dos paulistas, pelo sul, e dos cearenses pelo norte, amplexavam a terra como pintas gigantes, tentando modelar a pátria do futuro.

Eram essas entradas que alimentavam de estímulo e esperança toda uma raça enérgica e ativa, insubmissa aos meridianos divisórios numa terra ainda virgem e que propiciava os grandes lances de amor e ambição que dão forte colorido humano a esse passado, com detalhes ainda praticamente inéditos à grande maioria dos brasileiros, como, por

exemplo, o episódio da vida da Dona Beija, que passaremos a relatar, tão logo completemos a narrativa dos principais fatos anteriores, a qual ajudará o leitor a interpretar a existência daquela singular mulher.

V

POR ORDEM DEL-REI!

— Diga, por favor, senhor Mestre-de-Campo, tudo o que sabe, pois preciso dar ao senhor Governador-Geral um relato completo da situação. O Mestre-de-Campo Inácio Correa Pamplona soltou estrondosa gargalhada:

— Ora, senhor Capitão! Diga-me antes Vossa Senhoria por que motivo o senhor Governador-Geral quer agora fingir que se está preocupando com os nossos problemas? Quando em 1733, antes, portanto, de assumir o Governo desta infeliz Capitania o senhor Conde de Bobadela, fomos em comissão a São Sebastião do Rio de Janeiro para ver se conseguíamos ajuda necessária à abertura da Entrada do Picadão. Sabe qual foi a resposta?

O Capitão meneou a cabeça.

— Não sabe? Pois bem, disse-nos Sua Excelência que desistíssemos do projeto; que o caminho avançava para muito além do meridiano divisório das terras desta Colônia de Portugal, daquelas que, por tratado, pertencem ao Rei de Espanha. Em bom português, mandou-nos às favas! E nós, também, em bom português, mandamo-lo às urtigas! Viramos-lhe as costas e voltamos para cá. Pusemos mãos à obra. Abrimos o Picadão nós mesmos! Até hoje não encontramos o tal meridiano divisório e o caminho continuará aberto, se Deus assim quiser, sustentado pelos nossos próprios recursos.

E como o Capitão nada retrucasse àquele desabafo, Pamplona prosseguiu:

— Tratados! Bobagens! Tolices! Quem lá quer saber de Tratados no meio desses sertões? Bem sei, senhor Capitão, que Vossa Senhoria está me tomando por um matuto bruto e ignorantão. Pois saiba Vossa Senhoria que sei ler e aprendi, em moço, tanto quanto pude: um pouco de caligrafia, de Geografia e de História, o bastante para me lembrar que um Rei de França, creio que Francisco I, referiu-se à divisão das terras descobertas e por descobrir, desde logo doadas pelo Papa às casas reinantes de Portugal e Espanha como Testamento de Adão! Essa é boa! Com que autoridade se divide a Terra, que pertence a todos e, sobretudo,

aos que as descobrem, exploram e conquistam, entre uns e não entre outros? Só mesmo se Adão tivesse deixado testamento... Sabe? Não há como os franceses para acanalhar as coisas, mas justiça lhes seja feita: ninguém os faz tomar gato por lebre!

Como o Capitão esboçasse uma resposta:

- Mas, espere, senhor Capitão! Ainda não disse tudo! Afinal, que quer agora de nós o Governo d'El-Rei? Que paguemos impostos, não é assim? Mas para pagarmos impostos — nós que não somos escravos, — precisamos ser ricos. Como seremos ricos se ficarmos parados nessa vila que chamam de Vila Rica, mas é de fato uma vila pobre?
- Pedras? Ouro? Já os raspam!
- Tudo que havia à flor da terra, no leito dos córregos, nos filões das minas já acabou, ou melhor, está se acabando. Há, pois, que ir buscá-los onde ainda existam em abundância. Para isso, porém, temos que avançar, avançar sempre. Seja pelo roteiro de Lourenço Castanho, isto é, a leste, seja pelo sul, que é o caminho preferido dos paulistas e que vai de Bambuí ao desemboque, ou então pelo nosso Caminho do Picadão!
- Seja por onde for, temos que alcançar os baixios de Mato Grosso e do Paraguai ou as terras altas de Goiás, por onde já andam levas e levas de sertanistas e de onde já começam a vir ouro e pedrarias em apreciável quantidade.
- Permita-lhe dizer-lhe, senhor Mestre-de-Campo, que o Senhor Governador-Geral sabe e aprecia, em seu justo valor, o esforço e o sacrifício dos sertanistas.
- Sabe e aprecia? Essa é boal Sabe e aprecia, mas deixa-se ficar na comodidade do Rio de Janeiro a sorver o bom vinho que lhe vem de Portugal e a receber o ouro que nós lhe mandamos daqui! Admita, senhor Capitão, que esse é modo mui cômodo de apreciar o esforço alheio!
- Não seja injusto, senhor Mestre-de-Campo. O Senhor Governador sabe, aprecia e quer ajudar. Por que motivo estaria eu aqui? Pensa Vossa Senhoria que é agradável a um homem da corte, como eu,

fazer essa penosa viagem serra acima, do litoral para cá e, sobretudo, nessa tormentosa quaitra de chuvas e rios cheios!

- Então para que veio Vossa Senhoria até cá, senhor Capitão, embora sua amável presença não nos dê senão honra e prazer?
- Tenho documentos de importância a entregar pessoalmente ao senhor Conde de Bobadela que se dignará receber-me em audiência amanhã à tarde. Tive também ordens para avistar-me com Vossa Senhoria.
- Comigo? Por que comigo?
- Sim, senhor Mestre-de-Campo. Para falar sobre coisas que alguns sabem, muitos falam, mas que não devem ser escritas.
- Confesso minha curiosidade, senhor Capitão e, desta vez, prometo ouvi-lo, sem interrupção.
- Não hoje, se me permite, senhor Pamplona. Morro por me esticar numa cama de verdade. Há semanas que não sei o que é uma noite bem dormida.

As palavras de José Francisco de Montalvo, Capitão da guarda pessoal de sua Majestade Fidelíssima, em missão especial à Colônia do Brasil, despertou Pamplona. Ali estava ele a discutir com o moço fidalgo há cerca de uma hora, esquecido das mais comezinhas regras de hospitalidade.

- Perdoe-me, Capitão. O interesse em ouvi-lo era tal que olvidei estar Vossa Senhoria cansado e provavelmente com fome. Dê-me a honra de agasalhá-lo sob meu teto.
- A honra será toda minha. Não devo nem quero recusar seu amável convite.

A conversa tivera lugar na larga e tosca varanda da casa de mestre-de-campo Pamplona. Penetrando com o recém-vindo na residência, Pamplona mandou servir o jantar. Obedientes ao costume da época, as mulheres da casa não partilharam da refeição, servida por escravos, nem vieram à presença do hóspede.

Milho assado e fumegante, batatas doces e frangos grelhados ao espeto com molho de pimenta-do-reino para abrir o apetite apareceram em profusão. Melado e farinha para a sobremesa, tudo regado a suco de abacaxi fresco.

Os dois homens comeram vorazmente. Para Montalvo, maltratado pela viagem, agravada pela escassez da caça tão parca na época chuvosa, a frugal e sadia refeição apeteceu-lhe como um régio banquete.

A escolta do Capitão, composta de uns vinte homens, já fora devidamente acomodada e alimentada.

Finda a refeição, Montalvo, cansadíssimo, pediu licença para recolher-se ao aposento que lhe fora reservado.

Antes de despir-se o moço chegou-se ao peitoril da janela. A casa construída no alto de um outeiro, permitia-lhe ver as primeiras sombras da noite que começavam a invadir os vales, mas o topo dos morros ainda estavam dourados de sol. Reinava paz no ambiente, paz que o toque da ave-maria gravemente solenizava. Cessara, como por encanto o burburinho do populacho que enchia a Vila Rica daquele tempo, irrequieto com as perspectivas que a exploração do minério ainda oferecia.

Montalvo inspirou com força o ar perfumado e leve que a umidade impregnava dos perfumes da floresta.

Um frêmito de mocidade fustigou-lhe cansaço, tirando-o, ao mesmo tempo, do estado contemplativo.

Com os sentidos agora alertados, ele pareceu ouvir vozes femininas. Não se enganara. Eram as filhas de Pamplona, em rebuliço com a novidade da chegada do hóspede, que tagarelavam e riam. Era um farfalhar de saias, um arrastar de cadeiras que não acabava mais. Sem dúvida que estavam a espiá-lo, ou pelo buraco da grossa fechadura, ou talvez mesmo trepando até a bandeirola da porta.

Enraiveceu-se. Estúpidos, esses colonos com o hábito muçulmano de trancar o mulherio da casa! Por que não o deixavam falar com as meninas? Será que nenhuma tocara o cravo? Então ele tomara uma delas pela mão — escolheria a mais gentil de todas, está claro — a pretexto de ensinar-lhe os passos do minueto e de outras músicas modernas que se dançavam em Lisboa e Madri!

Lisboa... Madri... quanta saudade! Quanta mulher bonita! A vida social da Colônia positivamente era detestável! O Rio de Janeiro, a nova Capital, ainda estava muito longe do esplendor europeu e não se comparava sequer ao fausto da velha Bahia. E Vila Rica então? Um verdadeiro fim do mundo! Avançou para a porta, decidido a abri-la com violência. Alguma coisa, porém, o deteve. Um pensamento fugaz como um raio fê-lo parar e sorrir. Lembrara-se de que as moças poderiam ser feias, deselegantes, desdentadas até, e se assim fosse, não poderia sequer sonhar que atrás daquela porta estavam mulheres lindas, de pele alva, cabelos sedosos, olhos doces e amendoados, mãos aveludadas, com unhas bem tratadas que dariam estalidos secos e precisos, como o tique-taque de um relógio, ao fazer o cafuné.

Mulheres lindas! Como as havia em abundância em Madri! Lisboa também, Madri, porém, parecia ter o dom especial de reter a beleza feminina da Terra. Lembrou-se de certa andaluza de pele morena e pisar gracioso com quem... E deixou-se embriagar com a recordação.

A noite avançava. O quarto de paredes lisas caiadas de branco acinzentava-se. Enchiam-no móveis da época: uma velha cômoda de jacarandá, duas cadeiras e um cabide. Como único ornamento, um crucifixo, maravilhosamente esculpido em madeira dura. A cruz impregnada de pó de ouro e as tintas da imagem ressaltavam o corpo martirizado e o semblante dolorido do Divino Crucificado.

Montalvo era bom cristão. A imagem sacra exerceu sobre ele efeito imediato. Recalcando maus pensamentos, deixou o espírito libertar-se e ajoelhando ante o Cristo fez contrito o sinal-da-cruz. Depois, cambaleando de sono permitiu que seu corpo cansado recebesse o prêmio de uma cama arrumada e macia, com uma bela colcha de cetim verde bordada a mão, exalando suave aroma de capim cheiroso. E dormiu. Dormiu um sono profundo e reparador. Um sono de paz e dever cumprido, para o qual muito cooperara, diga-se de passagem, o succulento jantar que lhe ofereceu Mestre Pamplona.

VI

O GRANDE DIPLOMATA

E qual seria o relato que o Capitão da Guarda d'El-Rei fez, no dia seguinte, ao Mestre-de-Campo?

Nada mais, nada menos que um resumo dos últimos acontecimentos políticos de natureza internacional que já se refletiram na administração da Colônia.

Portugal, desde que reivindicara a descoberta do Brasil, deixara essas imensas terras praticamente como reserva do seu grande império ultramarino. Muitas causas contribuíram para isso.

Em primeiro lugar, as riquezas do Oriente galvanizaram por vários séculos o espírito ambicioso e aventureiro dos navegadores da Escola de Sagres. Que ofereciam essas novas plagas sul-americanas para saciar a ambição a não ser, a princípio, o pau vermelho, cor de brasa,, que em profusão aqui vicejava? Longos anos teriam que passar até que, à medida que se desvanecia a pouco e pouco o sonho das índias fabulosas, começasse o Brasil a crescer no campo econômico como exportador de madeira a princípio, depois importador de escravos e produtor de açúcar, para enfim culminar na apoteose do ouro e das pedrarias.

Em segundo lugar, Portugal era pequeno demais para vitalizar rapidamente colônia tão vasta. Fez o que pôde, tentando o sistema das doações por Capitâneas, para depois passar ao dos Governadores-Gerais. O principal era dar tempo ao tempo, mantendo o Brasil trancado, para melhor prendê-lo futuramente à Metrópole. E isso foi conseguido, com muita luta e sacrifício.

Em terceiro lugar, era do interesse de Portugal manter escondida e ignorada, tanto quanto possível, a nova colônia do Sul, porque, se dela muito se gabasse, poderia atrair a cobiça de outros poderes rapaces (e como os havia na Europa daqueles tempos!), com maiores possibilidades de conquista e colonização.

Mesmo assim, e apesar de todo o cuidado, não foi possível evitar a invasão dos holandeses ao norte e as diversas tentativas dos franceses de criarem a França Antártica, e isso, para só falarmos nos ataques mais

sérios, pois muitos outros esporádicos ocorreram, visando a diversos pontos do vasto litoral desguarnecido.

Tivemos também o domínio espanhol, mas esse foi largamente compensado pela abolição legal do meridiano divisor. Se reis d'Espanha legalmente passaram a reinar sobre Portugal, não havia mais razão para deixar de penetrar terra adentro, pois cessara de direito a fronteira colonial entre Espanha e Portugal. Por esse tempo, aliás, já os bandeirantes paulistas e os exploradores da Bacia Amazônica haviam ultrapassado de muito o meridiano fixado pelo Tratado das Tordesilhas.

Os mais autorizados historiados são, por isso, acordes em reconhecer a vantagem que representaram para o Brasil os sessenta anos de domínio espanhol de 1580 a 1640, embora, no Reino, o povo exprimisse desgosto numa quadrinha famosa:

Viva o Cardeal D. Henrique,
No inferno muitos anos;
Porque deixou Portugal
Em herança aos Castelhanos.

Toda a América Latina foi, portanto, naquela época, uma só colônia, sem fronteiras, da mesma maneira que, na Europa, toda a península Ibérica ficara sujeita ao jugo dos Reis d'Espanha.

Quando, portanto, em 1640, o Duque de Bragança, alcunhado o "Feliz Restaurador", foi aclamado Rei de um Portugal novamente libertado da Espanha, já não era mais possível seccionar a crescente colônia brasileira, de acordo com o caduco Tratado das Tordesilhas de 1494, pois os contornos da fronteira brasileira, dentro do mapa da América do Sul, já eram aqueles, com pequenas diferenças, que ainda hoje vigoram.

Ainda assim Portugal continuava cauteloso. Evitava irritar abertamente a Espanha em questões de limites coloniais.

Essa prudência foi o motivo, mal interpretado pelos mineiros, da aparente falta de apoio oficial à abertura do Caminho do Picadão, forcejava por explicar o Capitão Montalvo, ao cabeçudo mestre-de-campo Pamplona.

- Mas agora não há mais razão para tais reservas, concluiu ele.
- Por quê?
- Porque, além de tudo isso, foi assinado em 1750 o Tratado de Madri.
- Mais um Tratado para ser roído pelas traças das bibliotecas, rosnou com indisfarçável desprezo o rude e cético Mestre-de-Campo. Que diz lá esse Tratado?
- Esse Tratado, senhor Pamplona, há de fazer historial Doravante o ajuste de Madri fará lei nas questões de fronteira entre as casas reinantes de Suas Majestades Católicas d'Espanha e Fidelíssima de Portugal. Passaram a ser letra morta os acordos anteriores, tais como a Bula do Papa Alexandre VI, o Tratado das Tordesilhas, o de Lisboa, o de Utrecht e todos os outros. As entradas que brasileiros audazes fizeram para além do meridiano divisor foram legalizadas pelo Rei. Não apenas a grande bacia Amazônica, já reconhecida como de Portugal, pelo Tratado de Utrecht, mas também todas as terras, taladas pelos bandeirantes do Sul, com exceção da Colônia do Sacramento, inclusive o Caminho do Picadão, que se deve aos mineiros, ficam sendo Brasil, de verdade, de fato e de direito.
- Senhor Mestre-de-Campo, nesse Montalvo, levantando-se para dar maior ênfase, e exprimindo, aliás, uma real convicção, se Deus nos ajudar, se a Fé e a coragem que tantas provas já têm dado os homens desta terra, da qual Vossa Excelência, senhor Mestre-de-Campo, é um exemplo, não vierem a faltar, o Brasil será, em pouco tempo, a maior e mais rica das colônias do Sul!
- Belas palavras, belas palavras, senhor Capitão, e pela parte que me toca, muito obrigado, pelo seu elogio à minha desmerecedora pessoa. Mas, diga-me algo: perdemos a Colônia do Sacramento, não é assim?
- Perder não é o termo, senhor Pamplona! Transigimos, preferindo trocar umas poucas planuras nas bandas orientais do Rio da Prata para, em compensação, ficarmos com terras infinitamente maiores, nos planaltos do Centro, onde o ouro e os diamantes rolam em profusão entre o cascalho dos rios. Além disso, preocupa-se o Governo de sua Majestade com o fato de apresentar esta Colônia tão grande litoral exposto à cobiça alheia. É na penetração, terra adentro, que está por enquanto a garantia da grandeza do Brasil

O Mestre-de-Campo quedou pensativo, para perguntar, depois de breve pausa:

- E, diga-me ainda, senhor Capitão — Vossa Senhoria que parece tudo saber, — como foi que Portugal e Espanha chegaram a acordo em questão de tanta importância, depois de tão longa luta?
- Sua pergunta, senhor Pamplona, revela sabedoria. Não sei se poderei respondê-la, mas vou tentar fazê-lo.
- Em primeiro lugar, Deus iluminou o espírito e a inteligência de nossos reis governantes.

A divina invocação levou ambos os homens a se persignarem como aceitação incontestada dessa premissa fundamental.

— Além disso — continuou o Capitão — laços de família ligam agora os soberanos de Espanha e Portugal. A rainha de Espanha é hoje a princesa portuguesa, D. Maria Bárbara, irmã d'El-Rei D. João V, mulher de rara inteligência e, consta, grande conhecedora das questões do Estado. Diz-se, porém, ainda, que nada se teria feito se um homem providencial não houvesse aparecido, apresentando um estudo completo dos pontos que serviriam de base, com ligeiríssimas alterações, às cláusulas do Tratado de Madri.

— E esse homem?

- Esse homem é um brasileiro, senhor Mestre-de-Campo, um homem nascido nestas terras.
- Um brasileiro? De onde?
- De Santos. Chama-se Alexandre de Gusmão. Pessoa de raro talento e fino trato diplomático. Não sei se sabe, senhor Mestre-de-Campo, que nosso amado soberano ressentia-se muito de não ver adicionado aos seus títulos de realeza um que indicasse seu devotamento à Fé Cristã. Enquanto os reis de França tinham direito ao título de "Cristianíssimos" e de "Católicos", os de Espanha, nada havia nos de Portugal que demonstrasse seu zelo e amor pela Igreja de Cristo. Foi então que o inteligente brasileiro deu certa carta.
- Como?

- Servia ele, por muitos anos, em Paris como Secretário do Conde de Ribeiro Grande, nosso embaixador junto à Corte de França, e isso, naturalmente, depois de ter estudado aqui em Colégio de Jesuítas e aprimorado suas humanidades em Lisboa. Completou, porém, sua cultura em Paris, doutorando-se em Direito Civil, Romano e Eclesiástico. Sua inteligência era viva e penetrante. O posto seguinte foi Roma, onde insinuou-se de tal sorte junto à Corte Pontifícia, que o Papa Benedito XIII ofereceu-lhe o título de Príncipe Romano. Modestamente, ele declinou da honraria, alegando falta de autorização do seu soberano. Em compensação, porém, advogou e obteve do Santo Padre que permitisse aos Reis de Portugal passassem a usar, desde então, o título de "Fidelíssimo". Conseguiu assim, com pasmosa facilidade o grande anelo, aquilo que mais aspirava o nosso Rei.
- Daí por diante — prosseguiu Montalvo — Gusmão foi na verdade, o Homem do Rei. O Tratado de Madri, embora certos portugueses o ataquem, sem razão, como lesivo aos interesses de Portugal, foi obra dele. O meridiano das Tordesilhas já oficialmente abolido na região Amazônica, não é mais o fio fantasma que corta o Brasil ao meio. Deve-se isso, sem dúvida, sobretudo a Alexandre de Gusmão.

Compreende agora, senhor Mestre-de-Campo, porque os senhores sertanistas terão hoje e sempre, com os agradecimentos do governo d'El-Dei, o apoio desse mesmo Governo? As forças armadas da Colônia já têm ordem para marchar convosco pelo Caminho do Picadão, ou por outros caminhos que nos indicar, até ao coração do Brasil. Para isso aqui estou, e chegada é a hora de perguntar-lhe, senhor Mestre-de-Campo: de que precisa para o avanço?

Pamplona levantou-se. A fisionomia contraiu-se e respondeu: — No momento, avanço nenhum é possível sem antes tornarmos seguros os caminhos. Negros e índios barram as entradas. Temos uma primeira etapa a vencer, a qual não deve ser muito difícil se a expedição for bem conduzida. É o quilombo dos negros fugidos do trabalho de garimpagem e chefiados pelo zumbi Ambrósio. Segue-se a vasta região dos índios Araxás. Isso já não será tão fácil. Os negros, como nós, vieram de fora,

mas os índios são os verdadeiros senhores da terra e sabem como defendê-la. Teremos muita luta pela frente, senhor Capitão!

VII

O Planalto da Luz

O plano de conquista das terras ocupadas pelos negros do Ambrósio e pelos índios Araxás foi então delineado para ser executado em duas etapas sucessivas.

O extermínio do quilombo africano foi relativamente fácil, como previra Pamplona. O ataque aos índios, porém, exigia cautelas especiais.

Os araxanos diferiam da maioria dos selvagens da terra. Seu nome provinha do local que habitavam por se tratar de um dos mais altos chapadões. Era ali onde mais cedo se adivinhava a aproximação das madrugadas. Por isso o nome Araxá, que significava, como já vimos, o planalto da luz.

Não se assemelhavam aos das demais tribos esses índios. Destacavam-se os varões pela estatura e singular rijeza dos músculos, além do porte airoso e dominador. As mulheres, mais graciosas que as suas irmãs de outras regiões, eram de surpreendente fecundidade. Tudo isso se atribuía às propriedades específicas das milagrosas águas da região. A caça e a pesca eram ali extraordinariamente abundantes. Fertilíssimo o solo, sobretudo o dos vales circundantes, decorrentes de depressões geológicas de remota origem vulcânica, onde uma camada densa de humo, durante milênios, se acumulara.

Tal fama atingiu a bravura desses Índios araxanos, que as penetrações no interior de Goiás se faziam ladeando suas terras, deixando-os assim ilhados e intactos entre a vasta região mesopotâmica formada pelos Rios Paranaíba e o das Velhas, numa gleba de cerca de dez mil quilômetros quadrados.

Sebastião de Affonseca e Silva, o autor da História do Araxá, trabalho adaptado por Ayres da Matta Machado e publicado pelo Governo do Estado de Minas Gerais, em 1946, refere-se a essa tribo com ternura, porque ele mesmo se jacta de descender da velha raça através de sua bisavó Quitéria, autêntica araxana.

E assim vivia em paz a grande tribo até que nas cercanias se formou um agrupamento de negros, fugindo da escravidão e que ia crescendo com a

chegada de novos evadidos.

Teria isso se passado entre 1681 e 1783, diz o mesmo autor.

Era sem dúvida uma favela incômoda, o Quilombo do Ambrósio que se estabeleceu em local próximo aos Índios, conhecido por Samambaia, com algumas centenas de negros chefiados pelo célebre Ambrósio, vivendo de pilhagens, atacando e exterminando as comitivas dos sertanistas.

Os negros lançaram o terror nas cercanias e tornaram inseguros os caminhos às penetrações dos bandeirantes, que passaram a dar longas voltas para evitá-los.

Apesar disso, a Nação dos Araxás, de um lado, e o Quilombo do Ambrósio do outro, viveram longos anos em paz. Negros e índios não se misturavam, esquivando-se mutuamente.

VIII

PELO AMOR DE UMA ÍNDIA

A aproximação dos primeiros brancos deu-se por volta do ano de 1736, com o guarda-mor Feliciano Cardoso de Carvalho e sua gente. Subiu ele o São Francisco e depois rumou para a esquerda e, nas margens auríferas do Rio das Velhas fundou o Arraial do Tabuleiro. Pouco durou esse Arraial, arrasado que foi pelos índios Caiapós.

Voltaram, porém, os brancos em 1760 e fixaram-se no Arraial do Rio das Abelhas que, mais tarde, chamar-se-ia do Desemboque, isso porque era por ali que se fazia a junção com o Caminho do Picadão por onde as bandeiras paulistas rumavam para Goiás.

Como os Xavantes, que até há pouco permaneciam isolados do meio brasileiro, os Araxás também assim se mantinham.

Ao seu derredor, sucediam-se as Entradas. A leste e ao norte, o território dos araxanos fazia fronteira com o roteiro de Lourenço Castanho, mais tarde chamado o Caminho do Picadão, aberto em 1733 e com intenso tráfico de sertanistas que demandavam o ouro para os lados do Paraguai e de Goiás. A sudeste e ao sul, suas terras limitavam-se com a estrada aberta de Bambuí e Desemboque e, finalmente, a oeste pelos caminhos de penetração que, de São Paulo, rumavam aos sertões brutos.

Os araxanos começaram então a constituir um problema sério para o Governo de Minas. Cerca de três mil índios excepcionalmente organizados pelos grandes Andaiás, formavam uma barreira que tolhia o desenvolvimento da região hoje conhecida sob o nome de Triângulo Mineiro. Mas, antes dos índios, que pelo menos não atacavam quem lhes deixasse livre o território, urgia resolver o problema premente e maior: os negros agressivos do Ambrósio.

De 1741 a 1746, eles já haviam desbaratado e exterminado duas expedições. Foi, portanto, para enfrentá-los que, em 1765, Inácio Correia Pamplona deixou Vila Rica com muita gente, munição e duzentas bestas de carga.

Nos primeiros dias da primavera, ainda em setembro daquele ano, avançou a expedição segundo o curso do Rio Bambuí, só fazendo alto em

Samambaia, a oito quilômetros apenas do Quilombo do Ambrósio. Pamplona, hábil Mestre-de-Campo, não apressou o ataque. Esperou pacientemente que os negros celebrassem as festas do fim da estiagem. Dizem que esperou muito, até que, certa tarde, ele começou a ouvir o bater dos tambores. Entregavam-se afinal os negros ao ritual festivo. Embriagados pelo alua, os guerreiros de ébano dançavam. Nem sentinelas havia. Era chegado o momento da ação.

Coberto ainda pelas sombras da noite, Pamplona fez avançar seus homens e, aos primeiros clarões da madrugada, desfechou um ataque decisivo, fulminante, mortífero. O extermínio do Quilombo do Ambrósio foi total e Pamplona voltou coberto de glória.

Mas em seus postos avançados, os vigilantes araxanos assistiram emboscados à luta entre brancos e negros e apressaram-se, como vimos, a relatá-la ao velho Andaiá, o sábio chefe da tribo. Este, prevendo a inevitabilidade de um choque com os brancos, prudentemente removeu os núcleos principais dos índios dos vales circunvizinhos, grupando-os ao alto da lagoa seca, onde hoje está o aeroporto.

O planalto oferecia excepcional posição estratégica. Bastava subir às árvores mais altas para avistar toda a região circunvizinha.

Exterminado o Quilombo do Ambrósio, os Araxás redobravam a vigilância, multiplicando as sentinelas. O velho e experiente Andaiá sabia que os brancos não parariam o seu avanço e que, depois dos negros, seriam os índios as segundos vítimas. Previu, também, que a invasão viria dos lados do Desemboque e de fato acentuavam-se os indícios da aproximação.

Para prevenir-se de qualquer surpresa, o Andaiá organizou uma tropa volante de uns cem índios comandados pelo jovem e valente guerreiro de sua predileção chamado Mahú. Ele era de porte atlético e, leal e corajoso, nele via o velho Andaiá um provável continuador da obra de tantos Andaiás.

Certa vez, Mahú partiu com seus araxanos para o ponto mais vulnerável à incursão dos brancos. Não tardou a encontrá-los.

Grande bandeira, a de Batista Maciel, avançava pelos sertões das Perdizes talando imprudentemente o território dos Araxás.

Na calada da noite, Mahú e seus homens arrojaram-se sobre ela exterminando-a.

Empolgado pela vitória, Mahú torna à tribo carregando armas e troféus. Festas triunfais o recebem, e o Andaiá, para recompensá-lo, promete-lhe a filha, Catuíra, a jovem mais bela da tribo. Esta, porém, por outro apaixonada, mostra-se indiferente aos feitos de Mahú.

O tempo passa e os sertões em volta da terra dos araxanos estão calmos. Não há o menor indício de qualquer nova incursão.

Mahú comanda uma dezena de índios em missão de reconhecimento. Ele recorda-se da primeira vez que retornou à tribo coberto de glórias e troféus e doía-lhe à vaidade retroceder à taba sem novos feitos a relatar. Quem sabe se vencedor de outra batalha, Catuíra não se deixaria inflamar de amor pelo herói?

Essa idéia o embriaga e ele não pode mais ceder à tentação de atacar.

Buscando os brancos muito além das suas terras e depois de alguns dias de marcha, os índios sedentos de sangue^{tb}pam afinal com o arraial do Rio das Abelhas.

Anoitece, acendem-se as primeiras luzes nas moradas modestas de pau-a-pique rebocadas de barro. Ninguém imagina ser aquela a última noite do arraial. Ao ataque aprestam-se os índios febrilmente, avivando as cores com que se pintam ritualmente para a guerra. As flechas incendiárias estão prontas, assim como os tacapes e bovdunas e Mahú ataca, empolgado com a imagem de Catuíra e a recompensa da vitória, que outra vez lhe sorri.

Seria, porém, de acordo com a lenda, tal promessa de casamento a desgraça dos Araxás. De fato, desde menina, Catuíra já havia escolhido o atraente Iboapi. Era ele, e não Mahú, o senhor de seus sonhos de adolescente apaixonada. Mas, filha obediente, que poderia fazer contra a vontade do velho Andaiá? Aceitou entre lágrimas e suspiros o noivado com Mahú.

Iboapi, porém, não era homem para capitular.

Enquanto isso, passavam-se as luas e aproximava-se a data da festa do casamento de Catuíra com Mahú. Seria uma festa nacional para os Araxás.

Nas vésperas do dia fatídico Catuíra sussurrou ao seu amado um desesperado adeus.

A alma de Iboapi, é um inferno. Para ele não há resignação, mas, por outro lado, sente-se impotente ante a inevitabilidade dos fatos.

Novamente desabrocha a primavera. É a época preferida dos brancos para suas incursões. As chuvas começam a encher os rios, facilitando a navegação. O Andaiá bem sabe o perigo que isso representa e antes do casamento de sua filha, organiza novas patrulhas de reconhecimento.

Novamente Mahú as comandará. O jovem índio, porém, sofre o efeito psicológico de seu próximo enlace com Catuíra. Está sôfrego, ardente e, sobretudo, preocupado com a inexplicável frieza da noiva. As ordens que recebera do Andaiá foram precisas. A expedição era de mero reconhecimento e sob pretexto algum deveria travar combate.

Mahú chega com seu bando até os limites do Arraial do Rio das Abelhas, o núcleo civilizado mais próximo. Os índios emboscados nas matas circunvizinhas observaram a vida pacata do arraial. Mahú já se considera chefe. Desobedece às ordens do velho Andaiá e deflagra o ataque impiedoso. Os índios circundam o arraial e, em gritos que mais parecem o latir de cães selvagens, exterminam a pequena aldeia. Nem o Capitão-mor, Feliciano Cardoso de Camargo, o fundador do arraial, pode escapar. Novamente volta Mahú à tribo como vencedor, mas nem assim colheu ele o melhor troféu da luta.

A nação dos Araxás parecia agora mais segura e mais forte com a queda do último bastião dos brancos mais próximos às suas terras.

Falta agora bem pouco para o casamento. Catuíra encara atormentada o deserto melancólico de um futuro sem amor, enquanto Iboapi parecia acometido pela demência.

Era como uma ovelha desgarrada que evitara o rebanho. Seu coração só abrigava ódio: ódio contra todos e contra tudo; ódio até contra Tupã, que parecia conspirar contra ele enchendo de glória o rival detestado.

Seu vulto era o de uma sombra desterrada e sem rumo, a vagar pelas florestas. Em busca de quê? De tudo, de qualquer coisa, do milagre, do impossível que lhe restituísse Catuíra.

Foi esse índio desesperado que Mestre Pamplona encontrou quando de sua nova expedição.

A destruição do Arraial do Rio das Abelhas fora um erro irreparável dos índios. O horror da chacina abalou toda a Capitania. O Governo de Minas organizou rapidamente uma expedição punitiva. E quem estaria apto a comandá-la, se não Mestre Pamplona, o bem sucedido

exterminador do Quilombo do Ambrósio, além de tudo exímio sertanista?

Pamplona redobrou de cuidado. Ele sabia que os Araxás seriam adversários de valor e, por isso, só avançava à noite, temendo os espiões dos Andaiás. Certa madrugada, topa com Iboapi que, apático, aparvalhado pela desgraça, deixa-se prender sem resistência. Levado à presença de Pamplona, este, bom psicólogo, logo descobriu o drama daquela alma ferida. Pôs a serviço da coluna o ódio do índio. Iboapi será seu guia, e Catuíra, o prêmio da traição.

IX

TRAIÇÃO

Iboapi exulta. O amor de Catuíra, o ódio a Mahú e à sua gente, fazem-no, naquele momento, o Calabar dos Araxás.

Na vingança, Iboapi requinta ao sugerir o ataque para o próprio dia do casamento. Pamplona aceita a idéia. Quer repetir a tática vitoriosa no Quilombo de Ambrósio, mas para isso é mister deixar que o entusiasmo da festa e os excessos das bebidas entorpeçam e quebrem a resistência dos índios.

No dia aprazado, todos entregues à festa, abandonam os índios as medidas de precaução usuais.

Os brancos aproximam-se despercebidos. Chegam tão perto que conseguem reconhecer as pessoas do grupo central: o velho Andaiá, coberto com seus paramentos de gala, Mahú triunfante e orgulhoso; Catuíra submissa e abatida.

É então dada a ordem para o ataque fulminante. Os índios, completamente aturdidos, deixam-se matar sem a menor reação. Os atacantes avançam para o grupo central. O Andaiá vê Iboapi liderando os brancos e ruge: Iboapi é traidor!

Pamplona que, com o auxílio de Iboapi, havia colocado seus homens em locais estratégicos para o assalto, ordenou cerrado fogo sobre a grande massa indígena que, incauta, comia, bebia e dançava, festejando o casamento.

Enquanto massacravam-se os índios como carneiros encurralados, Pamplona aproxima-se do Andaiá, dando-lhe voz de prisão. Este resiste. Prefere morrer com sua gente. O arraial dos índios está completamente dominado.

Depois da matança, veio o saque seguido do incêndio das tabas. Novamente Pamplona compadece-se do velho Andaiá. Não o leva prisioneiro, nem o mata, abandona-o para que chore sozinho, o fim da tribo dos Araxás. Mas o Andaiá não sobrevive a tão fundo desgosto e morre pouco depois.

Tanto sacrifício, porém, não favorece Iboapi. Mahú consegue escapar levando a cobiçada Catuíra. Iboapi é agora repudiado pelos remanescentes da tribo, dada a sua traição. Diz-se que se juntou à caravana de Pamplona que retomava e integrou-se à civilização.

Depois da fuga, Mahú tentou reagrupar a tribo, mas a invencibilidade fora quebrada para sempre.

A libertação dos sertões dos Araxás abriu logo caminho à imigração. Levas após levas de sertanistas começaram a encher rapidamente as novas terras, famosas pelas suas águas, seu clima e sua riqueza mineral.

E assim o Triângulo Mineiro se foi povoando, não apenas com a população movediça dos faiscaidores, mas, sobretudo, com criadores e fazendeiros que vinham de longe para salgar seus rebanhos nas fontes de água sulfurosa e que ali por perto se fixavam, a fim de, periodicamente, levar o gado às fontes milagrosas que supriam com vantagem, a falta de sal do interior brasileiro, tão longe do litoral.

Tão grande e constante foi esse movimento, que se tornou necessário marcar dias, e depois, horas, para que homens e animais determinados viessem às fontes do Araxá, pois o atropelo de gado e de gente, misturando-se num vaivém constante, criava uma série de problemas que perturbavam a ordem e degeneravam, as mais das vezes, em mortíferos encontros.

X

PAUSA

Fica assim o leitor conhecendo os principais fatos, as lendas, a história e uma sucinta descrição do meio físico da região que, anos após, serviria de palco à vida de Ana Jacinta de São José, a extraordinária Dona Beija.

XI

A MENINA DOS OLHOS AZUIS

Não se escoara ainda o primeiro ano do século dezenove e uma notícia sensacional sacudiu a vida monótona e pachorrenta daqueles sertões:

— A Maria Bernarda deu à luz uma menina de olhos azuis!

- Azuis? Não é possível!
- Azuis, sim. Azuis da cor do Beijo.
- Mas como, se a Maria Bernarda é filha de índios araxanos?
- Sei eu lá? O que sei, porque vi, é que a criança parece ura anjinho louro.

Esses e outros comentários semelhantes partiam das mulheres morenas da terra e provocaram logo uma romaria à Fazenda do Mourão Rachado onde, de fato, uma índia civilizada dera à luz uma graciosa criança, de pele morena clara, que tinha, porém, os olhos de um azul tão profundamente celestial, que pareciam duas rodinhas do céu! Mistério? Milagre?

Evidentemente, nem uma coisa, nem outra, mas o certo é que do nascimento à morte, a vida daquela singular e infeliz mulher, de pai até hoje incógnito e a qual ao nascer, recebeu o nome poético de Ana Jacinta de São José, mas que, de fato, só foi mesmo conhecida por Dona Beija, parece ter sido o de atrair multidões.

Sua longa e tormentosa existência, pois viveu mais de oitenta anos, acompanharia quase todo o século passado.

Foi ela que deu graça e feitiço à história do Arraial de S. Domingos do Araxá. Não fora assim, e o recapitular dos fatos ocorridos naquela região resu-mir-se-ia a um monótono alinhar de datas. Mas Ana Jacinta, despertando paixões, salpicou de escândalos aquelas pacatas e imensas regiões, a ponto de provocar o retorno do grande Triângulo que se anexara à província de Goiás, novamente para a de Minas Gerais.

XII

MINAS OU GOIÁS?

De fato, o Triângulo de há muito já não era mineiro. Isso aconteceu quando, livre o território de negros e índios, cuidou-se de demarcar a nova terra, cuja vastidão não ficava longe dos cem mil quilômetros quadrados!

Para isso foi encarregado, em 1743, o senhor Tomaz Robim de Barros Barreto do Rego. As divisas, demarcadas de norte a sul, partiam da "Guarda do Arrependido, seguindo a linha reta a sul, à serra do Lourenço Castanho, ao Rio de S. Marcos e ao Desemboque, deste ao Rio Paranaíba e por este abaixo até tocar no Rio Grande, na Capitania de São Paulo".

Por motivos de ordem fiscal — pois a taxaçoão de Minas era bem maior que a de Goiás — os faiscadores e garimpeiros do Triângulo sonhavam em retirar tais terras da jurisdição mineira, passando-as para Goiás. A disputa nesse sentido deve ter sido violenta, à vista de um velho documento da Câmara de São Bento do Tamanduá:

"Os homens foragidos, vagabundos, insidiosos, inimigos da paz, das repúblicas, cheios de impetuosas malversações populares, em quererem fazer pertencente à Capitania de Goiás no antigo Rio das Abelhas hoje Rio das Velhas, povoado, ou conquistado desde as eras de 1737 e 1738 em diante pelos habitantes da dita capitania, a fim de ficar servindo aquela povoação de quilombo ou couto às assíduas hostilidades de violentas mortes e roubos, e aos escandalosos extravios de ouro em pó e diamantes que se transportam para todas as capitanias adjacentes, e iludirem como têm iludido o Real donativo das cem arrobas de Vossa Majestade sem atenção às leis positivas que a dirigem debaixo de levíssimas penas".

Iam as coisas nesse pé, ora mais calmas, ora mais tensas, porém, em permanente mal-estar, quando pela região surgiu um homem que iria ter influência decisiva.

Tratava-se do Padre Félix José Soares da Silva, pessoa que, segundo as crônicas da época, aliava a notável talento completa ausência de escrúpulos. Seu passado não o recomendava. Dizia-se até que fora

condenado pela Justiça de Vila Rica, a instâncias do Bispo de Mariana, a quem ele odiava.

Procurando escapar à jurisdição de tal Bispado, vislumbrou ele, na incerteza da carta demarcatória do Triângulo Mineiro, uma rara oportunidade. Com grande poder persuasivo, começou por insinuar às elites dirigentes do Arraial do Araxá, que o território do mesmo ficava dentro, e não fora, de Goiás.

Isso, porém, não era verdade. A grande região mesopotâmica era incontestavelmente mineira. Surgira para a civilização, graças às grandes entradas. Mantivera-se mineira com o estabelecimento dos arraiais povoados por faiscadores de ouro e garimpeiros das Gerais.

Luiz Diogo Lobo da Silva, Governador da Capitania de Minas Gerais, tomou a peito o problema e resolveu examinar pessoalmente os limites discutidos, e, convencendo-se da legitimidade dos mesmos, fez com que Pamplona os ocupasse.

Isso em 1766.

Apesar de tudo, o movimento separatista recrudescera a ponto de a Câmara de São Bento de Tamanduá, sentindo o perigo, deitar nova proclamação:

"Para nenhuma das mencionadas explorações, providências e conquistas concorrem auxílio, gente, despesa, ou outro algum subsídio da Capitania de Goiás. Antes, todos aqueles longínquos e vastíssimos sertões têm sido demandados, penetrados, posseados até o presente em que atualmente se acham por ordem auxílios e eficazes providências dos Excelentíssimos Senhores Gerais e Governadores da Capitania de Minas Gerais, concorrendo com graves despesas para as repetidas bandeiras que combateram a muitos gentios e perigosos quilombos, não só o povo e Câmaras de toda a Capitania, como fica dito, mas ainda a muitos particulares e como especialidade o Mestre-de-Campo, Regente Inácio Correia Pamplona".

Pouco valeu então o argumento histórico. O imposto escorchante da Capitania de Minas Gerais, a tristemente famosa "derrama" falava mais alto que tudo. A anexação pura e simples a Goiás, com direito ou sem direito, significava a libertação do pesado tributo, a possibilidade de um

trabalho produtivo cujos lucros não fossem parar nas mãos indolentes e rapaces do Fisco d'El-Rei.

Eis aí o motivo real do sucesso da campanha pró-Goiás do Padre Félix, cognominado "O Pequenino", dada a sua pequena estatura.

Vendo quanto o trêfego prelado representava de perigoso para a causa mineira, o Governador Lobo da Silva muniu-se de uma ordem de prisão do Cabido de Mariana e deteve o padre, mas ao ser ele transportado para Vila Rica, o Governador, desconcertadamente, relaxou a prisão, justificando-a... "tendo em conta o seu caráter eclesiástico" e "a ver se melhorava de produzir apaixonadas idéias o seu orgulhoso espírito, fazendo nutrir no seio daqueles habitantes que a transportação para Goiás lhes era mais útil do que a obediência às justiças civis e militares de Minas". Pelo visto, foi o Padre Félix a alma do movimento. No ânimo popular encontrou perfeita correspondência com os seus propósitos e interesses. Tanto os habitantes do Rio das Abelhas, como o ardiloso sacerdote, só queriam era liberdade para os contrabandos e davam tudo para se esquivarem à *derrama*. Assim, o Padre Félix foi ter com o Governador de Goiás, D. João Manuel de Melo, a quem logrou convencer de que aquela paragem era novo descoberto. No entanto, aí existiam cento e vinte habitantes e autoridades instituídas pela Capitania de Minas, havia mais de vinte anos, segundo documentação autorizada.

Em recompensa obteve o Padre Félix nomeação para Vigário da Capela do Senhor Bom Jesus, com amplos poderes eclesiásticos. Mas, o Cabido de Mariana e o Vigário de S. Bento de Tamanduá, tinham expedido contra ele ordem de prisão. Nessa conjuntura, receoso de exercer as suas funções, desceu de canoa até Sabará, onde se envolveu em novas tropelias.

A Capitania de Goiás ganhara a partida, pois, sumindo o Padre Félix, o Governo de Minas Gerais relaxou sua pressão sobre o Triângulo, a ponto de à 4 de agosto de 1788, haver o Padre Antônio Alves Machado celebrado a primeira missa nos sertões de Araxá e, ao terminá-la, solenemente afirmou a posse da terra para a Vigairaria de Goiás.

XIII

SUA EXCELÊNCIA O OUVIDOR

Talvez o Triângulo Mineiro até hoje não fosse mineiro e continuasse território goiano, não brilhassem, certa feita, demasiadamente, os lindos olhos azuis de Dona Beija.

Despontava o ano da graça de 1816 quando um certo dia de verão, pesado e úmido, Araxá engalanava-se para receber luzida comitiva. Era o próprio Ouvidor do Rei que estava a chegar.

Desincumbindo-se de suas altas funções, tinha o Ouvidor, naquele tempo, entre outras, atribuição inspecionadora e carregadora, para depois dizer ao próprio soberano, por escrito ou de viva voz, o que ouvira da nobreza, povo e clero espalhados paios vastos territórios brasileiros sob o domínio da coroa dos Braganças.

Fazia ele, então, para tal fim, longa e penosa caminhada pelo interior agreste. A viagem durava meses e apesar de todas as facilidades que tinha em função do cargo, nem assim deixava de oferecer grande incomodo.

O Ouvidor, como que um embaixador pessoal do próprio Monarca, no desempenho de tais funções, não estava adstrito à autoridade local.

O trabalho, posto que de grande responsabilidade e realce, não era afanoso quando a correição se limitava aos povoados do litoral e aqueles do recôncavo próximo, mas, à medida que o Brasil crescia no sentido horizontal, de este-oeste e a ponto de hoje ser maior nessa direção que na de norte-sul, a visita aos povoados internos se tornava cada vez mais penosa e demorada.

O senhor Ouvidor, portanto, quando pleiteara e conseguira o alto e honroso posto só calculou bem o sacrifício que se impôs, quando apareceu pela frente o sertão bruto por vencer, para atingir os arraiais longínquos cuja população reclamava a presença do representante pessoal do Rei.

Dispusera-se, afinal, à longa caminhada.

Araxá, então parte da Capitania de Goiás, como já vimos, seria um dos pontos mais profundos por atingir, já de retorno ao Rio de Janeiro pela Capitania de São Paulo. Mal poderia ele prever, que o pacato arraial

goiano oferecer-lhe-ia a maior tentação de sua vida, uma tentação arrasadora a que ele sucumbiria, deixando desmoronar a organização de sua cuidadosamente planejada vida, familiar e política.

E a população de Araxá então?

Homens de prol e gente humilde, se eles pudessem prever que a passagem do Ouvidor seria como que um terremoto em suas vidas, jamais teriam pleiteado, com tanto afã e persistência, a presença do senhor Dom Joaquim Inácio Silveira da Mofa!

Tudo o que o modesto arraial do Araxá podia dispor e oferecer para agasalhar com garbo o senhor Ouvidor fora providenciado.

Mensageiros cortavam a galope as picadas para informar os habitantes de toda a redondeza a hora certa da chegada da comitiva. As mais ricas alfaias ornavam as sacadas das janelas das moradas coloniais, caiadas para a ocasião de cores vivas, como o rosa, o branco, o azul e o amarelo; depenaram-se mangueiras frondosas, de sua folhagem, para juncar o solo de saibro batido com um manto verde, e como não chovia há muito, escravos carregados de baldes, como um formigueiro negro, iam e vinham desde o raiar do dia, lançando águas às ruas, para que a cavalhada não levantasse poeira.

Precisamente às nove horas da manhã, ia alto o quente sol de janeiro, quando a comissão de recepção dos grandes do arraial se pôs em contacto, sob artístico arco de triunfo feito de bambus imperiais entrelaçados, ostentando a bandeira do Reino Unido, o pátio dos Braganças e a flâmula pontifícia amarela e branca, com a comitiva do Ouvidor.

E, ao alegre bimbalar dos sinos, cortados com o estrondo dos rojões, Sua Excelência o Senhor Ouvidor, ostentando vestes de gala, entrava triunfantemente no Arraial de S. Domingos do Araxá.

Era a primeira vez que tão algo dignitário de Sua Majestade Fidelíssima o Rei de Portugal, Brasil e "Algarves atingia as terras dominadas anos atrás pelos altivos araxanos, desde quando se teve notícia delas, pelo relato do famoso sertanista chamado Lourenço Castanho Taques.

XIV

PREPARATIVOS DE FESTA

A comitiva do Ouvidor era bem maior que se esperava. Avaliavam-na em cerca de cinqüenta homens, mas à medida que avançava interior adentro a ela iam aderindo membros de outros arraiais, de modo que, naquela manhã, mais de duzentos forasteiros desembocaram abruptamente no Araxá. Era Wuita gente, de uma só vez, para o vilarejo.

Os soldados, sobretudo, qual marujos que aportam após longos meses no mar, lançavam olhares gulosos às lindas caboclas do Arraial.

Que belas e diferentes eram elas comparadas às demais mulheres do interior!

Eram só os homens que se lançavam na aventura das grandes penetrações. As mulheres, sobretudo as brancas, vinham depois, muito depois e enquanto não chegavam, cresciam os povoados novos graças ao cruzamento do pioneiro com a negra escrava ou com a índia capturada.

Mas no Araxá tudo fora diferente. Por quê?

— Porque, quando os homens de Pamplona destruíram os araxanos, raptaram, numa repetição da sabinada romana, grande número de índias e seus descendentes ali estavam, representados nessa rija população de caboclos fortes e caboclas lindas, uns mais bronzeados, outros menos, outros até alourados, com um tnatiz de olhos que variava do preto azeviche ao azul translúcido dos europeus aos mais obliquamente mongólicos do índio brasileiro. Mas o fato é que todos eles ostentavam tez rosada e sadia, que contrastavam com o aspecto macilento das gentes de outras terras.

Seria a água das fontes do Araxá a causa do aspecto saudável dos filhos do local?

Ai, porém, de quem da comitiva transgredisse as ordens severas do Ouvidor se se fizesse de engraçado com as moças dos arraiais! O Ouvidor ali estava encarnando a presença augusta do Rei para distribuir Justiça, proteger o fraco, castigar o déspota e a lei primeira que o Ouvidor impunha, lei que ele mesmo, homem severo e de irreprochável austeridade cumpria a rigor, era a do respeito. Ai de quem se deixasse

apanhar em fraquezas da carne ou em atitudes debocha-doras! Um carrasco oficial não acompanhava a comitiva por mero acaso, e ao rufar macabro dos tambores, mais de um fora pendurado aos galhos do caminho, como exemplo aos outros e prova da inflexibilidade do chefe. Como toda a gente da redondeza, Ana Jacinta agora moça, ostentando beleza rara que mais lhe realçava a graça de seus dezesseis anos — a quem só chamavam de Dona Beija pelo azul água-marinha de seus grandes e meigos olhos — viera ver de perto a festa da chegada. Como^mge fosse sua morada, não pôde chegar a tempo de assistir à imponente entrada do brilhante cortejo. Seus tios, com quem vivia, desde que perdera a mãe; eram gente humilde e paupérrima, gente que a velhice tornara indiferente e que não se abalaria do longínquo roçado só para ver o Ouvidor ou quem quer que fosse. Preferiram vestir a moça da melhor maneira possível e deixaram-na ir ao povoado escoltada por um velho e fiel escravo que servia de pajem. Enfeitaram-na como melhor puderam e fizeram-no, aliás, tão bem, que mais parecia em seu sóbrio traje de amazona uma fidalga que uma simples filha do povo. Deixaram-na partir, orgulhosos da beleza da sobrinha e acompanharam, com olhar embevecido, seu porte airoso realçado pela montaria até que, na primeira curva da estrada, ela sumiu seguida do pajem num trote alegre e alvoroçado.

O BANQUETE INTERROMPIDO

Quando Ana Jacinta e seu velho pajem atingiram Araxá, já as efusões da chegada do Ouvidor e sua comitiva haviam amainado.

As boas-vindas que uns, mais exaltados, vendo nele o reflexo da própria figura do Rei, e outros por mera sabujice, levaram ao extremo de um ridículo beija-mão, já tinham sido dadas, bem como realizada já fora a missa solene em que se rendeu graças ao Todo-Poderoso pela feliz chegada de tão nobre e alto dignitário.

Por isso a grande praça, desabrigada de árvores e asfixiante de mormaço a todos afugentara. Por ser hora do almoço, abrigavam-se os convivas sob vasto caramanchão coberto de sapé, recém-construído justamente para o evento festivo.

Ao centro da mesa os grandes da terra banqueteavam o Ouvidor, que tinha à direita o vigário do Arraial e, à esquerda, o Presidente da Câmara. Os demais arrumaram-se de acordo com a hierarquia conferida pela posição e a idade, até que nas duas extremidades da mesa, aboletavam-se os agregados e homens de armas da comitiva, a par com os mais humildes habitantes do Araxá.

Dir-se-ia que maldoso acaso armara o cenário teatral para a chegada da moça.

O grande almoço terminava, farto em carnes e pescados, copiosamente regado a vinho e com as misteriosas águas das fontes límpidas do Araxá. Mal o apetite serenava e ei-lo novamente acicatado pela presença de grandes tabuleiros caprichosamente arrumados e cheios de guloseimas, frutas e doces que os escravos traziam com fartura.

O morno ambiente pesava sob a pressão dos alimentos excessivamente ingeridos. Soprava uma brisa tão discreta, que mal dava para balouçar o pano das bandeiras, convidando todos para o torpor da sesta em redes de palinha trançada e, por isso, as pálpebras dos convivas baixavam sobre olhos fatigados, fugindo à luz que brilha tão intensamente nos grandes planaltos.

Levantou-se o presidente da Câmara para a saudação oficial.

Fez-se silêncio. Os escravos suspenderam o serviço obedientes ao sinal do feitor, promovido na ocasião a mordomo. Cessou, como por encanto, o tilintar de copos e talheres. Até os arrotos fortes, de bom tom na época, pois denotavam satisfação e saciedade, foram se transformando em pequenos soluços abafados, enquanto os presentes, inclusive o Ouvidor, mal escondiam a expressão de tédio, pela ameaça de um novo discurso que se adivinhava longo e maçante, a avaliar pelos grossos rolos de papel que o orador pomposamente empunhava.

Foi quando algo de inenarravelmente belo ocorreu.

Não muito longe, bem no alto da colina que a estrada inclinada trazia ao centro da praça, surgiu Ana Jacinta montada a cavalo.

Seus cabelos louros e soltos fulgiam ao sol do meio-dia e sua beleza realçava-se pelo contraste de seu pajem velho e feio. O traje cinzento de amazona modelava-lhe a cintura fina, de onde emergia o busto bem lançado que permitia adivinhar a perfeição de um corpo de mulher ostentando as primeiras pompas da maturidade.

Ninguém poderia ficar indiferente à súbita presença da moça.

Para aqueles cujo espirito podia elevar-se, Ana Jacinta lembraria um anjo, uma aparição celestial em forma de mulher, mas para os que estivessem com os sentidos a rastejar, ali estava em carne e osso a mulher-sensação, a mulher-pecado, a eterna perturbadora.

Ao aproximar-se com naturalidade do centro do grupo, não avaliava ela que marcharia para o fim de sua meninice.

Ágil, ela apeou, passando a rédea do seu cavalo ao pajem, que permaneceu montado e vencendo uns momentos incertos de timidez, virou-se para o grande Ouvidor, fazendo-lhe graciosa reverência.

Seguiram-se instantes arrastados de estupor. Ela com seus lindos olhos de azul profundo fitando a figura madura, porém ainda esbelta e varonil do Ouvidor, impecavelmente trajado e que tardava em retribuir a gentil homenagem.

Ele levantou-se afinal e, sem dizer uma só palavra, sem um gesto sequer de agradecimento à cortesia da moça, para ela dirigiu-se a passos inseguros, seus olhos cravados nos dela.

Era incomodamente sensível a todos os presentes, que o fascínio da Ana Jacinta tonteara o Ouvidor e tal era a expressão do homem ao caminhar para ela, que a menina recuou. O instinto lhe dizia que ela enfrentava, pela primeira vez, um homem cujos sentidos ela perturbara profundamente.

Assustada, ela recuou, galgando rapidamente a montaria, e soltando uma risadinha nervosa, fez meia volta e deu rédeas ao cavalo que disparou em desabrido galope.

Em menos de dois minutos Ana Jacinta sumira atrás da colina seguida do pajem espavorido e, no meio da praça mormacenta, via-se apenas a figura ridícula do grande Ouvidor, desarvorado, aparvalhado, pisando inseguro sua própria sombra.

De repente, aquele homem sisudo, morigerado, disciplinado e aparentemente austero, parecendo tocado por uma faísca do inferno, desandou a gritar como um possesso, para seus homens de armas, uma ordem dementada:

— Peguem-na! Peguem-na! Depressa, animais! Não a deixem fugir!

XVI

O RAPTO

A princípio, os homens do Ouvidor, apesar de seus berros, quedaram-se indecisos.

Que lhes ordenava o amo? Que fossem ao encalço duma mocinha de dezesseis anos e a prendessem como um malfeitor?

Mas o Ouvidor não lhes deu tempo para muito pensar e repetindo, como um insano, a ordem de prisão, aos urros, em tom que antes não lhes era familiar, eles logo se contagiaram com o sentido da ordem inesperada e cambaleantes de vinho, todos se lançaram à sela e a caçada à Dona Beija começou.

Embora ela levasse de vantagem alguns minutos sobre os seus perseguidores, não teve idéia de procurar esconderijo seguro. Pensando que a extravagância do Ouvidor terminasse ali mesmo, julgou que a presença dos grandes do Arraial, inclusive a do eclesiástico, seria bastante para por fim ao ridículo da cena que ela, involuntariamente, desencadeara.

Enganou-se.

O Ouvidor, ou porque embriagado, ou porque — preferem essa versão as crônicas da época — estivesse sob o domínio das enfeitiçadoras águas do Araxá, mandara às urtigas conveniência e aparência. Sua violenta e punidora austeridade, inflexível quando se tratava de reprimir deslizes alheios, era mais aparente que real. Quando a tentação fustigou-lhe os sentidos já no outono de uma vida que se ia sem grandes sensações, o quarentão não encontrou força bastante para deter, ou pelo menos desviar o aluvião de desejos descontrolados que acabavam de romper os diques do racional e a besta humana explodiu em Sua Excelência o grande Ouvidor, em intensidade equivalente à grandeza de sua posição política e social.

Quando Ana Jacinta e seu pajem, de volta ao roçado caseiro, montando as velhas alimárias, notaram que estavam sendo perseguidos, já era tarde para fugir. O velho e fiel escravo colocou-se à frente de sua querida

sinhazinha, brandindo o chicote, única arma que possuía, numa atitude de defesa mais simbólica que real.

Com uma gargalhada boçal um brutamontes avinhado desembainhou a espada, trespassando-a no pobre negro, que caiu agonizante.

Ana Jacinta estava cercada.

O Ouvidor estaca e fita longamente a presa. Parecia começar a meditar sobre a violência dos fatos tão rapidamente desencadeados.

Ainda havia tempo para recuar. É verdade que um homem, estertorando a seus pés, entrava na agonia da morte. Mas que valia então a vida de um pobre escravo?

Pensaria ele em retornar ao Arraial de Araxá? Teria coragem de enfrentar o olhar da gente dali depois de tão grande escândalo? Depois do que fizera? E como explicar o assassinato do velho pajem? Em meio a esses pensamentos tumultuados o acaso fê-lo notar que, para a direita, um pequeno vale se desenhava tendo ao fundo uma habitação modesta cercada de um roçado de milho. Tomou rápida decisão:

— Esvaziem a casa! — ordenou.

A ordem foi rapidamente cumprida. Gritos desesperados de mulher, choro de crianças, granidos de porcos e cacarejos de galinhas espavoridas, precederam o rápido e sumário despejo.

Terminado o assalto, o Ouvidor apeou-se e foi pessoalmente inspecionar a morada com o capitão da guarda.

- Lugar infecto, resmungou mal-humorado. Enfim, não há outrol. Tragam as mantas e também a menina, mas com delicadeza, acrescentou revelando ainda um resquício de fidalguia. Depois cerquem o vale de homens armados e que ninguém me perturbe enquanto eu não chamar. Se alguém quiser incomodar, seja quem for, a ordem é atirar. Está claro?
- Está claríssimo, senhor Ouvidor, respondeu o Capitão, em tom subserviente enquanto saía para cumprir a ordem. Aproximou-se de Ana Jacinta e fê-la apear.

Desesperada, ela pôs-se a gritar por socorro. O homem aborreceu-se e sussurrou impaciente:

— Cale a boca, menina. Não vê que não adianta gritar? Quem mandou você aparecer na praça na hora do vinho? Agora, o melhor é ficar quietinha e ainda dar graças a Deus que foi o Ouvidor, e não outro, que lhe quis. E sem mais cerimônias ele a foi empurrando para o casebre do vale.

Pelas faces contraídas e tristes de Ana Jacinta de São José começavam a rolar, silenciosas e amargas, as lágrimas de resignação.

O céu escurecera. Uma sucessão de raios, trovões e logo a seguir desandou a chover. Era um dos costumeiros temporais de verão, acompanhado de aguaceiro, aliviando a pressão atmosférica da tarde quente.

XVII

RUMO A PARACATU DO PRÍNCIPE

Quanto tempo passou o Ouvidor com sua presa na modesta casa do vale? Ninguém sabe ao certo e tudo que dizem em torno desse assunto transborda da especulação à lenda.

O que se pode afirmar é que o Ouvidor, serenada a primeira onda de paixão furiosa que o acometeu e assim que seu raciocínio retornou ao equilíbrio, viu-se diante de sério e complexo problema.

Continuar no Araxá não era possível. Seus homens, após o triste exemplo do chefe e aproveitando o interlúdio amoroso, entregaram-se aos mais bárbaros excessos. Saquearam à vontade a propriedade privada, repetindo em grande escala os desmandos contra a população inerme, principalmente contra as mulheres cuja honra passaram a desrespeitar.

Tornar de onde viera, ao lar, e ao meio social que o cercava, isso era algo que não podia cogitar agora. A notícia do escândalo espalhou-se. Emissários montando os mais ligeiros cavalos da terra, partiam em todas as direções a pedir socorro aos arraiais circunvizinhos, a alertar os homens válidos da região contra os desmandos do Ouvidor e de toda sua soldadesca. Dentro de dois ou três dias mais, todo o sertão estaria em armas contra ele.

Além disso, soubera que uma comissão dos homens mais idôneos no local seguira logo para representar ao Governador de Goiás — pois Araxá ficava então, sob a jurisdição goiana — relatando aquilo a que já chamavam ali o maior crime do século.

Urgia, pois, sair dali, e quanto mais depressa melhor, passando logo para as terras de Minas Gerais cujas autoridades não teriam competência para reprimir crimes cometidos em outras Capitânicas e onde, com sua fidalga arrogância ser-lhe-ia fácil ressuscitar o temor reverenciai que o Ouvidor d'El-Rei inspirava à gente humilde do interior.

E a moça? Que faria dela agora? Deixá-la-ia? Levá-la-ia?

Esse, o problema mais sério.

O impulso que o fizera agir, de maneira tão louca, como um irracional a desafiar as ordens do seu Rei, a esquecer sua família legalmente

constituída e a religião dos seus maiores, dominara-o demais.

Era homem de meia-idade. Pensava ter experiência da vida. Supusera que as aventuras amorosas eram imagens passadas, boas apenas para recordar. Mas aquela meninal Aquela Ana Jacintal Aquela Dona Beijai Não foram só seus instintos que ela perturbara, mas também a sua própria razão.

Possuía-a. Possuía aquele corpo palpitante de virgem apavorada. Pela força. Pela brutalidade. Pela enorme e covarde vantagem que a posição social lhe dava.

E daí? Dissera-lhe no paroxismo da paixão, talvez envergonhado do que fizera, usando para isso de frases banais e pouco imaginosas, que ela seria o sol do outono de sua vida, de sua vida faustosa, mas vazia de amor.

Ela respondera-lhe, e foram essas as únicas palavras que proferira, palavras abafadas de vergonha e tristeza, mas indicativas já da mulher dominadora que ela seria um dia:

— Dizem que o sol quando nasce, nasce para todos, mas hoje, ai de mim, seria melhor que ele tivesse deixado de nascer, a iluminar este chiqueiro! Que desejaria dizer? Referia-se apenas ao tosco local como chiqueiro, ou seria ele o grande porco?

Aquilo ferira-o como uma bofetada. Nunca mulher alguma ousara insultá-lo, e agora essa selvagemzinha do sertão, ao invés de agradecer e honrar-se com as atenções do Ouvidor do Rei, cuspiu-lhe do fundo de sua impotência, todo o seu asco, todo o seu orgulhoso e indomável desdém.

Isso não pararia assim! Aquela mulher ainda quere-lo-ia! Ele ainda a faria roer-se de ciúmes.

Por quê?

Porque sua vaidade o exigia.

Vaidade? Só vaidade?

Antes da madrugada do segundo dia que se seguiu a esses fatos a comitiva pôs-se de novo em marcha.

Atravessou o Arraial do Araxá à luz das últimas estrelas.

Casas fechadas, portas barricadas com trancas de ferro e móveis pesados. Precos abafados e um temor de vila ocupada como em tempo de guerra, ficaram para trás.

O Senhor Ouvidor e sua comitiva fugiam na calada da noite, ao contacto da gente que lhe estendera a mão hospitaleira e confiante e a qual ele atraíçara.

O objetivo agora era alcançar Paracatu do Príncipe, para dentro das terras da Capitania de Minas Gerais.

XVIII

O TRIÂNGULO VOLTA A MINAS

Agora era agir, e agir rápido. Velha quizília que o Ouvidor mantinha com o Governador da Capitania de Goiás, daria a este rara oportunidade de vingança.

Então o senhor Ouvidor do Rei, em andanças de correição, vinha à sua Capitania para ouvir queixas e distribuir Justiça, e era justamente a comitiva dele, com Sua Excelência à frente que, como um vendaval apocalítico desabava sobre o inerme e confiante Arraial do Araxá, em tropelias de toda ordem, culminando em estupro e homicídio?

Era inacreditável!

Ora, da gente do Triângulo, pouquíssima ainda se lembrava das causas que, cerca de quarenta anos antes, fizeram com que aquelas terras desincorporassem da Capitania de Minas Gerais para se anexarem às de Goiás.

Além disso, Goiás, esquecida no fundo da terra brasileira, só exercia uma jurisdição simbólica naquela região, presa como vimos, por fatalidade geográfica, muito mais a Minas Gerais cuja influência se fazia sempre mais sentida que a de qualquer outra Capitania.

É verdade que, com a criação da Capitania de São Paulo, desmembrada da de Minas Gerais, teria sido possível, talvez, carrear para a nova Capitania as terras do Triângulo, mas, como à época elas estavam sob jurisdição goiana, disso ninguém cogitou.

Sabia o esperto Ouvidor que, dois anos antes, os próprios moradores do local haviam enviado um emissário ao Rio de Janeiro, rogando a D. João que permitisse a reincorporação a Minas Gerais de toda aquela região. E ele mesmo acabava de ouvir dos grandes da terra, dos discursos proferidos no interrompido banquete, quando chegara ao Arraial, ser esse um objetivo acalentado pela gente inquieta da região que, mais tarde, tentaria a autodeterminação governamental com foros de Província a parte no Império, e até de Estado Federado na República. Fora mesmo instado para que pusesse o peso do seu prestígio em favor da causa reincorporada do Triângulo à Capitania mãe, de Minas Gerais.

Nunca com isso se preocupara. Que lhe importava se esses longínquos sertões integrassem os vastos territórios das Capitanias de Minas ou as de Goiás?

A situação agora, porém, mudava inteiramente de aspecto. Se o Triângulo, e com ele o Arraial do Araxá tornasse a Minas Gerais, automaticamente a autoridade que deveria procurar punir o crime não seria mais a goiana e sim a mineira. Suas relações com a governança de Minas eram ótimas e, lá, ele contaria a história a seu jeito, de modo que a narração à autoridade suprema do Rei não conteria a causticante agressividade que o Governador de Goiás poria, sem dúvida, no relato do crime de seu inimigo. Além disso, haveria o fator tempo a ganhar. A emoção esfriaria com o esquecimento, e os próprios araxaenses e araxanos não poderiam senão lançar a seu crédito a de-sincorporação da retrógrada capitania de Goiás, muito embora soubessem que, no fundo, o que lhe moveria à rápida ação não seria a participação de um ideal, mas sim o instinto de conservação.

Se assim pensou, melhor agiu.

Antes mesmo de atingir Paracatu do Príncipe, destacou logo, da comitiva, gente de sua confiança, a qual rumou diretamente para o Rio de Janeiro, levando seu integral apoio ao pedido de reintegração do Triângulo a Minas, reforçando o pedido anterior da gente da terra. Homem prático, fez logo ressaltar as vantagens fiscais que daí adviriam.

Tudo isso pesou. O Ouvidor tinha prestígio e até então bom passado moral, o que lhe dava autoridade para pleitear a favor do povo.

Pouco tardou a concordância Real e a 4 de abril de 1816, Carta Régia desintegrava o território contestado de Goiás, passando o de novo a Minas Gerais, cerca de três meses, portanto, após o rapto de Ana Jacinta. Um recorde de celeridade a vencer distâncias, num século em que o cavalo era ainda o único meio de transporte.

Joaquim Inácio Silveira da Mota respirou aliviado. A Justiça dos homens não o importunaria mais. O Governador de Goiás nada poderia agora contra ele e as autoridades mineiras estavam por demais gratas pelo serviço prestado à velha Capitania ao dar-lhe de volta os territórios cobiçados, de modo que não seriam episódios como o rapto de uma moça e a morte de um escravo que importariam num momento desses.

Foi assim que Minas Gerais ficou devendo a Ana Jacinta, a famosa Dona Beija, a reconquista pacífica das terras do Triângulo.

A França deveu a integridade de seu território, em certo momento histórico decisivo, ao martírio de Joana D'Arc.

O Triângulo Mineiro é hoje mineiro e não goiano, graças ao sacrifício de Ana Jacinta.

A primeira foi queimada como bruxa para depois ser elevada à santificação. A segunda foi estuprada para depois baixar aos infernos da prostituição.

Não estamos comparando, nem traçando paralelos, nem mesmo procurando tirar ilações. Mas por que estranha associação de idéias uma nos lembrou a outra? Será porque no destino de cada um, como uma escada em que se sobe e se desce, há um momento em que se pisa o mesmo degrau?

XIX

ASSIM QUE CESSAREM AS CHUVAS...

Mutação de cenário.

O tempo rolou. Cerca de dois anos já se passaram desde o rapto de Ana Jacinta.

Estamos, agora, em Paracatu do Príncipe, mercado de pedras raras, pois aí convergiam os sertanistas do Norte, Sul e centro, os quais após garimparem em Minas e Goiás, vinham barganhar com os comerciantes do litoral a troca de seus achados por dinheiro contado, víveres, gado e toda a sorte de utilidades.

Ali imperava Dona Beija, alçada à posição de favorita do Ouvidor, o mais alto dignitário que com ela ostensivamente aparecia, como se fora de direito sua mulher. Ninguém ousava interpelá-lo sobre a legalidade de tal união, e embora cochichassem narrativas romanceadas do crime do Arraial do Araxá, ninguém permitia que o comentário passasse dos murmúrios.

Como era bela a jovem mulher! Que ar senhoril e aristocrático o seu porte airoso, e com que olhar dominador enfrentava a maledicência feminina e a concupiscência masculina!

Dona Beija tronejava com uma grandeza de estilo, digna das grandes concubinas de Versalhes, e embora se conhecesse a irregularidade de sua vida com o Ouvidor, sua presença era disputada como galardão social.

Mas se tudo corria assim pomposamente, em seu aspecto externo, a vida íntima entre ela e o Ouvidor emborrascava-se cada vez mais.

— Em abril, daqui a quarenta dias, mais ou menos, assim que cessarem as chuvas, rumaremos para a Corte, condescendeu em informá-la, certo dia, ou mais precisamente certa noite, o Ouvidor.

Falava em tom afetadamente despreocupado. Verdade é que tencionava dizer isso há mais de uma semana, mas aguardava momento propício para fazê-lo. Não sabia como ela reagiria.

Aliás não mais se enganava. Aquela mulher que ele raptara, logo após a puberdade, aquela menina que fora o primeiro a possuir, até hoje não se

rendera. A convivência prolongada não os aproximara e a intimidade, imposta pelas circunstâncias, pesava cada vez mais.

D. Joaquim Ignacio não tinha, porém, motivo aparente para nada reclamar. Dona Beija era passiva como uma escrava e à sua obediência aos seus desejos aliava-se uma irreprochável lealdade. Era-lhe, porém, impossível dar àquela vida, o calor do afeto consentido e partilhado e, isso, que ele esperara conseguir com o tempo, tornava-se, ao contrário, cada vez mais inatingível, exasperando-o até as fronteiras da demência.

Naquele crepúsculo de verão, porém, ele resolveu tudo arriscar. Chovia forte. Chuva pesada de fevereiro que apenas dava para refrescar.

Mal soaram as seis horas, apressou ele o jantar. Solicita, a escrava trouxe a terrina de canja, succulenta e fumegante, com folhinhas de hortelã perfumando a sopa, mas, após umas colheradas sorvidas às pressas, ele nada mais quis comer.

Definhava visivelmente o senhor Ouvidor nesses últimos tempos, sobretudo depois que recebera ordens reiteradas e terminantes da Corte, para voltar ao Rio.

Com elas viera, também, uma carta lacrada do seu grande amigo o Príncipe D. Pedro, o futuro Imperador. Dizia-lhe, confidencialmente, que a esposa do Ouvidor, em plena cerimônia de beija-mão real, explodira em soluços, pedindo a D. João que fizesse voltar o marido dessa interminável comissão que durava mais de dois anos, e cujos rumores escandalosos, grande abalo lhe causavam. Que voltasse logo, dizia o Príncipe, pois já se murmurava demais sobre a estranha aventura, responsável por tão longa permanência no sertão.

Terminada a refeição, recolheu-se o Ouvidor logo ao aposento que, por sinal, não era uma alcova. É que Dona Beija desprezara a alcova como dormitório, contrariando racionalmente o costume anti-higiênico da época. Preferira transformar, para isso, um dos amplos salões do casarão, com luz e ar diretos com grandes janelas que davam para a rua.

Ele achara graça, a princípio, na idéia da mulher e concordara com os seus desejos. Aliás, logo convenceu-se de que ela tinha muita razão. O clima de Paracatu, geralmente quente, fazia com que a alcova mal arejada se tornasse abafada.

Tirou as botas, recostando-se no amplo leito de espaldares, cercado de cortinados protetores contra os impertinentes mosquitos, sempre mais numerosos na quadra quente. Deitou-se e fingiu modorrar, mas com seus

olhos semi-cerrados, acompanhava os gestos da mulher que o seguira, como de costume, ao dormitório.

Ela não estava, evidentemente, com sono. Deixou-se ficar por muito tempo como que perdida em pensamentos, a testa colocada à veneziana, olhando por entre as frestas a chuva que cala, aparentando estar engolfada em um longo cismar.

Só muito depois é que, lentamente, começou a libertar-se das complicadas roupas da época. Primeiro o vestido como a saia a roçar o chão. Depois o corpete, anáguas e mais anáguas, até que o corpo escultural surgiu livre e nu, em todo o esplendor da mocidade.

Parecia incrível mas era a primeira vez que ele a contemplava assim. De hábito, ela despia-se recatadamente, atrás do grande biombo chinês e dali só saía já de camisola. Aquela atitude inesperadamente impúdica, assombrou-o de tal modo que o aparvalhamento dominou a principio todas as outras sensações.

Será que ela o supunha adormecido, ou considerava-o já coisa tão sem importância que nem sequer se incomodava se ele a estivesse vendo ou não?

Enquanto ele se torturava com tais pensamentos, ela movia-se no quarto com a desenvoltura de um felino. Suas mãos hábeis e ligeiras apanharam os cabelos louros que lhe caíam, fartos, sobre os ombros. Enroscou-se com elegância natural num amplo coque que lhe descobriu a nuca e o pedestal formoso do pescoço.

O cabelo suspenso parecia tornar sua nudez superlativa. A luz indecisa do crepúsculo ainda invadia o aposento através das frestas das venezianas, desenhando sobre o alvíssimo corpo listas discretas em meios tons da penumbra e claridade.

Apanhou a camisola. Dispunha-se a vesti-la e caminhar para a cama, quando, num muxoxo de arrependimento, mudou de pensar e de direção. Ou porque a cama não se apresentasse hospitaleira, naquele principio de noite quente, ou porque a proximidade do homem desleixado a desgostasse, o fato é que ela se deixou ficar hesitante entre a cama e a marquesa. Decidiu afinal pela marquesa e estirou-se sobre a frescura da palhinha aberta que imprimia em sua pele o desenho dos pequenos hexágonos do trançado.

Entre a cama e a marquesa, três passos apenas os separavam. Nessa altura, já a escuridão da noite borrascosa fizera enegrecer tanto o aposento, que o Ouvidor não conseguia mais ver Ana Jacinta.

A chuva continuava. Monótona, igual, enervante. Só se ouvia o barulho da água; copiosa tombando em ritmo regular, cortado às vezes pelo bater dos ferros — uma égua, que se colara ao muro da casa, debaixo da janela, para proteger-se sob o vasto beiral.

O Ouvidor levantou-se e, às palpadelas, foi em busca da mulher.

- Vem, disse ele, segui ando-lhe o braço.
- A cama está quente demais, protestou ela.
- Vem.
- Não.

Estaria ele ouvindo certo? Ela dissera não!

Desafiava-o, então? Puxou-a irritado. Ela reagiu. Seguiu-se um simulacro de luta corporal, em que o homem levou a melhor.

Naquela noite, o Ouvidor sentiu, pela última vez, a ilusão da conquista, ilusão que durou pouco, pois, quando julgou azado dizer:

- Em abril, daqui a quarenta dias, mais ou menos, assim que cessarem as chuvas, iremos para a Corte, teve como resposta uma desconcertante gargalhada.
- Para o Rio? Era só o que faltava!

Ele estranhou o inesperado tom de desafio de quem lhe fora sempre tão submissa.

- Você não quer conhecer a Corte?
- A Corte não me interessa.
- Você irá para lá, se eu quiser.
- Para que me quer lá?
- Porque eu quero você sempre. Aqui, lá, em qualquer lugar. Sempre ao pé de mim.

- Sim, você me quer sempre atrelada a você. Paa§ servi-lo, parece que sirvo.
- Não é isso. Você sabe que eu gosto de você.
- Essa declaração de amor vem tarde. Você me quer porque sabe e sente que eu não gosto de você e ainda pensa que pode quebrar minha vontade, como já quebrou minha vida. Mas para o Rio não vou. Se você me quiser mesmo, fique por aqui. Eu sou filha do sertão e do sertão só saio morta. Aqui todos me respeitam, porque sou a moça do Ouvidor. Na Corte você tem sua mulher, sua família, seus fidalgos e eu, para onde irei? Para uma casinha de mulher largada, onde você irá me ver quando sua mulher o enfezar ou quando a Corte de São Cristóvão o aborrecer. Tudo isso, bem entendido, quando você tiver tempo, ou não estiver muito cansado. Pois fique sabendo que não sou mulher para uma colocação de segunda classe. Você não pediu licença para me arrancar do Araxá. Sabia que eu era noiva?
- Não.
- Nem se preocupou em saberl Você pensou na minha família? Também não. Meu aio? Seus homens o mataram. Foi feita, pois, sua vontade, mas não a minha. Agora estou aqui. Araxá? Paracatu? Pouco interessa. Nada mais me interessa. Não consegui o homem a quem eu queria. A vida, perdeu a graça. Sou uma morta-viva. Você, ou outro qualquer, que importa? Mas resignei-me. Não o envergonho.

— Todo esse desabafo é para me dizer que você não gosta de mim?

— Agora é que você pergunta? Por que você não me perguntou isso antes de se apossar de mim? Você é homem inteligente. Você acha, por acaso, que eu gosto de você?

Sem saber o que dizer, ele procurou desconversar:

- Paracatu já me faz mal aos nervos e aos seus também. Precisamos voltar.
- Menos eu.
- Veremos.

— Não adianta ameaçar. Não vou mesmo. Só se me levar amarrada o que será muito pior para você.

— Por quê?

— Porque a primeira coisa que farei ao chegar ao Rio será queixar-me ao seu amigo, o Príncipe D. Pedro.

- E daí.
- Pensa que não sei que mulher bonita faz dele o que quer?
- Sua...

— Que mais poderei eu ser senão essa coisa horrível, depois do que você me fez? Se o homem que ainda amo não me quiser mais, quando eu tornar a ele, depois que você me deixar em paz, e se meu destino nesse mundo ingrato é vir a ser isso, que você me chamou agora, de uma coisa você pode ficar certo: os homens que vierem depois, pagarão caro o mal que você me fez, e não serei eu uma dessas infelizes que se empurram na sarjeta depois de haver servido.

XX

O FIM DE UM CAPRICHOS

Ela não mentira ao Ouvidor. Entre eles, a separá-los havia mais que a diferença da idade e a recordação traumática da violência do primeiro encontro.

Passara ele os primeiros tempos atordoado com a beleza e o encanto da moça que raptara, mas no fundo, ficara sempre o sentimento de culpa que ora se fixava na cena dolorosa da morte do aio de Ana Jacinta, ora na recordação de uma esposa dedicada, abandonada na Corte, aguardando seu sempre adiado retorno, ora a angustiosa saudade dos filhos, ora a vergonha de se haver degradado a ponto de arriscar o alto cargo de Ouvidor, por simples capricho sensual, ora tudo isso se somava num mal-estar inexprimível, que lhe afetava os nervos e avelhantava precocemente o semblante, onde a preocupação desenhava fundos sulcos. A insónia atormentava-o continuamente e quando fustigava os sentidos para aplacar a tensão, o sono que se seguia aos arroubos amorosos vinha entrecortado de sonhos angustiosos, suores e sensação de asfixia, despertando-o ainda mais lasso que no dia anterior.

Por sua vez, para Ana Jacinta, a vaidade que talvez sentisse de ser a preferida do Ouvidor estava longe de compensar seus muitos dissabores. O homem inquieto que tinha a seu lado e que só a procurava, desde a primeira vez, por instinto animal, nunca lhe dera sequer a ilusão de um verdadeiro amor.

Pelo contrário, a vida com o Ouvidor era um constante desequilíbrio entre a violenta solicitação material e a monotonia dos intervalos que a falta de entendimento e de amizade tornava difícil suportar.

Sempre que ela sofria a afronta dos seus beijos e o contacto de sua barba agrisalhada e mal cuidada, não podia evitar uma sensação de náusea invencível, sem deixar de imaginar que diferente poderia ser a sua vida se tudo houvesse corrido normalmente e se Sampaio fosse seu esposo.

Sampaio?

Sim. Ele chamava-se Manuel Fernando Sampaio. Fora seu namorado. Era praticamente seu noivo quando o rapto ocorrera. Infelizmente o guapo

rapaz não estava no Arraial do Araxá quando da chegada do Ouvidor e sua comitiva. Fora, dias antes, a mando do pai, comprar uma partida de gado em remota paragem. Como a defenderia se lá estivesse no dia fatídico!

No íntimo, tanto ela, como o Ouvidor estavam representando um pouco, naquela cena íntima descrita no capítulo anterior.

A verdade nua e crua é que ambos sentiam-se, ela confessadamente, e ele ainda que mal apercebesse isso, fartos um do outro.

E tanto assim era que logo no dia seguinte chegaram a acordo, sem qualquer outro atrito.

Ele tornaria à Corte, não mais em abril, mas imediatamente, enfrentando ainda a estação chuvosa. Seguiria serra abaixo, pelas picadas abertas, e a lombo de burro, ou então, talvez, pelo caminho menos áspero, porém mais longo que pelo sertão da Bahia ia ter em Salvador e, dali, por mar, até o Rio de Janeiro.

Ela voltaria para Araxá.

Conversaram, então, pela primeira vez, como dois entes civilizados e surpreenderam-se de encontrar afinal um terreno de entendimento. O rompimento foi ameno, quase alegre, pois ambos estavam felizes de se libertarem de um convívio que fora doloroso em seu início e triste em suas conseqüências.

Delicadamente, ela nada exigiu. Ele generosamente, fez com que ela levasse o suficiente para uma vida digna e sem aperturas financeiras durante os próximos meses. Depois, com calma, ela decidiria. Se fosse da sua vontade ficar por lá, que ficasse, mas se, pelo contrário, mudasse de intenção e resolvesse ir à Corte, como era desejo dele, frisou novamente, então não hesitasse. Fosse sem medo, pois encontrá-lo-ia com sua posição consolidada, graças à amizade do Príncipe, com seu prestígio político aumentado pela gratidão dos mineiros a quem ele ajudara a reaver o cobiçado Triângulo e sempre seu amigo e protetor.

XXI

COMO AS NINFAS DOS BOSQUES

Ana Jacinta voltou ao Araxá.

Ei-la, de novo, em seu querido Arraial, matando a saudade das velhas paisagens, bebendo a água azul da fonte do Barreiro, que um dia ostentaria seu nome famoso e mergulhando outra vez seu corpo, cada vez mais belo, na lama negra e benfazeja da lagoa das algas.

O banho em plena mata, à sombra das velhas árvores amigas! A tepidez das águas sulfurosas escurecidas pelo manto das algas ...e suas mãos buscavam sôfregas as raízes negras da vegetação lacustre e, cheias, voltavam com a massa informe, pegajosa e morna.

Como lhe sabia bem aquele banho da lama vegetal! Que instinto lhe ensinava estar ali uma fonte de rejuvenescimento e beleza?

A massa cremosa aglutinava-se à sua pele e se o silêncio e a quietude da mata pudessem ser profanados, ver-se-ia Ana Jacinta, negra como azeviche e bela como a Rainha de Sabá!

Terminada a massagem, uma clareira por onde os raios de sol penetravam fundo na mata oferecia-lhe um colchão natural de musgo úmido onde se deitava, permitindo que, por largo tempo, o sol cozinhasse a camada da lama vegetal que seus poros avidamente absorviam, solicitados pelo calor. Faltava, porém, a última parte da cena edênica, que ela repetiria anos em fora, e a cujo hábito, os velhos da terra atribuem a duradoura beleza de Dona Beija, beleza que a acompanhou até os mais avançados anos da vida.

Agora, era desvencilhar-se da lama pegajosa, mas para isso era mister deixar o lago e embrenhar-se numa picada em plena mata, onde uma espessa neblina radioativa indicava o grotão da sua fonte predileta. Ali, amassando folhas de samambaia, à guisa de esponja, ela colocava-se sob o impacto da cascata, os pés mergulhados no poço cavado entre as pedras roliças e mus-guentas, para livrar-se dos restos da lama que relutavam em despregar-se de seu corpo.

Essa última cena do ritual aquático, hoje cientificamente repetido pelos que procuram novas energias naquelas águas mágicas, não mais ao

natural, como Dona Beija, mas nos modernos estabelecimentos hidroterápicos das Termas do Araxá imaginou-a assim inspirado poeta:

Foi aqui nestas águas transparentes
Que Dona Beija se banhou.
Ainda Se espalha no ar a claridade infinita
Dos seus louros cabelos envolventes.
Nua, na paz sentimental dos poentes Se
era linda, tornava-se mais linda: Ao vê-
la, o sol dizia-lhe:
"Bem-vinda!"
E os seus olhos ficavam mais ardentes.

A água que corre em lânguidos meneios,
Guarda o perfume quente na água fria,
Daqueles braços e daqueles seios...

E ao vir a noite, antes que o luar desponte,
Sobe da fonte estranha melodia...
Que a voz de Dona Beija é a alma da fonte.

XXII

ISOLAMENTO

O que se segue na vida de Ana Jacinta abrange agora um período de cerca de vinte anos. É a fase mais difícil de narrar, porque a mais triste, embora pareça superficialmente a mais alegre, mesmo romanceando, como fizemos até agora.

Mais difícil, não só porque foge ao nosso plano descer a minúcias que cairiam na banalidade da literatura erótica, mas também porque a vida dessa criatura oferece facetas que provam ter sido a degradação em que se deixou escorregar durante quase vinte anos, mero episódio e não o fator dominante em sua vida. Chegamos à conclusão de que ela foi impelida ao meretrício, por um complexo fortíssimo de circunstâncias adversas e não por tendência natural.

Quem lhe estudou a vida, sente que tal período foi para ela, sobretudo, uma fase de duríssima provação, fase que ela enfrentou resignada, imprimindo mesmo àquela triste situação o cunho marcante de uma personalidade ativa e inteligente.

De retorno ao Araxá de sua infância, Ana Jacinta só encontrou maldade e incompreensão.

A hipocrisia das mulheres casadas negava-lhe o conforto da amizade feminina, por interpretação deturpada da verdade dos fatos. Matronas alcoviteiras em segredinhos, com olhares significativos e arvorando-se em peritas em questões de amor, davam a entender que o rapto fora uma farsa. Houvera sim uma fuga. Fuga consentida e do agrado da moça. Por seu lado, os homens excitavam-se ao rever no Arraial a mulher por quem o grande Ouvidor tudo sacrificara: família, honra, reputação.

Mas para Ana Jacinta bastaria que um só compreendesse e era seu antigo noivo Manoel Fernando Sampaio...

- Se eu soubesse que você queria voltar...
- Você duvidou?
- Sei lál Uma vez cheguei a ir até Paracatu. Ia disposto a tudo. Levava bons cavalos e cabras de confiança. O Ouvidor pagaria com a vida o

que nos fez.

- Não era preciso tanto. Se eu soubesse que você estava lá; se eu tivesse certeza de que você me aceitaria depois de tudo o que aconteceu, eu mesma iria ter com você e você me levaria para onde quisesse. Não seriam precisos mais crimes. Por que você não encontrou meios de me fazer sentir a sua presença?
- Porque fiquei com a impressão de que você era feliz com ele. Quando a comissão foi a Goiás exigir justiça do Governador, as mulheres daqui puseram-se a falar. Diziam que você foi com o Ouvidor porque quis; que se você não fosse se exibir e tentá-lo no dia da chegada, nada aconteceria; que você enfeitiçou o homem de propósito. Dona Justina, a mulher do capitão, disse até que se o marido se fizesse de bobo e bancasse D. Quixote indo na tal comissão de queixa, ela lhe daria uma surra, em plena praça.

— No entanto, você foi a Paracatu?

- Fui. Fui para me certificar, mas antes de fazer qualquer violência, quis ver se você ainda era a mesma.
- E porque não seria a mesma? O que aconteceu não foi por minha culpa e muito menos por minha vontade e você devia saber disso, melhor que ninguém!
- Está bem, mas o fato é que havia em Paracatu, no dia em que lá apareci, uma cavalcada. Meti-me entre os peões. Fiquei a certa distância, puxei a aba do chapéu sobre os olhos. Deixara crescer a barba. Você não me reconheceria de longe, como de fato não me reconheceu.
- Eu nem o vi.
- Mas eu vi você! Não tinha olhos para outra coisa. Posso até descrever o vestido com que você apareceu no palanque ao lado do Ouvidor para assistir à cavalcada e dar prêmios aos vencedores: era de veludo roxo, com babados brancos. O chapéu era da mesma cor com uma grande pluma rosa.
- Você gostou? Eu ainda o guardo.

- O vestido assentava-lhe tão bem! Nunca você me pareceu mais linda, com seus cachos louros amarrados e caindo sobre o ombro esquerdo! Nunca sofri tanto! Como doía ver você com outro. Você não avalia o que é isso. É preciso ser homem para saber como dói.
- Eu me lembro. Foi a primeira vez em que apareci em público com ele. Morria de vergonha. Passei a manhã toda chorando.
- Pois então você esgotou todas as lágrimas, porque você ria e falava tão animadamente que parecia a mais feliz das mulheres. Tão alegre parecia e, ainda por cima, apoiada no braço dele, que não pude mais suportar a cena revoltante e voltei no mesmo instante para aqui.
- Então você me abandonou?
- Eu abandonei quem já havia me abandonado.
- Pois olhei! Acredite, eu estava infeliz. Eu nunca fui feliz com ele! Naquela hora estava nervosa. Tinha a tola impressão de que todos iam jogar pedras na moça do Ouvidor. Mas a vaidade dominou meu medo. Procurei me vestir bem, procurei parecer alegre. Procurei esmagar aquele meio sórdido, que só queria ver pecado e maldade na minha tragédia. Parece que consegui, pois, desde então, fui respeitada e procurada, mas o que você pensou fosse felicidade, foi um triunfo amargo. Mas não adianta querer explicar mais. É preciso ser mulher para sentir e compreender. Agora digo eu: é uma dor de mulher!... e, depois disso, que fez você?
- Voltei.
- Voltou e casou, pelo que vejo.
- Casei, sim.
- Com quem? Quando?
- Com a Ana. Há oito meses...
- A Aninha Felizardo?
- Ela mesmo. Está para dar à luz.
- Quem diria! E você gosta mesmo dela?
- Ela é muito boa para mim. Tem muita paciência comigo.
- Não foi isso que perguntei. Então você casou mesmo...
- Parece...
- O que parece é que o destino me persegue! Tudo me aconteceu ou cedo demais, ou tarde demais. Há qualquer coisa de desencontrado

na minha vida. Enfim, se ela achou em você metade daquilo com que sonhei, então ela será feliz, muito feliz mesmo...

XXIII

REPULSA

Com uma escrava chamada Maria Crioula, que em Paracatu o Ouvidor lhe dera de presente, alma ingênua e boa, fiel companheira de toda sua tormentosa existência, e que, mais tarde, ela deixaria em testamento para uma de suas filhas, tomou Ana Jacinta, de aluguel, uma casa de sobrado na praça principal do Arraial. Esta seria a casa que, depois, viria a adquirir e que passaria à história com o título de Sobrado da Beija.

Não tinha planos. Nem para o presente, nem para o futuro.

Queria parar um pouco, descansar o corpo ultrajado por dois anos de convivência com um homem que não conseguira amar e, sobretudo, dar repouso à alma dorida pelo tropel dos acontecimentos que levaram de roldão íua vida infeliz.

Queria voltar à realidade, ao sossego do arraial da infância; à convivência dos velhos amigos.

A realidade, porém, ofereceu-se inesperadamente dura de enfrentar.

Não era só o fato de Sampaio haver casado. Já não bastava o golpe de ter perdido o homem de seus sonhos de menina e eis que, em sua inexperiência, ela não previu que, em seu redor, apertar-se-ia, asfixiante, o círculo da hipocrisia.

As mulheres, inconscientemente despeitadas, na maioria, incapazes de provocar, ainda que de longe, gestos que se comparassem ao arrebatamento do Ouvidor, vingavam-se sob a capa de virtudes ofendidas.

Os homens, também, eram cruéis. Os casados, temendo complicações conjugais, negavam-lhe, covardes, não só um aperto de mão amiga, como até mesmo a condescendência dos gestos banais de cortesia, embora, ao cair da noite, lançassem à sorrelfa, olhares maliciosos, quando não acompanhados de gestos equívocos. Os solteiros e viúvos, sem a necessidade de tanta cautela, valiam-se do precedente do Ouvidor para considerar a fatalidade de Ana Jacinta como fato consumado e dar-lhes supostos direitos.

Repelidos pela altivez da moça, passavam a engrossar as fileiras inimigas, acoimando de orgulho e vaidade o asco compreensível da moça por suas desprezíveis personalidades.

Assim passaram-se os dias, as semanas e os meses nesse ambiente turvo e mentalmente insalubre até que Ana Jacinta começou a pensar seriamente em deixar, para sempre, aquele recanto ingrato.

XXIV

AFRONTA

O dinheiro que o Ouvidor lhe dera estava por findar. Impossível manter uma vida digna e honesta a que se propusera com sinceridade, se todos a consideravam uma réproba, incapaz de regenerar-se.

Iria embora, mas para onde? Pensou em Vila Rica. Toda Minas já conhecia sua história. De pouco valeria sair para tão perto. O Rio de Janeiro, sem dúvida, seria o melhor local, mas lá estaria o Ouvidor, que não a deixaria em paz. Levava dois penosos anos onde o seu prestígio far-se-ia de novo pesadamente sentir. Salvador, a antiga capital da Colônia, parecia o local mais indicado. Valeria a pena tentar?

Estava ela uma tarde, imersa nesses tristes e indecisos cismares, quando alguém a chamou. Era Maria Crioula.

- Sinhá, disse a negra, o Feliciano, escravo de dona Genoveva, diz que tem um presente para Sinhá.
- Um presente para mim? De dona Genoveva? A senhora do Coronel Bonifácio? Deve haver engano! Em todo caso, traga-mo, Maria.
- Não posso, Sinhá. O Feliciano diz que tem ordem de dona Genoveva para só fazê a entrega à senhora mesmo.

— Pois que entre!

A negra saiu em busca do escravo e Ana Jacinta pôs-se a pensar:

— Que quererá de mim dona Genoveva? Ela já me desfeiteou mais de uma vez em público! Será que se arrependeu? Será que, afinal, posso encontrar nesta gente ingrata um gesto amigo?

O escravo entrou, acompanhado de Maria Crioula. Trazia uma caixa de regular tamanho, do tipo das que se embrulhavam doces de fabricação caseira. Respeitoso, entregou-a à Ana Jacinta.

Curiosa, alvoroçada por uma esperança, ela desamarrou a fita azul do embrulho caprichosamente envolto em papel cetim de França. Levantou a tampa e estacou horrorizada!

Não podia crer no que via. A caixa estava cheia, até as bordas, de estrume fétido e como suprema afronta, num cartão, onde mão firme traçara umas poucas palavras impiedosas, lia-se:

Para a "moça" do Ouvidor uma lembrança das Senhoras do Araxá

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Seu copo de fel estava cheio e transbordava.

Por que a tratavam assim? Por que a perseguiram?

Deixou que as lágrimas rolassem livremente sobre as faces enrubescidas de tristeza e de vergonha. Feliciano e Maria Crioula não encontravam palavras para consolá-la.

Durou pouco, porém, seu abatimento. Disse a Feliciano que esperasse e, recompondo-se, desceu ao jardim onde aos primeiros calores da primavera soberbas rosas cor de chá desabrochavam. Cortou cerca de uma dezena e, com a mesma fita azul-daro do embrulho, amarrou-as em gracioso ramalhete, envolvendo-as no mesmo papel cetim de França. Entregou-as ao escravo, recomendando que também só as entregasse em mãos de sua dona, a senhora Genoveva, a quem endereçou o seguinte bilhete:

"As Senhoras do Araxá, aos cuidados de dona Genoveva.

Como agradecer o presente, tão útil, para o canteiro donde tirei estas rosas que ora, em retribuição, lhes ofereço? Cada uma dá o que tem".

Assinou: Ana Jacinta e rematou, sublinhando, a "moça" do Ouvidor.

As senhoras do Araxá arrependem-se-iam amargamente de ter desafiado a ira de uma criatura que, em breve, nem todas elas juntas poderiam um dia enfrentar.

XXV

DECISÃO

E agora?

Agora as coisas precisavam mudar. Evidentemente, urgia tomar uma decisão qualquer. Choviam sobre Ana Jacinta as pedras daquelas que, esquecendo a lição dos Evangelhos, julgavam-se sem pecado. Não aparecia a mão caridosa e compreensiva que a amparasse e a defendesse. Queriam vê-la na sarjeta, ao nível de Josefa Pereira e da Candinha da Serra.

Enganavam-se.

Essas duas mulheres, eram infelizes, pobres de espírito que se deixavam explorar pelos brutamontes da terra e dos que vinham ao Araxá para a salga do gado.

Com ela a coisa seria diferente, bem diferente. Apedrejavam-na porque fora raptada pelo Ouvidor.

Esse, o motivo ostensivo, mas o presente nauseabundo teve a vantagem não só de abalar-lhe os nervos, como também de clarear-lhe a inteligência.

Via claro, bem claro, agora. As senhoras do Araxá não estavam preocupadas com ela só porque fora a *moça* do Ouvidor. O que temiam era a permanente presença de sua beleza, de sua mocidade radiosa e triunfante. Era a inteligência que seu olhar revelava, o garbo do seu porte, o fascínio que logo exerceu sobre os homens da localidade.

Era sobre ela, que eles cochichavam ao interromper abruptamente a conversa à aproximação das mães, das esposas, das irmãs e das noivas; era ela que lhes dava aquele ar aparvalhado e cismativo que os tornava esquecidos de responder às moças e às senhoras da casa nas horas das reuniões familiares.

Seria então ela a perturbadora?

Sua modéstia natural nunca a deixara perceber isso, mas a caixa de estrume, com fita azul e papel cetim de França vinha por tudo claro, claro, claro!

Ainda incerta e com as idéias desordenadas, deixou que os olhos analisassem móveis pesados da vasta sala vazia.

O sofá vazio. As cadeiras. Tudo vazio como a sua própria vida!

Mirou-se no grande espelho de cristal de Veneza, o qual, por milagre, chegara intacto àquele fim do mundo e sorriu à sua própria imagem.

O espelho retribuiu-lhe a saudação.

Como era bonita!

Surpreendeu-se com a tardia descoberta. Até então, deixara que outros reparassem nela, mas ela não se descobrira ainda.

Era bonita! Era linda! Que maravilhosa descoberta! Uma onda narcísica tonteou-lhe os sentidos.

Avançou para o espelho. Mirou-se, remirou-se. Com a mão esquerda segurou a borda da pesada saia rastejante, e com a direita, apoiou-se ao braço de parceiro imaginário, ensaiando os passos de uma pavana e volteou ao som de um cravo também imaginário!

Agonizava, assim, seu último sonho romântico neste devaneio!

De súbito, seus olhos tomaram uma expressão dura quase dementada. Estacou. Fria, impassível, hirta ante o espelho. Não mais ouvia as notas plangentes do cravo, não mais sentia a presença do parceiro delicado, de punhos de renda. Um tumultuar de sons mal definidos, batia-lhe agora nos nervos num crescendo de cadência envolvente.

A floresta próxima parecia invadir a sala. Numa algazarra, ouvia o grito dos índios, o atabaque africano e sobre tudo isso, o tropel dos cavalos do conquistador branco, avançando, pisando, dilacerando, violentando a virgindade da mata?, tal como o Ouvidor fizera com ela.

Sentia-se integrada na tragédia da terra. Mãos invisíveis apertavam-lhe a garganta, o peito, os braços. As roupas pesavam-lhe como fardo escravizador. Soluçava, ria, chorava ao mesmo tempo, enquanto a sarabanda, martelando-lhe os tímpanos, tomava-lhe a espinha num arpejo dominador. Com ambas as mãos, libertou-se da gargantilha que lhe agravava a sensação de asfixia, e da parte superior do vestido que lhe apertava os braços e o busto, soltou os cabelos e possuía pelo ritmo frenético dos sons, acompanhou em meneios selvagens a força arrebatadora da música.

Quanto tempo durou o delírio?

Ela jamais saberia. Para o futuro recordar-se-ia vagamente de tudo isso, qué lhe parecia inexplicável, atribuindo-o a um pesadelo sem admitir que ela participara da cena de olhos abertos.

O que nunca chegou a compreender foi o sentido daquela rajada. Não associou aquele sacolejo violento ao fato de, ali por diante, ter arredado todos os escrúpulos que a faziam ainda hesitar em enfrentar a dureza da vida a que se propusera para vencer e dominar a hostilidade do meio.

Como se desenhava triste o seu futuro!

O pecado não estava no que lhe acontecera! O pecado parecia que estava nela! Em ser diferente. A beleza em meio à feiúra! A inteligência em meio à parvoíce.

Sem saber por que, trouxe à lembrança um fato que se passara há tempos, na primeira infância e por não compreender o significado, ficara mergulhado no inconsciente.

Recordou-se que, certa vez, na roça do velho tio, ela o vira trazer na sacola usada para as compras do arraial, alguns punhados de milho. Era milho especial, vindo de longe, cuja excelência um amigo agricultor muito gabara. Mas o velho, ao invés de plantar em boa terra a semente generosa, ineptamente roçara, para tal fim, uma aba de colina mal ensolarada e de humo ralo. O resultado foi triste: a boa semente em terra ruim venceu com dificuldade a aspereza do meio e, depois de alguns meses, espigas pequenas e mofinas foram o resultado mesquinho de tanto labor.

Uma das sementes, porém, rolara a encosta agreste e se aninhara, por acaso, numa valeta úmida e quente, que ofereceu todas as possibilidades de crescimento e frutificação.

Assim, em meio à plantação raquíca, um belo exemplar, provando a excelência do grão e a incúria do lavrador.

Pois quando a espiga daquele pé ainda estava longe do douramento, ela viu seu tio, num momento de ira, ceifar o belo espigão.

Perguntou, atônita, porque agira assim e ele respondera com mau humor: — É para ela não sê besta de passa na frente das outras!

Eis o que lhe aguardava no Araxá: a destruição por haver passado à frente das outras!

Ela, porém, não seria como a espiga imolada. Sua alma endurecera à força de sofrimentos e a afronta de Dona Genoveva seria o derradeiro espinho

a magoá-la. Sentia-se, agora, com a coragem da amazona capaz de amputar um seio para melhor enfrentar o inimigo.

Anoitecia. Acalmou-se.

Recompondo-se do desalinho em que se deixara ficar, abriu de par em par a janela da sala que dava para a rua. A praça estava quase deserta àquela hora. Ao longe caminhava em sua direção, sobre a calçada tosca feita de pedras roliças, unidas umas nas outras, um vulto de homem. Era seu Bonifácio, o marido de dona Genoveva.

Avançava lentamente e sem dúvida passaria rente a ela, bem trajado, como de costume. Desnecessariamente perto, como também era de seu hábito.

Dessa vez, porém, ela não recuou e deixou, de propósito, que seus braços, apoiados sobre o peitoril da janela, roçassem no caminhante.

Apesar de seu aspecto sisudo, o suave contacto fê-lo lançar um olhar equívoco. Isso também não era a primeira vez, mas, agora, ela correspondeu com um sorriso mau.

Ele notou o sorriso. Apenas não compreendeu que era mau e estacou. Não esperara, sem dúvida, a réplica amável.

- Aonde vai com tanta pressa, seu Bonifácio, disse ela, com voz cantante e macia.
- Volto para casa, minha senhora, respondeu ele fazendo esforço apelo a um tom de falsa dignidade.
- Gostaria tanto que me desse alguns momentos de atenção! Sinto-me tão só, seu Bonifácio, e o senhor é o único homem de confiança, no Araxá, com quem eu desejaria me aconselhar.

Ele hesitava, entre surpreso, feliz, vaidoso e assustado, sem saber o que fazer e muito menos o que responder.

— Oh! Eu sei — disse ela, compreensiva — o senhor tem medo de entrar pela porta da frente, mas não é preciso. Dê uma volta à praça, discretamente, e entre pela dos fundos que dá para o beco. Lá ninguém o verá.

O homem obedeceu como um autômato. Só não correu para manter as aparências, mas seu coração pulava como o de um cachorro farejando

lingüiça.

XXVI

ENSAIO DE SEDUÇÃO

Pouparemos ao leitor a descrição da cena subsequente. Apenas devemos acrescentar que, poucas horas após o ultraje, dona Beija teve a oportunidade de vingar-se de dona Genoveva, mas não o fez.

A vingança não a interessava e, como sempre, revelaria uma grandeza de atitudes que a colocaria em plano superior à gente do seu meio.

Também não cometeu a insensatez de tirar todas as esperanças de seu Bonifácio, de quem agora, tanto dependia.

Falou-lhe em tom franco e confidencial, que o desarmou por completo. No fim da conversa, sentia-se orgulhoso por ter ela recorrido aos seus conselhos paternos, e algo decepcionado por haver sido promovido a uma espécie de pai, depois que seus sentidos se viram despertados para outras direções.

O fato é que ficou confuso, porquanto ela começou dizendo que recorria a ele como a um protetor. Sabia que ele era bom e a compreenderia como um pai, mas, se não quisesse encará-la assim, não tivesse cuidado! Em outra ocasião, ela recompensaria o nobre gesto de ter vindo em seu socorro, com tudo o que de melhor pode uma mulher dar a um homem, mas evidentemente, não ali e, sobretudo, não logo depois do que aconteceria.

Aguçou-lhe a curiosidade com o segredo do acontecimento irrelevado. Ele quis, naturalmente, saber o que se passara.

Era algo de bom, sem dúvida — disse ele galantemente — pois fora isso que provocara o convite de Dona Beija para entrar em sua casa, tornando-o assim o mais feliz dos homens do Araxá. Mas, sem dúvida, também seria algo de mau — e isso ele pensou — pois evitava que se consumassem ali, e logo, todas as conseqüências que ele supôs obter do inesperado convite. Ela excitou-o, entonteceu-o, enervou-o.

Manteve-o fisicamente distante, mas abriu-se em confidências prometedoras. Não lhe diria, porém, positivamente, não lhe contaria o que ocorrera naquela tarde. Que se contentasse em saber que fora algo de muito mau, que muito a magoara. De fato, ela só o convidara a entrar

para ficar com a certeza dele ter ou não participado do acontecido — pois tinha também certa responsabilidade no que ocorrera, — mas via agora que ele estava inocente e pedia desculpas por tê-lo incomodado à toa. Ele surpreendeu-se e manifestou com nova galanteria seu espanto:

- Então julgou que partiria de mim algo que a pudesse magoar?
- Não! Não!

Ela estava certa, agora, de que ele não seria capaz de tal coisa e fora mesmo só para certificar-se disso, aliás, que ela o convidara para entrar, repetiu, embora, talvez, dona Genoveva não gostasse que o marido freqüentasse sua casa.

— Como não — respondeu ele com fingimento. Dona Genoveva teria mesmo honra nisso, pois simpatizava muito com elal

É claro que ele, ai, já nem sequer media bem o significado das próprias palavras.

Foi então que Dona Beija se permitiu destilar umas gotinhas de fel, bem poucas, é verdade, em relação ao ultraje recebido. Devagarinho, foi dizendo, foi contando tudo, e com todos os requintes e coloridos de detalhes que só uma mulher sabe dar e com a graça que lhe era peculiar.

Ele ouviu tudo, estarrecido e contrariado. Depois quis logo reparar a ofensa à moda da época, com grandes cenas e maiores gestos.

Ela levou algum tempo para acalmá-lo, e então, tocou-lhe a vez de implorar que ela também tivesse piedade dele. Partisse o ultraje de um homem, e este já teria lavrado sua sentença de morte, pois ele mesmo o mataria, mas que ela compreendesse, como mulher, o ciúme infundado de outra mulher. Ainda assim, oferecia-lhe como pública reparação, levá-la de braço dado à presença da esposa e de suas amigas e comprometia-se a que, todas elas, Dona Genoveva à frente, lhe pedissem desculpas.

— Não, meu amigo, interveio docemente a astuta mulher, colocando entre suas mãos macias a grande mão calosa do senhor Bonifácio. Estou paga, e bem paga, por saber que o senhor não partilhou de tão maus pensamentos a meu respeito. Mas de que me adiantaria essa reparação? Acirrar-se-iam, fatalmente, os ódios contra mim. Criar-se-ia uma situação desagradável entre o senhor e Dona Genoveva, e eu ficaria triste

em retribuir sua generosidade com um motivo de desgosto para si. Deixemos, pois os maus com sua maldade! Nada mais quero delas.

— Mas isso não pode ficar assim!

— Pode e vai ficar assim, meu amigo, respondeu ela, com suave autoridade, mas se quiser me agradar, só peço duas coisas. Posso?

— Concedido, desde já!

— A primeira, é um rogo: não falemos mais nisso, nem entre nós, nem com ninguém.

— Agradeço sua generosidade!

— Obrigada, senhor Bonifácio, mas não é só generosidade. Eu preciso de sua influência ainda, para outra coisa.

- Diga, Senhora!
- Preciso muito que o senhor me arranje o sitio do Jatobá!

XXVII

A CHÁCARA FAMOSA

A Chácara do Jatobá^[1] ficava perto da fonte radioativa, por trás das fontes sulfurosas (hoje o Grande Hotel, as Termas e o lago artificial ficam entre essas fontes) tudo a poucos quilômetros do centro do Araxá.

Era a posição estratégica visada por Dona Beija, que se estava transformando em fria calculista.

Os fazendeiros da redondeza para ali traziam os seus rebanhos, para a salga nas fontes sulfurosas e não perdiam a oportunidade de ir tomar um gole na fonte radioativa, já então famosa por suas propriedades rejuvenescedoras.

Em torno dela, refestelavam-se. Abriam seus farnéis à sombra acolhedora das grandes árvores. Bebiam a fartar a água límpida que jorrava das pedras cobertas de líquen, enchendo o grotão de uma neblina de forte radioatividade cuja emanção queimava a pele com tanta violência como se estivesse exposta ao sol e provocava uma excitação nervosa que, as mais das vezes, se manifestava numa grande exaltação sensorial.

Pois bem, a Chácara do Jatobá ficava a poucos passos desse grotão famoso que, atualmente remodelado pela mão do homem, tem o nome de Fonte da Beija. É por lá que hoje passa a fila interminável de aquáticos, a maioria dos quais olha, sem compreender o significado dos magníficos azulejos que ornaram a gruta com motivos da época, e que tentam contar a história de Dona Beija.

Foi no Jatobá, e só no Jatobá, que Dona Beija se permitiu levar uma vida livre, curtida pelos desenganos e a crueldade dos seus semelhantes.

Estava agora tristemente convencida de que uma mulher desprotegida e só, nada poderia se não tivesse posses. Nascera pobre e na pobreza passara a infância, sem saber ao certo a sua origem.

Dizia-se que seu pai fora um fidalgo português que, por espírito de aventura, unira-se às diversas expedições arrasadoras de Pamplona, e deixara em sua inconseqüente passagem pela terra desbravada, grávida, uma descendente da tribo araxana. A mãe morrera pouco após o parto, e o velho casal que a acolhera por caridade encantado com seus olhos

azuis, e aos quais chamava de tios, evidentemente nem seus parentes eram.

Do pai ela herdara quase todos os característicos biológicos: a alvura da pele que o cruzamento indígena apenas amorenara, os cabelos cor de ouro e os olhos azuis. Além disso, aquela distinção natural de maneiras e uma nobreza de caráter que se cristalizara numa atitude arisca de defesa e desafio ante a vida.

Da mãe ela guardara aquele amor selvagem ao torrão natal; à terra de sua tribo; ao ar, ao sol, às águas daqueles planaltos de onde ela nunca quis sair, nem mesmo para ver aquela coisa imensa e azul, maior que todos os lagos juntos e com mais água que todos os rios da terra a que chamavam: mar.

No dia seguinte ao da entrevista com seu Bonifácio, este, com as mesmas cautelas, voltou ao sobrado, entrando pela mesma porta do quintal traseiro que dava para o beco, e isso, ao anoitecer, logo depois do toque da ave-maria.

Vinha trazer-lhe, desanimado, a resposta do dono do Jatobá, pois teria, ou melhor, tinha quase certeza que ela não poderia concordar com a condição absurda do proprietário.

- Mas não aceitou ele a proposta do arrendamento? — perguntou a moça, já desapontada.
- Rejeitar não rejeitou, mas as condições são tão absurdas que, para mim, equivalem a uma rejeição.
- Mas quanto ele está pedindo? — insistiu Dona Beija. Encabulado, certo mesmo de ter falhado, ele desabafou:
- O homem só arrenda o Jatobá por trinta mil-réis!
- Trinta mil-réis por mês?
- Trinta mil. É uma fortunal

— É dinheiro bastante, seu Bonifácio, mas vou confiar-lhe um segredo: pelo Jatobá eu daria até cinqüenta mil-réis por mês!

Seu Bonifácio assustou-se:

- Menina, disse ele em tom irônico, trinta mil-réis é muito dinheiro. Equivale a um mil-réis por dia! Onde espera conseguir tanto dinheiro?
- Onde, seu Bonifácio? Ao fazer essa pergunta ela aproximou-se dele em atitude impudica e desafiante.
- Onde? repetiu. Mas aqui mesmo seu Bonifácio! Muito mais perto que o senhor imagina. Quer ver?

Atônito, ele afastou-se, dando um passo para trás, em busca de apoio. Ela riu:

— Mas por que recua seu Bonifácio? Já não quer mais que eu agradeça o serviço que acaba de me prestar?

XXVIII

NOVAS REGRAS PARA UM VELHO JOGO

O sobrado amarelo da Praça central continuou sendo a casa respeitada da senhora Ana Jacinta de São José, enquanto que a chácara do Jatobá era o negócio de Dona Beija.

Sua personalidade como que se bipartiu. Negócio? Que negócio?

O negócio era o seguinte: a chácara do Jatobá era uma casa de diversão, digamos assim, para não irmos já a mais detalhes, mas uma diversão regrada, disciplinada.

Um porteiro musculoso, imponente em sua libré impecável comandava uma equipe de escravos e fâmulos de confiança. Tinha carta branca para selecionar os senhores fazendeiros que quisessem repousar e divertir-se na chácara do Jatobá.

As condições preliminares eram: que não residissem no Araxá, nem em suas redondezas; que solicitassem, com uma antecedência mínima de dois dias, autorização para serem recebidos no Jatobá; que viessem bem trajados; que fossem brancos (pois a senhora tinha preconceitos racistas); que pagassem à vista e à entrada, a taxa fixa de duzentos mil-réis. Isso dava direito: a penetrar na chácara desde as dez horas da manhã; a usar todas as dependências do vasto solar, menos aposentos particulares, reservados a Dona Beija; a participar com ela de um almoço às dez e trinta, onde as melhores iguarias e as mais finas bebidas lhes eram servidas; às doze, repouso e sesta; às treze horas, Dona Beija reapareceria e os convidados decidiriam, por maioria o que preferiam: jogos de salão, violão com canções ou simples conversa com Dona Beija; às três da tarde, era servido um lanche ligeiro acompanhado de orques tra, para os que quisessem dançar com Dona Beija; às quatro e meia encerrava-se a festa e os convidados se retiravam.

Por essa altura, dizia-se ou, melhor, sabia-se, embora não constasse oficialmente do programa, que dentre os presentes, um poderia receber convite especial para retirar-se um pouco mais tarde que os demais, mas isso ficava inteiramente a critério dela e ninguém teria o direito de

reclamar fosse o que fosse, nem mesmo a escorchadora taxa de entrada, significava obrigação alguma por parte dela.

A astuta mulher, evidentemente por instinto feminino, aliado a um raro sentido psicológico, dava aos homens tudo o que o meio atrasado lhes negava: um ambiente requintado; um conforto imprevisto e inesquecível; uma excitação intelectual que ela mantinha viva através de uma conversa clara, chistosa e livre; tantos livros quanto era possível naquela época e que apareciam naqueles ermos; gravuras bastantes para atrair até mesmo analfabetos que, aliás, rareavam entre os bafejados pela fortuna e linhagem; e, a coroar tudo isso, a suprema vaidade do macho esperançado de ser preferido na entrevista íntima depois das quatro e meia da tarde.

O prêmio final, e sobretudo a incerteza de ganhá-lo, davam ao ambiente do Jatobá uma moldura excitante de jogo de azar, que obrigavam o eleito feliz a retornar, e o que ainda não fora contemplado a voltar também, esperançado por um olhar que supunha mais terno, um aperto de mão que imaginara mais demorado, ou mesmo a esperança de uma palavra mais significativa.

Eram, pois, os que supõem ter sido o Jatobá um conventilho banal. Além de nem disso ter a aparência, o mero fato de os freqüentadores não terem a prévia certeza de ultrapassar a hora-limite, fazia com que os homens porfiassem em exceder-se uns aos outros, a ver qual deles mais fizesse para chamar a si as atenções e as graças da gentil senhora.

Numa época em que os homens mandavam e só eles podiam, a Chácara do Jatobá era uma miniatura de matriarcado em que Dona Beija pairava ora distante, ora presente mas sempre troneando.

O negócio rendeu. Rendeu tanto, e em tão pouco tempo, que ela ficou rica. Pouco tardou que duas outras criaturas, de segunda classe, chamadas Josefa Pereira e Candinha da Serra, aproveitando o material-homem que o Jatobá refugava, também construíssem um sobrado no Arraial, e alugassem chácaras nas vizinhanças, para receber aqueles para quem a festa diária de Dona Beija se encerrava sem esperança às quatro e meia da tarde.

Para que se tenha idéia do sacrifício financeiro que a taxa de duzentos mil-réis das diversões do Jatobá representava, basta lembrar que o grama de ouro custava, então, um mil-réis. Como o dinheiro às vezes era escasso, o porteiro do Jatobá tinha, também, uma balança e aceitava, por

ordem da Dona Beija, o equivalente do preço da entrada em duzentas gramas de ouro!

Araxá passou a ser encarada como a cidade do mal, com o Jatobá e as chácaras adjacentes da Candinha e da Josefa encravadas em seus subúrbios selvagens.

Era uma ameaça permanente à estrutura das famílias patriarcais das redondezas enquanto também sugava, para seu arraial, de cambulhada, com a fama de cidade perdida, todo o ouro da região.

Ali pompearam o luxo e a riqueza. O que havia de melhor na época desembarcava da Europa no Salvador e no Rio de Janeiro, e enfrentava o caminho agreste rumo ao Araxá: perfumes de França, tecidos de seda e veludo, cristais da Boémia, espelhos de Veneza, os melhores vinhos do Reino e licores, livros, gravuras, quadros, móveis, louças chinesas, de Macau e da Companhia das Índias, bronzes e bibelôs, eram adquiridos por Dona Beija, quando não lhe vinham ter às mãos de graça, oferecidos pela legião de admiradores, que também despejavam no Jatobá, jóias valiosíssimas encastoando em ouro do melhor quilate as pedras mais raras encontradas na terra.

Mas, apesar de tudo, era uma mulher triste aquela Dona Beija, que voltava, ao cair da noite, ao sobrado do Arraial; mulher triste, com ela mesma e com tudo que a cercava e que sentia no fundo do ser o peso insuportável daquela vida dúplice e o vazio real de sua existência.

Tornava à casa depois de fechar o Jatobá, de examinar como boa comerciante os saldos do dia e tomar as providências para o dia subsequente; de examinar a lista dos convidados já programados para os dias futuros e, sobretudo, sem nunca esquecer o banho de cascata na fonte radioativa que, se não lhe lavava a alma, pesada de tristeza e remorso, pelo menos limpava o corpo e mantinha o frescor da mocidade.

Em casa esperava-a Maria Crioula, escrava amiga e confiante, com a canja simples e gostosa e uma cama para descansar. Às vezes, porém, o esforço despendido ultrapassava suas energias físicas e psíquicas. Então, era sobre o ombro de Maria Crioula, que Ana Jacinta, muitas vezes, derramava lágrimas de cansaço e revolta, pois o amanhã seria outro dia de fingimento e canseiras, e a todos os senhores que chegavam sôfregos por vê-la, ouvi-la e tocá-la, ela tinha por obrigação acolher com semblante

risonho- e ditos chistosos, embora se sentisse, no fundo, mais escrava, daquela vida detestável, que a própria Maria Crioula.

XXIX

NÃO ERA TÃO FÁCIL ASSIM

Vencendo resistências íntimas, e seguindo o ritmo da existência traçada, Dona Beija começou a enriquecer rapidamente. Em poucos meses, o primeiro ano ainda não havia escoado, e o negócio do Jatobá lhe permitira acumular vastos haveres. Mas tão metódica era em seus hábitos e tão frios os seus cálculos, que ela mesma, apesar da vida que levava, nunca ultrapassou certos limites.

Confirma isso o caso de dois homens que tudo fizeram, em vão, para receber-lhes as graças. Um deles chamava-se Felício da Rocha Rouriz.

Deixemos que conte essa história o Major Sebastião de Affonseca e Silva, pois fê-lo de modo incomparavelmente pitoresco e vivo:^[2]

"O Sr. Felício era moreno-claro, descendente de português, com altura de dois metros e peso de mais de cem quilos. Era comerciante honesto e o grande capitalista da praça, onde gozava de grande conceito social. Era um homem nervoso, sistemático e observador, usando de frases ou ditos incisivos que mais realçavam a sua excentricidade individual. Por exemplo: Usava ou empregava o advérbio "diretamente" mais com pronúncia própria sua onde ele dizia *DERETAMENTE*, coubesse ou não o emprego do termo no assunto em que se tratava. Quando um ótimo freguês ia lhe pedir dinheiro emprestado, ele respondia: Então, *deretamente* o senhor veio alugar o meu dinheiro? O solicitante respondia: Não, senhor Felício, eu vim pedir dinheiro emprestado. Pois, *deretamente*, o premio que o senhor vai me pagar representa o aluguel do meu dinheiro... Olha, *deretamente*, vou lhe emprestar o meu dinheiro, mais, *deretamente*, vou lhe avisar, que no fim do ano, o dinheiro deve visitar a gaveta do dono, mesmo que em janeiro, *deretamente*, eu possa lhe fazer novo empréstimo, descontando o premio que o senhor *deretamente* tivesse que me pagar (que admirável intuição bancária deste inculto financista). Tratando-se de dinheiro, era um avarento e usurário que propositalmente deixava cair no assoalho, notas de cinco, dez e vinte mil-réis para verificar a fidelidade de seus escravos. No dia seguinte, seu escravo Adão, que era o varredor da casa,

encontrando o dinheiro, ia entregar ao senhor Felício, dizendo-lhe: o senhor perdeu este dinheiro. O Sr. Felício, todo satisfeito, esfregando as mãos dizia: *Diretamente* è de consciência; quando se acha uma cousa, deve-se entregai ao dono. O escravo Adão merecia a inteira confiança do Sr. Felício. Narrou-nos uma das excentricidades do Sr. Felício em completar e adorar o seu dinheiro. Em alguns dias em horas de seus lazeres, antes de sua sesta, recolhia-se ao seu quarto, puxava o grande canastrão que estava debaixo da cama, retirava todo o dinheiro existente que orçava às vezes em trinta, quarenta ou cinqüenta contos de réis; espalhava as notas em ordem dos valores sobre a cama e erguia a veneziana da janela e ficava nesse estado contemplativo, aguardando que uma rajada de vento penetrada pela janela, pusesse em movimento ondulatório todas aquelas notas, para neste momento, ele sentir a sensação do argentário-adorador do dinheiro, com um frenético arrepio e respiração ofegante, com as mãos cruzadas sobre o peito, pronunciar as seguintes palavras: "MINHA NOSSA SENHORA, NAO SEI DE ONDE SAIU TANTO DINHEIRO!" Recolhia todas as notas em pacotes por valores e colocava no grande canastrão que fechava a cadeado e recolhia-o para debaixo da cama. Passava em seguida à sua sesta, onde em sonhos deslumbrantes de usurário, verificava o crescer constante de sua fortuna. Essa narrativa é autêntica, porque a ouvimos do escravo Adão. Para demonstrar o quanto o Sr.; Felício adorava o dinheiro como comerciante, vamos descrever este episódio: Uma freguesa, residente em Córrego do Sal, distante três quilômetros da Vila, fez-lhe diversas compras e no pagamento de quarenta réis, moeda de cobre divisionária de um mil-réis, com a promessa de trazer no primeiro domingo. Não tendo comparecido no dia marcado, o Sr. Felício depois de alguns dias montou em sua célebre "besta ruça" e dirigiu-se para o Córrego do Sal em casa de sua freguesa. Ao chegar, cumprimentando-a disse-lhe: "*Deretamente* a senhora não cumpriu o que tinha prometido em ir pagar-me o quarenta réis no domingo". A freguesa pressurosamente apresentou-lhe a nota de um mil-réis, dizendo: Não fui, Sr. Felício, porque não troquei a nota. Retorquiu o Sr. Felício: *Deretamente* a senhora deve providenciar para que não seja preciso eu repetir esta viagem. Novamente esporeou a besta e veio para a Vila. Decorridos mais alguns dias, não tendo a freguesa, comparecido, o Sr. Felício arriou a besta e dirigiu-se ao Córrego do Sal, e

já mais imperioso exigiu o pagamento de quarenta réis. A paciente freguesa lhe disse: Senhor Felído, aqui está a nota que eu ainda não consegui trocar. Pois *deretamente* a senhora deve providenciar esse troco, porque a senhora que é boa, freguesa, está passando para o terreno dos maus pagadores; cousa que o Sr. Felído não tolerava nem admitia. Decorridos mais alguns dias, p senhor Felício tomou resolução. Muniu-se do troco da nota de um mil-réis, levando consigo novecentos e sessenta réis em moedas de cobre e pela terceira vez, montando em sua besta, para do lado de fora da porta da freguesa, com semblante sorridente, lhe disse: *Deretamente* venho receber o meu quarenta réis! Ao que ela respondeu: Senhor Felício, infelizmente ainda não troquei a nota de um mil-réis! O Sr. Felício com o semblante radiante, lhe disse: DERETAMENTE, DONA, A FLOR DESTA VEZ LHE MURCHOU NAS MÃOS! - aqui tem o troco de novecentos e sessenta réis e a senhora me passe para cá a nota de dez tostões!... Experimentou grande satisfação nesta liquidação que lhe custou três viagens, onde percorreu dezoito quilômetros. Por ser original nos termos empregados o Sr. Felício passou para um estribilho popular: Quando se pilhava qualquer pessoa em falso, dizia-se: "DERETAMENTE A FLOR DESTA VEZ LHE MURCHOU NAS MÃOS!"

Pois bem, retomemos nos, agora, a narração relativa a esse homem de quem Waldir Costa, em seu livro "Araxá — Da Maloca ao Palácio", chamou de "pardo caturra, dono de muito ouro, que vivia de juros judaicos que ele chamava, bêbado de usura, o perfume do capital".

Confiado no valor do dinheiro, com o qual tudo conseguia, nunca lhe passou pela cabeça que se se dispusesse a gastar a taxa escorchadora, por Dona Beija exigida, ela o repeliria.

Com a vontade rasgada entre o desejo e a avareza, primeiro teve a idéia de pedir-lhe um abatimento, mas vencendo a sovinice, muniu-se certa noite de dinheiro suficiente e marchou resoluto, *deretamente*, para o sobrado amarelo do Largo.

Bateu. Fê-lo com a força que supunha bastante para ser ouvido do interior, mas dosando as batidas para não despertar a atenção da vizinhança. Era tarde, e os moradores já estavam recolhidos.

Com voz de sono, Maria Crioula — que tinha ordens expressas de Ana Jacinta para não abrir a quem quer que fosse — suspendeu a guilhotina da vidraça e, por trás da veneziana, perguntou quem era e a que vinha.

Impaciente pela espera e por verse exposto a possíveis olhares indiscretos, em plena praça, o senhor Felício foi logo ao assunto, certo de que seu rasgo de prodigalidade faria abrir de par em par as portas do sobrado.

— Olhe, diga à sua dona, que me mande abrir a porta, pois, *deretamente*, aqui estão os duzentos.

A resposta não se fez esperar. Do interior da casa a voz de Dona Beija, despertada pelos batidos e que ouvira o estranho recado, dizia, com indisfarçável mau humor, a Maria Crioula:

— Diga ao senhor Felício que *deretamente* vá para o inferno e deixe-me em paz.

E lá foi ele, frustrado pelo fracasso amoroso, mas consolando-se com o acariciar da sua grande nota de duzentos mil-réis que repousava, outra vez segurai no fundo do seu bolso.

Outro episódio, ocorreu com um homem chamado Sotério Ribeiro Rosa. Deixemos que Sebastião Affonseca e Silva também nos relate a história:^[3]

"O Sr. Sotério Ribeiro Rosa era um ilustre senhor de grande prestígio social, um dos chefes do Partido Conservador, grande fazendeiro, grande criador, opulento capitalista e possuidor de inúmeros escravos. Era, porém, um tublode, do primeiro cruzamento, cabelos bastante crespos. Seu solar era semelhante a uma grande fortaleza pelas dimensões e grossuras das paredes, com alçapões subteirâneos para a defesa em caso de um ataque por inimigos políticos. Como político de grande prestígio, conseguiu que Dom Pedro II fosse padrinho de batismo de um de seus filhos. O Imperador mandou um dos seus ministros representá-lo por procuração e foi uma das mais opulentas e estrondosas festas realizadas na Fazenda da Serra. Para essas festas foi convidada Dona Beija, que esteve como elemento de destaque social. O Sr. Sotério trocava de roupa duas vezes ao dia e só saía à rua acompanhado de dois pajens, trajados a rigor. Como elemento social e político de proeminência, era constantemente convidado para reuniões, ora de política, ora de caráter social; diziam os seus críticos que antes de ir a essas reuniões, usava previamente um pequeno clister de Agua Florida (único perfume de luxo naquela, época) para, quando tivesse de expelir gases, trescalaria só o

odor do perfume. Estava, porém, como o Sr. Felício, deslumbrado pela propaganda e por tudo que diziam sobre Dona Beija. Sabendo que ela procedia a rigorosa seleção entre . os seus pretensos admiradores, ele temendo uma recusa, que lhe feriria o amor-próprio, julgou prudente sondar o terreno enviando lhe um grande presente. Este valioso presente era um rico e custoso corte de seda, em uma salva de prata lavrada que representaria quatro ou cinco vezes a taxa exigida dos duzentos mil-réis. Vestiu três de seus lacaios, trajando-os a rigor e mandou-os em casa de Dona Beija levar o rico presente. Anunciada pelo porteiro a presença dos emissários do Sr. Sotério, veio ordem de Dona Beija para introduzi-los na sala de visitas. Historicamente é preciso declarar que sendo o Sr. Sotério um político de grande prestígio e destaque, Dona Beija supôs que fosse para fazer pedidos políticos para interferência dela no movimento eleitoral das próximas eleições; como era de costume dos dois partidos valerem-se do seu prestígio perante o eleitorado. Os três emissários do Sr. Sotério estavam no salão de visitas quando, minutos depois, Dona Beija lhes aparece, como sempre trajada pelos últimos figurinos. O portador que estava com o presente, levanta-se e respeitosamente a cumprimenta, dirigindo-se para seu lado, pronunciou as seguintes palavras: "AQUI ESTA UM PRESENTE QUE NHONHÔ MANDOU PARA A SENHORA". Foi só nesse momento que Dona Beija compreendeu e percebeu quais fossem as intenções do Sr. Sotério. Visivelmente contrariada, não tocou no presente para ver o que era, e em verdadeiro estado colérico, apontando para a porta da saída do salão, disse ao emissário: "VOLTE E DIGA AO SEU SENHOR QUE EU NAO RECEBO HOMENS DE COR!"

XXX

A CAPITULAÇÃO DO SOBRADO

Mal podia então Ana Jacinta prever que Cupido tomaria de assalto o seu sobrado e que ela capitularia.

Certa vez, alta noite, foi despertada pelo latido dos cães e pela voz imperiosa de um homem que parecia alcoolizado. Discutia violentamente com Maria Crioula, não em frente da sua casa, mas no quintal dos fundos, junto à porta traseira pela qual, duas vezes, ela fizera entrar há tempos o senhor Bonifácio.

— Abra ou eu arrombo! O tom decisivo da voz era tal, que não havia a menor dúvida de que suas intenções eram realmente essas.

Aquela voz deu-lhe um arrepio.

Era mesmo ele. Era Sampaio que vinha afinal.

— Acenda a sala de visitas e deixe o senhor entrar, disse, mal contendo a emoção, a Maria Crioula, que tremia de medo, enquanto corria à penteadeira para por um pouco de ordem no desalinho de mulher despertada em pleno sono.

Mas Sampaio não deu tempo para nada nem tampouco obedeceu à ordem de ir para a sala.

Ela ouviu o ranger do portão de ferro que se abria, e logo após os passos rápidos e decididos do intruso na escada de madeira e eis a figura impulsiva e dominadora do seu antigo noivo!

O coração de Ana Jacinta batia descompassadamente.

Com a entrada de Sampaio, os cães pararam de latir e Maria Crioula reconhecendo-o, retirou-se.

A casa tornava ao silêncio, em meio à quietude da noite que findava. O silêncio também invadiu o amplo dormitório de Ana Jacinta, onde Sampaio estacou à porta da entrada, arfando, o porte agigantado pela luz mortiça de uma lamparina que agonizava, em estalinhos secos, queimando as últimas gotas de azeite que flutuavam ainda sobre a água de um copo.

Ela via-o, embora de costas, sentada diante do toucador, pelo reflexo do espelho. Tremia-lhe a mão que, empunhando o pente ainda não erguera,

tão desfalecida estava, sobre os cabelos revoltos.

O silêncio pesava mais que a escuridão, pois a pequena chama da lamparina se foi, num último estalido, enquanto ela e ele, pareciam ter medo de quebrar o feitiço daqueles momentos que se prolongavam tensos.

Ana Jacinta, porém, conseguiu dominar-se primeiro, e esforçando-se por dar um tom natural à voz dirigiu-lhe uma saudação:

— Boa noite, Sampaio!

As trevas não permitiram que ele percebesse a emoção que a banalidade da frase escondia e, julgando que ela o recebia como a qualquer outro de rotina, talvez até com indiferença, cego de ciúme, deixou escapar seu sentimento confuso de ódio e amor numa imprecisão e num insulto:

— Diga antes, noite maldita! Boa noite? Se for boa para você, sua cadela ingrata!

A frase brutal doeu-lhe como uma chibatada e foi só então que ela bendisse a escuridão protetora, pois chorava, vencida, lágrimas de vergonha, tristeza e arrependimento.

Com um fiapo de voz incerta, em que já se infiltrava um princípio de revolta, ela murmurou:

— Então foi só para me dizer isso que você me despertou, Sampaio?

E ele, veemente:

— Não, não foi só para isso! Na verdade eu nem tenho nada para lhe dizer! Vim porque eu também quero, ou você pensa que vou fazer fila com os estrangeiros idiotas que vão ao Jatobá? Eles podem, não é? Então eu também posso! Eles pagam? Então também posso pagar!

Sem mais força para fingir, chegou então a vez dela explodir:

— Há anos que o amo, Sampaio! Até há poucos minutos, sua presença aqui deu-me a esperança da maior felicidade de minha vida, mas, depois do que você disse... você, não! Nunca!

E como ele silenciasse, ela continuou, desesperada, entre soluços:

- Que espécie de homem é você, afinal, que chega sempre atrasado? Por que me deixou só quando o Ouvidor apareceu? Por que não me foi buscar em Paracatu? Por que não me ajudou quando voltei para cá?

- Já sei, já sei o que vai dizer: que está casado, não é? Tem mulher e tem filhos! Mas então, volte para eles, canalha, não os abandone agora, como você me abandonou antes. Volte, e não venha, como um ladrão, na calada da noite, roubar o meu sossego. Volte, covarde! deixe-me em paz, viver minha vida. j vida de mulher desgraçada e infeliz. Volte! Voltei

O tempo foi passando e, sem parar, eles se foram insultando, ofendendo, torturando, à procura de frases, que mais ferissem, para dar uma aparência de ódio ao amor que lhes consumia.

Enquanto isso, a noite escorria e as primeiras claridades permitiam que se enxergassem por entre as lágrimas, pois ambos já tinham os olhos grossos de tanto chorar.

Foi bastante que se vissem para que esses dois entes, famintos de ternura, transformassem as expressões de raiva com que se fustigavam impiedosamente.

Ficaram como duas crianças grandes sem saber como acabar uma briga sem convicção, até que o dia que raiava encarregou-se de fazer triunfar o amor.

Antes de tomá-la nos braços, confessando-se vencido, ele ajoelhou-se aos seus pés e cobrindo-lhe as mãos de beijos, confiou-lhe a dor de havê-la perdido. A brutalidade da sua atitude, nascera do ciúme. É que ele pensara que ela o banira do pensamento para sempre e isso era demais para que pudesse suportar, mas agora sentia que ela ainda lhe guardava um pouco da velha estima. Estava regamente compensado. Arrependido das lágrimas que provocara, nada mais rogava senão que ela o tivesse como amigo e protetor. Ainda de joelhos, implorava que não o deixasse partir sem uma palavra de perdão.

E a pobre moça raptada, violentada, maltratada pela vida e pelos homens, deu-lhe não só o perdão que ele implorava, como o reteve para oferecer-lhe todo o amor que lhe ia n'alma, aquele amor que ela guardara intacto e virgem das torpezas do Ouvidor e dos deboches do Jatobá.

Para eles a descoberta de que ainda se amavam, surpreendeu-os como um bálsamo divino. Tiveram a ilusão de que o tempo parara desde o último e casto encontro, antes da chegada do grande Ouvidor.

E foi só então que Ana Jacinta de São José provou, na claridade incerta de uma gloriosa madrugada, a emoção inexprimível de um amor verdadeiramente consentido.

XXXI

MATERNIDADE

Ana Jacinta teve, depois disso, uma filha sem pai ostensivo. Chamou-a Teresa Tomásia de Jesus.

Hildebrando de Araujo Pontes escreveu... "aos trinta e seis anos D. Beija era mãe de duas encantadoras jovens, frutos anônimos de seu amor livre as quais, pela sua irrepreensível conduta moral, foram desposadas por dois homens importantes da sociedade araxa-ense. Um foi o coronel Fortunato José da Silva Botelho que, por cinqüenta anos, dominou despótica e prepotentemente a politica daquela vila onde e em cujo município pretendeu proclamar a República do Araxá anexando-lhe os municípios de Patrocínio e de Bagagem; o outro foi Clementino Borges, residente na Bagagem". Teresa Tomásia foi a primeira.

XXXII

OUTRA DESILUSÃO

A vida continuava.

Afinal, o encontro de Sampaio com Ana Jacinta não foi, nem podia ser uma solução, nem para ele, nem para ela.

A ilusão maravilhosa da felicidade teve duração efêmera.

O gênio de Sampaio, impulsivo e autoritário, embora encontrasse compreensão pelo muito amor que lhe dedicava, ia deixando um rastro de mal-estar e amargura.

Ele se habituara a encarar o sobrado de Dona Beija na praça principal do Arraial, como sucursal de sua casa e não levava em conta um complexo de circunstâncias que a realidade impunha. Em dias indeterminados e á horas incertas exigia que ela o recebesse.

A situação familiar dele complicou-se, e para esquecê-la, deu para beber. Por outro lado, os encontros com Ana Jacinta às vezes eram penosos.

Não tardou a que ele impusesse o fechamento da chácara do Jatobá. Ela capitulou a princípio, mas depois entrou a resistir. Entendia ser direito dela, nessa altura da vida, não mais se sujeitar ao domínio de quem quer que fosse. Além disso Sampaio era casado e não seria maior o escândalo se ele sustentasse a concubina a poucos passos do seu lar?

Ele relutou mas teve que acabar concordando.

O certo é que aquele homem violento, estava com a alma dilacerada entre duas mulheres: a esposa e a antiga namorada, tornada sua amante, com filhos legítimos da primeira e uma filha adúltera da segunda.

Por sua vez, Ana Jacinta rapidamente perdeu a ilusão de que seu namoro de moça tivera um coroamento feliz.

Ela chegou mesmo a se arrepender da fraqueza que a dominou naquela madrugada, permitindo a permanência de Sampaio no sobrado. Ele quebrara o ritmo de sua vida já naturalmente complicada, e que agora se tornava ainda mais difícil de recompor.

Sofreu um hiato, o seu negócio do Jatobá.

Nova mobilização de energias e nova crise de consciência para abafar escrúpulos, fizeram-na reabrir a casa de diversão. Recomeçou a enriquecer.

XXXIII

O PRINCIPAL PARCEIRO

Mas então, perguntará o leitor, essa pobre moça nunca teve um amor real a lhe encher a vida?

Ela teve sim outro episódio de amor tão forte, ou quiçá maior que o episódio Sampaio.

Talvez a palavra episódio esteja mal aplicada. Sampaio foi mais que um episódio. Ele foi, sem dúvida, o parceiro marcante da vida de Dona Beija e a força de sua presença projetar-se-ia na pessoa da filha bastarda, Teresa Tomásia de Jesus.

Completemos, porém, a história de Sampaio com Ana Jacinta.

XXXIV

"INTERMEZZO"

Sampaio, ao fim de algum tempo, pareceu conformado ou pelo menos resignado, com o arranjo imposto por Dona Beija.

Não fora assim, como teria perdurado o concubinato por mais de dez anos?

Com a fortuna que aumentava, o prestígio da mulher cresceu. Ela, que a princípio era apontada como a enjeitada do Ouvidor, impusera-se chegando a dominar o meio hostil.

Para vencer, empregou as mesmas armas com que a agrediram. Assim, decisão e cinismo anularam os efeitos da hipocrisia dos que a queriam isolada.

Aquela pobre moça, a quem as senhoras do Araxá a princípio negaram a mão amiga, quando ela mais precisava de amparo, isto é, quando a supunham abandonada à sua sorte, marcada pelo pecado e tendo como futuro, apenas a sarjeta da prostituição, constatavam agora com raiva impotente, que ela transformara a sarjeta num canal de ouro; que eia organizara o pecado em negócio ostensivo e dominava o ambiente de tal maneira que, em poucos anos, passou a representar uma força política de primeira grandeza, que se irradiava para muito além do Triângulo Mineiro.

Com que arte, com que graça, com que finura sabia agir! As festas do Jatobá nunca descambaram para o deboche orgiaco. Havia liberdade e alegria, é fato, entre os freqüentadores, mas as reuniões não terminavam em tumulto, com tiros, facadas, bebedeira e polícia, como acontecia, repetidamente, nas chácaras da Josefa e da Candinha. Os fregueses sabiam que, para não serem excluídos, definitivamente do Jatobá, tinham que se ater às regras da casa, como senhores realmente civilizados e não brutamontes rurais.

O Jatobá era uma colmeia e Dona Beija a rainha. Quem não pudesse seguir o vôo da rainha, paciência, que se conformasse com o rol de pagador. Se não quisesse, que desaparecesse ou procurasse outras chácaras mais acessíveis.

Assim, por paradoxal que isso pareça, a chácara do Jatobá foi tomando um aspecto de dignidade incompatível, aliás, com a última parte do programa, isto é, aquela que ocorria depois das quatro e meia da tarde, quando Dona Beija queria ou julgava conveniente reter algum dos convivas.

Saberia a esperta sertaneja que repetia naqueles sertões a façanha das heteras atenienses, em torno de quem grandes homens, muitas vezes, moldaram a história da Antigüidade?

Soubesse ou não, o fato é que Dona Beija conviveu com a gente de prol da época, da grande zona agropecuária brasileira de Minas, São Paulo e Goiás, quando não atraía os que vinham até de mais longe, ou seja, da Província Baiana e até mesmo da própria Corte.

E esses homens de prol, que começaram por simples amor à aventura a fazer esporádicas visitas à chácara do Jatobá, acabaram por respeitar os conselhos daquela mulher inculta, porém talentosa e que aprendera na escola dura do sofrimento a governar seus semelhantes.

Assim, os salões do sobrado de Ana Jacinta, antes hermeticamente cerrados, na grande Praça central do Araxá, já se abriam para recepções faustosas, onde se fazia boa música e onde não faltavam representantes do governo e maiores dos partidos políticos.

Oficiosamente a chácara do Jatobá passava por ser apenas a residência de repouso da Dona Beija junto à fonte e da árvore secular que até hoje lhe guardam o nome poético.

— E as senhoras também iam às recepções do sobrado? Perguntará provavelmente o leitor.

Claro que sim. Acompanhavam, resmungando, os seus amigos realçando em sorrisos amarelos a lembrança do esterco que elas envia desta vez, de presente a Dona Beija.

De uma feita, como lhes minguasse o assunto, gabaram as flores do jardim. Dona Beija respondeu-lhes, do meio do salão onde se encontrava, dirigindo-se significativamente a Dona Genoveva, que agora, não tinha outro remédio senão o de freqüentar também a sua casa:

— É curioso, senhoras, quando aqui cheguei a terra do meu jardim era estéril e nada ali produzia, mas Dona Genoveva teve a bondade de enviar-me um pouco do adubo de seu curral e, desde então, como por encanto, as flores que eram poucas, ficaram abundantes e mais belas.

Seu Bonifácio tossiu, para esconder o nervoso. Dona Genoveva roxeou de raiva e as senhoras que contribuíram para o maldoso presente e que se lembravam de como ele fora oferecido, batiam em rápidos cliques-cliques os leques sobre os bustos estofados e arfantes lançados para o alto por espartilhos que lhes comprimiam a cintura como varas de litores romanos.

— Por que não nos convida para um passeio em sua chácara, minha cara senhora?

Dona Beija olhou para Dona Idalina, a petulante, interlocutora e adivinhando-lhe a maldade da pergunta, respondeu brejeira:

— Senhora, corre por aí uma lenda. Diz-se que naquela chácara há uma fonte proibida que vem fundo, das entranhas da Terra, onde habita o Espírito do Mal. Por isso, diz-se ainda que quem lhe bebe, ou mesmo quem lhe toca, a água azul e cristalina, sofre logo seus efeitos perturbadores. Se for homem, torna-se vingativo e mau, e se for mulher... torna-se pecadora. Por que haveria eu então de expor, Dona Idalina, sua beleza e sua virtude ao feitiço da fonte maléfica?

Como Dona Idalina não era bela, nem virtuosa, esboçou, como resposta, um sorriso que mais parecia um ricto filho de sua maldade espicaçada.

Foi para um canto do salão, onde já se encontrava Dona Genoveva, que se mordida de despeito impotente, e que sussurrava palavras de fel, à senhora do Presidente da Câmara.

— Para que foi a senhora falar no Jatobá, Dona Idalina? — perguntou, irritada.

- Para que ela ato pensasse que nos não sabíamos!
- O Jatobá está aqui mesmo, sua tola — explodiu Dona Genoveva, perdendo a cautela no falar. Quem não sabe que esta casa tem duas entradas? É pela dos fundos que o senhor Sampaio vem todas as quartas-feiras. Pouca vergonha! Não é à toa que a Aninha adoeceu e não fica boa. De tristeza ninguém se cura! E agora parece que já não é mais o senhor Sampaio o predileto. Ouvi dizer que o Joãozinho também tem a chave dos fundos. Se um dia eles se encontram por aqui é capaz de haver sangue! Pelo jeito a Beija não se dará brevemente mais ao trabalho de ir ao Jatobá! Receberá seus admiradores aqui mesmo, debaixo de nossos narizes enquanto os

idiotas dos nossos maridos lhe fazem reverências e ainda nos obrigam a lhe fazer salamaleques! Como os homens são vaidosos e tolos, minha filha!

Dona Genoveva, que se gabava de tudo saber, só não sabia que fora o seu marido o primeiro senhor a inaugurar a porta traseira como passagem secreta!

Enquanto isso a escrava Delfina trouxe uma bandeja carregada de saborosos refrescos de maracujá. Acompanhava-a Martinho, seu marido, com pratos de biscoitos e de doces de coco e de ovo.

- Senhoras, disse Dona Beija — virándole para as visitas — em homenagem à Dona Idalina quebrei agora o feitiço da Fonte Azul! A água desses refrescos trouxe-a hoje da Fonte do Jatobá. Portanto, quando quiserem me dar a honra de uma visita à chácara, combinem com seus maridos, que terei muito prazer em recebe-las. Já neste instante, a água enfeitiçada se reflete em seus olhos, minhas amigas, num estranho fulgor!
- Eu não acredito em bruxarias! berrou, possesso, Dona Genoveva.
- Nem eu, minha amiga, respondeu rindo Dona Beija. Se acreditasse não poria em risco tantas virtudes!

Os maridos intervieram rapidamente na convena, que estava a ponto de se azedar, e não levaram as esposas ao Jatobá por dois poderosos motivos: primeiro, porque não deviam expô-las ao ambiente equívoco da chácara; e, segundo, porque não seriam eles que as deixariam quebrar o encanto misterioso daquele refúgio deliciosamente proibido.

XXXV

RENÚNCIA

A frivolidade e a excitação daquele ambiente iriam sofrer súbita e violenta mutação. Uma tragédia se aproximava, da qual Sampaio seria a vítima.

O Jatobá entrara em férias por algum tempo. O pretexto eram obras, remodelações, pinturas e a captação das águas da Fonte Azul que estudos futuros revelaram ser radioativas.

A realidade, porém, era outra: Ana Jacinta engravidara outra vez.

Em seu egoísmo, Sampaio a nada atendia. Em vão rogou-lhe Dona Beija que espaçasse as visitas, que respeitasse a delicadeza do seu estado. Precisava de calma e sossego para receber o novo ser que se formava.

No íntimo ela estava decidida a mudar de vida. Sempre detestara o papel que representava e sua consciência nunca lhe dera repouso. Cristã e devota, ela reconhecia o pecado mortal em que incorria.

As circunstâncias explicavam sua atitude ante a vida, mas explicar não é justificar, e ela não se justificava.

Em tudo isso, o que mais a aborrecia era a participação a que se deixara arrastar no adultério de Sampaio.

Como de costume, na calada da noite, ao receber certa vez a visita de Sampaio, ela tentou dizer-lhe tudo o que lhe pesava na alma. Propôs-lhe, até, que se ele renunciasse a ela, por sua vez ela se comprometeria a mudar radicalmente de vida. Venderia o Jatobá e dedicar-se-ia exclusivamente a Teresa Tomásia, a filha que Deus lhes dera e ao outro ser que estava por nascer.

Enriquecera, não precisava da ajuda material dele, nem de ninguém, para levar avante tal propósito, mas precisava, sim, e muito, de sua amizade e compreensão, para a dupla renúncia que ela propunha.

Sampaio escondeu a surpresa e o desapontamento, numa atitude de aparente compreensão. Aproveitou até a ocasião, para dizer, também, que a vida que levava estava longe de agradar-lhe. Se ele soubesse que ela voltaria para o Araxá não teria casado com Aninha, que era aliás, uma santa mulher, a quem cie sempre se incriminava de magoar. Mas estava

certo então de haver perdido Ana Jacinta para sempre. Diziam no Araxá que o Ouvidor a levava para a Corte, quando, inesperadamente, ei-la de volta. Ela deveria saber que ele a acolheria assim mesmo, desafiando as más línguas, passando uma esponja sobre o passado e oferecendo-lhe até seu nome, se o quisesse, e ei-los, ali, juntos, mais uma vez, pai e mãe de uma filha e, no entanto, era ele o mais infeliz dos dois, pois nem sequer poderia levar Teresa Tomásia em público e chamá-la de filha.

Comoveu-se. Havia lágrimas em seus olhos a dizer tudo isso. Ela também. Ana Jacinta jurou que devotaria o resto de sua vida a Teresa Tomásia e que ele não tivesse cuidado, pois a criança não se envergonharia da mãe, nem viria a ter igual futuro.

Não mentia e ele sentiu-lhe a sinceridade quando, ao despedir-se, beijou-lhe as faces úmidas.

Isso ocorrera numa noite de inverno. A lua já em minguante, pouco clareava. Sampaio, pela primeira vez em muitos anos, atravessou a praça em meio, sem as coleantes cautelas habituais para tentar não chamar a atenção.

Trazia a cabeça em fogo. Não estava, positivamente preparado para receber de Ana Jacinta, e logo naquela noite, em que acalentava outros propósitos, um inesperado convite à renúncia.

Renunciar a ela?

Não, por todos os demônios!

Mas então, por que, aparentemente, concordara, deixando-a com uma impressão de aquiescência? Por quê?

Porque pensara, evidentemente, que se tratava de capricho passageiro de mulher grávida. Todas ficam mais ou menos sentimentais nessa fase com medo de morrer de parto.

Mas por que se metera, também, a fazer confidências e a falar com ela sobre a pobre da Aninha?

Uma rajada de vento frio fustigou-lhe as faces enquanto as idéias afluíam desconexas, num remoinho torturante e a garganta seca pedia um trago de bebida forte.

Rumou para o botequim do seu Joaquim. Estava fechado.

Fechado? Pois que se abrisse. Para que serve um botequim fechado?

Botequim é para estar aberto, sobretudo, à noite.

Com os punhos, bateu com violência na tosca porta de peroba. O ruído trouxe logo à janela seu Joaquim de vela na mão, camisola de lã e um çapüz a cobrir-lhe metade da careca relqzente.

- Abra essa porcaria, ordenou Sampaio.
- Pois não, seu Sampaio, obedeceu temeroso e servil o botequineiro.

A chave rangeu na tranca de ferro, mas antes que a porta se abra, Sampaio escancarou-a com um pontapé. Seu Joaquim recuou, amedrontado.

— Vou apanhar um cálice, seu Sampaio.

Sampaio empunhou a garrafa de aguardente e quebrando o gargalo na borda do balcão, sorveu avidamente a bebida em largo trago e levando o resto da garrafa partida, marchou decidido em direção novamente ao sobrado da Beija.

A mulher do Joaquim veio dos fundos tiritando, estremunhando e envolta num velho chalé sebento.

- Que confusão é esta? — perguntou.
- É seu Sampaio que queria beber a estas horas da noite. Parecia um doido.

— Ora, ora, retrucou a mulher, - num dar de ombros, de quem muito entendeu.

— Ora, ora, o quê, mulher?

— É isso mesmo. Cachaça é remédio. Ele está assim desde que seu Joãozinho voltou e a Beija se meteu com o outro também.

— Será?

A promessa de renúncia por parte de Sampaio não subsistiu meia hora. O tempo de atravessar a praça, tomar um gole e voltar ao sobrado amarelo.

XXXVI

JOÃOZINHO

Parece que a causa de tudo isso, e muito mais, era mesmo o Joãozinho. Joãozinho era o apelido caseiro que se transportara do lar para os vizinhos, e dos vizinhos para todo o Arraial, de um menino que um dia voltaria ao Araxá paterno, laureado em Ciências Jurídicas pela Academia de Coimbra e com o título, naquele tempo raro, de doutor. Era, em suma, João Carneiro de Mendonça, filho de família opulenta e fidalga residente: no Araxá.

"Jovem, esbelto e insinuante, portador de alta linhagem, com sangue nobre, nenhuma dificuldade encontrou, por meio de emissário para obter audiência de Dona Beija", conta Sebastião de Affonseca e Silva.^[4]

João despertou em Ana Jacinta forte sentimento. Algo de novo, de imponderável, de indefinível, afinidade que encontrava talvez explicação no sangue fidalgo do seu lado paterno.

Que surpresa agradável para o jovem, aquele encontro em meio tão selvagem com uma criatura de espírito, de hábitos requintados e de beleza estonteante como Dona Beija, e para ela, que encantamento, o convívio de um homem inteligente e culto, que lhe falava sem afetação, de um modo diferente e novo, que saciava sua curiosidade relatando coisas que se passavam fora de seu círculo restrito, que a galanteava como um gentil-homem e que, mesmo quando aturdido em seus transportes amorosos, nunca deixava de tratá-la como grande senhora.

Quão diferente esse homem — e ela os conhecia bem — dos que a cortejavam no Jatobá. Sobretudo, que contraste entre esse ser civilizado e a rusticidade descontrolada de Sampaio!

Dizem as crônicas da época, e repetem os estudiosos da vida de Dona Beija, que o doutor João Carneiro de Mendonça também teve papel marcante na vida de Ana Jacinta de São José.

Durante ou depois de sua ligação com Sampaio?

Foi ele, ao que dizem os narradores da época, que provocou a queda do primeiro nas graças de Dona Beija. O certo é que Sampaio e João eram dois homens marcantes, cada um no seu gênero e com personalidades

bem diferentes e que se afirmavam demasiadamente para caberem, ao mesmo tempo, na vida de uma só mulher, mesmo que ela fosse senhora de hábitos livres, de vivacidade arguta e grande prática para lidar com homens temperamentais.

Ana Jacinta era inteligente demais para não sentir que nesse "menage à trois" alguém estava sobrando, e para evitar mal maior, propôs a Sampaio, lealmente, renúncia recíproca à vida pecaminosa que levavam.

Oferecia, também, por seu lado, renunciar de vez à vida mundana. Jurara pela felicidade de Teresa Tomásia e do ser que se formava em suas entranhas e fizera-o com sinceridade.

Sampaio não era, porém, homem para capitular, mesmo sob a forma de renúncia. Renunciar, e mormente agora em que a simples presença do rival vinha reabrir as feridas de um ciúme sempre latente?

Acabar por quê? O mal estava feito. Renúncia? Regeneração? História de padres para mulheres velhas! Ana Jacinta queria sem dúvida descartar-se dele para que lhe sucedesse seu novo encanto, o senhor doutor João Carneiro de Mendonça!

Pois enganava-se, mulher! Não seria ele, Manuel Fernando de Sampaio, que cederia seu lugar ao jovem e emproado doutorzinho! Dar-lhe-ia uma lição de mestre!

E Sampaio que já era uma natureza intolerante passou a ficar intolerável.

XXXVII

NASCE OUTRA MENINA

Ana Jacinta de São José teve outra filha que, como a primeira, não teria pai ostensivo.

Chamou-a de Joana de Deus São José.

Exprimiria a coincidência do primeiro nome algum indicio de sua ligação com João Carneiro de Mendonça?

XXXVIII

CIÚME

O estado de espírito de Sampaio atingia as fronteiras da demência. Era de causar dó o desespero daquele homem roído de ciúmes por Dona Beija. Sua vida tornou-se um inferno, e essa angústia ele o transmitiu à família e a Ana Jacinta também.

Passou a interferir ostensivamente então na vida de Dona. Beija. Era só cismar com a cara de um forasteiro que ele supusesse, certo ou errado, ter estado no Jatobá e vinha logo um insulto, uma provocação, criando às vezes situações impossíveis de contornar.

Perdera a noção das conveniências. Dava para entrar no sobrado, armado, em dias incertos e a horas incertas, na esperança de lá encontrar o rival.

Em vão Ana Jacinta implorou-lhe moderação. Em vão contemporizou. Em vão ela cedia a ver se o acalmava. Em vão, ela procurou serená-lo, adiando para futuro incerto seus propósitos de encerramento da vida que levavam.

Enquanto isso o Jatobá estava em decadência, embora ela ainda mantivesse lá, sua gente e grande parte de seus haveres. Agora, passava os dias cuidando das filhas e as noites aproximavam-se sempre pesadas de incertezas, pois não saberia se Sampaio viria ou não, se estaria alcoolizado e em que estado de espírito se encontraria.

Não havia sistema nervoso que agüentasse uma tal tensão.

Quando chegou à conclusão de que seus rogos não eram mais atendidos, que sua força de persuasão falhara e que o sacrifício continuado de seu corpo também nada mais adiantava, ela tomou uma de suas habituais resoluções definitivas.

Fez vir do Jatobá o Bugre, um canzarrão dinamarquês, verdadeiro *lupus canis*, que passava o dia amarrado, rosnando, a mostrar os dentes aos visitantes e que, à noite, era solto para a guarda da chácara.

Com ele vieram, também, três escravos hercúleos, homens de sua confiança, e que ela sempre mantinha a mão, no Jatobá, uma espécie de guarda pessoal e cuja simples presença já lhe fora por diversas vezes

preciosa para amainar os arroubos de certos visitantes inquietos e propensos a desrespeitar as regras disciplinares da casa.

Alojou-os no sobrado, e à noite, deixou o Bugre solto, no quintal. Como a casa tinha fachada para a praça e era meticulosamente trancada a ferrolhos e barras, a mansão só seria mesmo vulnerável pela parte traseira, onde um quintal ajardinado com entrada de serviço se comunicava para um beco de serventia pública.

Esse quintal por onde primeiro passara o senhor Bonifácio, depois serviria de caminho a Sampaio, e agora, dizia-se ainda, envolto-na grande capa negra dos estudantes de Coimbra o doutor também penetrava com as devidas cautelas, o Bugre passou a ocupar, rosnando, farejando, com a língua pendente de sua mandíbula respeitável de mastim feroz. Ofegante e nervoso — o animal que estava habituado às larguezas da chácara — estranhou sua nova prisão e logo na primeira noite estraçalhou duas galinhas que tinham por costume dormir empoleiradas em galho baixo de uma goiabeira.

XXXIX

UMA CASA FECHADA

Desprevenido da presença de todo esse reforço de homens e bichos, sem levar a sério que, ao deixar o sobrado, na antevéspera, ela lhe fizera clara advertência:

— Sampaio, rogo-lhe, de joelhos pelo amor de nossa filha, não nos perturbe mais, porque se você não me atender desta vez, juro que agirei! Mas ele voltou e bateu na porta traseira, na forma do costume. Desta vez, porém, ninguém veio abrir. Forçou a porta. O Bugre avançou, mordendo-lhe o braço. Os homens vieram em seu socorro, prendendo o animal, mas rechaçaram Sampaio. Eram ordens terminantes.

Ele esquecera, ou melhor sequer notara o tom súplice daquele apelo de Ana Jacinta, confundindo-o com tantos outros que em vão ela havia repetido nos últimos tempos.

Os atritos já haviam entrado de tal maneira em seus hábitos, que ele os julgava como preliminar quase indispensável aos arroubos que se sucediam.

Curioso fenômeno processara-se na vida daquele homem: a bigamia passara a ser um estado quase natural e inevitável conseqüência de mero desenrolar dos acontecimentos.

Conhecera Ana Jacinta desde menina. Com ela brincara e brigara — porque a briga era sua especialidade — e isso, desde a infância. Tudo era tão remoto, que nem se lembrava de como o conhecimento se travara. Cresceram juntos, brincando e brigando, ao evolver de duas fortes personalidades, cuja atração mútua importava em impacto.

Com o tempo, a brincadeira infantil se foi transformando imperceptivelmente em desejo, e as brigas da parte dele, começavam a tomar o contorno másculo da tentativa de domínio e posse, enquanto ela resistia, com ademanos e faceiríces para tornar-se ainda mais cobiçada.

Iam as coisas nesse pé, e os responsáveis por ambos já achavam que melhor seria ficassem noivos e casassem dentro em um ano, quando, de súbito, ocorre o inesperado: a paixão e o crime do Ouvidor.

Não foi, pois, a vida de Ana Jacinta apenas que sofreu um hiato violento que lhe desviou o curso da existência. Sampaio teve a sua parte.

Julgando-a perdida para sempre, condescendeu em casar com Aninha Felizardo, aquela menina serena e boa que já o amava há tantos anos, em silêncio, desesperançada de jamais retê-lo, tão certa estava de não poder enfrentar o garbo e a concorrência perturbadora de Ana Jacinta.

Mas o improvável aconteceu.

Aquilo com que Aninha tanto sonhara, mas que jamais ousara conscientemente desejar, ou seja a supressão da rival, veio de maneira tão completa que ela chorou a um tempo de tristeza e felicidade.

Piedosa e boa rezava para que um Destino Todo-Poderoso poupasse e protegesse moça raptada, mas não a ponto dela voltar a tempo de evitar seu casamento com Sampaio!

Como seria isso possível? Por certo ela não sabia, mas não era preciso saber, o Destino é que saberia e daria jeito qualquer. Era bastante rezar.

Como em história de fadas, tudo aconteceu como ela queria: sumira a rival; pouparam-lhe a vida; retiveram-na longe, bem longe, o tempo suficiente para que seu amado a considerasse perdida, e ele, então, tivesse tempo de reparar nos seus grandes olhos negros, súplices de amor e se deixasse amar na ilusão de que também amava, enquanto que o encanto da outra se quebrasse, com a ausência, para sempre.

Mas os anos passaram e Ana Jacinta voltou. Que importava isso agora, após o casamento? Aninha era dessas almas puras, voltadas para Deus e tão certa estava de que o altar completaria, por si só o milagre do amor, que nunca imaginou pudesse seu esposo desejar outra mulher senão aquela com a qual se ligara pelo sacramento do matrimônio.

Tão certa estava disso, que ela mesmo pediu a Sampaio que a levasse à presença de Ana Jacinta. Que fossem visitá-la, porque, coitada, que culpa tivera da paixão que inspirara ao Ouvidor?

Sua mãe, porém, que com eles morava e que mantinha grande autoridade sobre o jovem casal, proibiu-lhes terminantemente que tal fizessem.

— Tinha graça, minha filha, você, uma senhora casada, a entreter relações com uma mulher perdida. Que belo exemplo para os seus futuros filhos e o que não diriam nossos amigos?

— Eia não teve culpa, Mamãel

— Bobagem! Isso é o que os homens dizem. Se você tivesse minha idade e minha experiência, você saberia que mulher raptada que volta, bonita, corada e pimpona é porque gostou do rapto ou melhor, é porque se deixou raptar!

Foi por isso que Aninha não procurou Ana Jacinta.

As duas Anas não se encontraram, e quem sabe se, em franco entendimento, de mulher para mulher, não se houvessem entendido e respeitado?

Quanto a Sampaio, já sabemos o que houve. O rapto da namorada deixara-o desarvorado a principio. Depois, num desespero de louco, foi até Paracatu tentar recuperá-la, disposto mesmo a eliminar o Ouvidor. Mas as dificuldades para levar a cabo o seu intento mal planejado eram tais, que se deixou ficar pelas redondezas a ver se encontrava um meio de falar com Ana Jacinta.

Ela e o Ouvidor estavam cercados de tanta gente que não seria possível aproximar-se dela sem se deixar reconhecer. Esperou, pois, a vaquejada quando ela aparecia em público. Primeiro ele faria com que ela o percebesse e, depois, tentaria falar-lhe a sós.

De fato ela apareceu na hora aprazada, no palanque de honra, ao lado do Ouvidor. Estonteantemente bela, em seu vestido lilás, com um chapéu de plumas rosas a cair sobre o ombro esquerdo, misturando-se com seus cachos louros, em maravilhosa harmonia cromática.

Ela pisou o tablado do palanque com tanto garbo, fustigara os presentes com um olhar de tal maneira orgulhoso e desafiador, que sua presença dominou instantaneamente todos, inclusive o próprio Ouvidor, que a seu lado parecia mais um velho escudeiro que mesmo seu amo e senhor.

Aquela aparência de Eva triunfadora feriu Sampaio em cheio. Ele sentiu-se mesquinho, pueril, impotente.

Galopara do Araxá a Paracatu com a alma de um herói que vai libertar a amada prisioneira, e o quadro que se lhe deparou destruiu suas ilusões.

Prisioneira, ela? Com aquele jeito? Com aquele vestido que ele nunca pensou houvesse igual de tão bonito que era? Com aquele aspecto de quem tem tudo o que quer e faz tudo o que lhe apetece? E o Ouvidor? Seria ele como o

dragão da lenda que rouba a princesa, aquele cara de pobre diabo que mais parecia um cãozinho amarrado à saia da Dona Beija?

— Raptor? Aquele velho tinha lá cara de raptar alguém? Seria dele esse pensamento?

Pensou que fosse mas enganara-se. Quem o emitira fora Dona Genoveva, numa visita feita à sua velha tia, para falar, falar como sempre, sobre o grande assunto que abalara o Araxá. Ouvira atrás da porta, ao mesmo tempo atraído e revoltado, esse estranho diálogo:

— Ah, Dona Genoveva, quanta desgraça junta nesses últimos dias! Enfim parece que há males que vêm para o bem!

— Como assim, Dona Apolinária?

— A senhora sabe que o noivado do meu sobrinho com Ana Jacinta não era do agrado do meu irmão. Aquela menina tem um jeito tão desenvolto que não nos dá sossego há muito tempo. Briga com o noivo de manhã à noite e quando parece que o noivado vai se romper, vê-se que ele está maluco por ela. Parece incrível que o Manoel Fernando, um rapaz de tanta vontade, de gênio tão duro aturasse aquela moça tão mal-educada!

- Não seria feitiço, Dona Apolinária?
- Claro que é feitiço. Aquilo é bruxaria que ela herdou da mãe Índia!
- A senhora acredita mesmo nesse negócio de rapto do Ouvidor?
- Tenho minhas dúvidas, Dona Genoveva, mas é isso que meu irmão me conta.
- Seu irmão é como meu marido. Os homens têm muito boa fé, e quando se trata de mulheres, ficam logo bobos. Não vê logo que aquilo não podia ter acontecido assim? Tudo estava preparado, Dona Apolinária! Tudo combinado! Ela apareceu é ele apanhou-a, porque ela quis! Ela fingiu que fugia para salvar as aparências e o Ouvidor que tem cara de burro fez aquele papelão! O raptado foi ele, Dona Apolinária!
- Será?
- Claro! Quem teve mais a perder?, Ele ou ela?
- Foi feitiço!

— Se foi! Dizem que ela está num luxo desbragado em Paracatu! Está entrando no dinheiro do Ouvidor e já mandou mais de cem mil-réis para os tios!

— Tanto dinheiro assim?

— O fato é que a família dela ficou bem caladinha e nós é que estamos nos ralando. Falam até que o Araxá vai voltar para Minas por causa desse crime! Já pensou nisso, Dona Apolinária? Se for verdade, ai de nós! Vão recomeçar outra vez os impostos. É só para isso que Minas se lembra de nós! Vamos ficar pobres, Dona Apolinária!

- Que horror, Dona Genoveval Que tempo difícil esse em que estamos vivendo. Não há mais sossego!
- Pois é. A senhora chegou a ver o Ouvidor?
- Só quando ele passou na rua com a comitiva. Vi-o da janela.

— E a senhora achou que aquele velho tinha lá cara de raptar alguém? O veneno daquela conversa infiltrou-se fundo e ficou como que esquecido nos refolhos da memória de Sampaio, mas foi bastante ver Ana Jacinta em Paracatu do Príncipe, e vê-la a distribuir sorrisos, fulgurante e dominadora como uma rainha glorificada, e ele sentiu seu orgulho esmigalhado e a frase da dona Genoveva com a dúvida torturante que ela encerrava, veio à tona, sem que ele pudesse, na angústia que sentia, descobrir-lhe a origem maldosa. Teria sido rapto ou uma farsa?

— Ali estava a resposta cruel, pensou ele: era uma farsa, sem a menor dúvida! Ela preferira o Ouvidor apesar de velho, pelas pompas que lhe dava.

Voltou logo para o Araxá.

A primeira pessoa que o acaso lhe pôs à frente foi Aninha Felizardo. Vinha saindo da Igreja, o rosário entre os dedos.

— Você esteve com ela? Perguntou a moça timidamente.

- Não saí do Araxá para procurar ninguém! Fui comprar cavalos em Paracatu, porque é lá que se vendem cavalos. É só, e ninguém tem nada com isso.
- Mas ela é sua noiva, Sampaio, disse Aninha, com seus grandes olhos negros já cheios d'água, pelo tom ríspido da resposta.
- Minha noiva é você, sua tola — disse ele num dos seus habituais rompantes e sem esperar resposta, fustigou a montaria, partindo a

galope.

XL

DUAS MULHERES CHAMADAS ANA

Ana Felizarda e Ana Jacinta de São José foram as duas mulheres da vida de Sampaio. A primeira deu-lhe um lar fecundo e calmo. A segunda trouxe-lhe a aventura e a excitação capazes de quebrar a rotina de uma existência descolorida.

Tal como as circunstâncias se apresentavam, Sampaio precisou de ambas. O rapto desviou, sem dúvida, o curso da vida de Ana Jacinta, mas ele, talvez, fosse a maior vítima, pois quebrara-se-lhe, para sempre, a possibilidade da unidade amorosa e isso levá-lo-ia à destruição.

A calma e a aventura! Como é difícil encontrar isso numa só mulher! A calma que se não transforme em monotonia e a aventura que não descambe para o delírio!

Por isso, Sampaio amou a ambas. Primeiro, sucessivamente, depois somadas. Foi preciso reuni-las para que aquela criatura sôfrega, inquieta e ardente tivesse a ilusão completa da felicidade.

Não era o caso vulgar do homem com a esposa e a amante. Ele quis reuni-las, numa bigamia do bom e velho estilo bíblico-patriarcal.

Aninha Felizardo resignou-se à sua sorte, mas Ana Jacinta não! Ela perdera, ou melhor, todas as ilusões amorosas da mocidade lhe foram arrancadas, com tal brutalidade, que não mais seria possível narcotizar-se com romantismos e, além disso, ela não era mulher para sujeitar-se ao papel de segunda dama, fosse li de quem fosse. Por sua vez Sampaio não era homem para admitir concorrentes.

XLI

FRUSTRAÇÃO

Na manhã seguinte à visita frustrada de Sampaio graças à vigilância agressiva do Bugre, Ana Jacinta preparou-se para tornar ao Jatobá.

Desta vez pretendia ficar uns dias, umas semanas talvez, mas seu objetivo era só repousar.

Queria passar uns tempos longe do bulício do Arraial, sem ver ninguém, só com as duas filhas e os fâmulos de confiança. Trancar-se-ia na chácara. Não receberia visita alguma. Banhos matinais com a lama das algas negras, no lago de água morna seguidos de uma boa ducha da Cascata Azul, restituir-lhe-iam, sem dúvida, as cores às faces empalidecidas e acalmariam a tensão de seus nervos permanentemente solicitados pela presença inquieta e perturbadora de Sampaio.

Sampaio... Dessa vez era mesmo o fim. Ela não permitiria que ele lhe perturbasse mais a existência. Nem ele, nem mais ninguém!

Por essas horas ele já devia estar convencido de que tudo que os havia ligado pertencia ao passado. Depois era só resolver delicadamente seu caso com Joãozinho, mas isso com mais vagar.

Parece que ela ainda queria bem a esse seu último achado amoroso. Tão civilizado, tão amigo, tão preocupado com o futuro da filha, sempre pronto à renúncia e tão diferente de Sampaio que parecia colocar seu egoísmo na frente de tudo, até mesmo esquecendo por vezes seus deveres para com Teresa Tomásia.

O rompimento com Joio Carneiro de Mendonça ficaria para mais tarde — Deus sabe quando! — e depois, só almejava um resto de vida pacato, de matrona rica, a fazer caridade, muita caridade e a dar às filhas, com piedade religiosa, um ambiente de segurança e moralidade, para que elas não corressem o risco de vir a sofrer, no futuro, as vicissitudes que mancharam sua vida turbulenta.

Estava tudo pronto para a curta viagem. Os cavalos selados, para ela e Severina. Um escravo acompanhá-las-ia com dois burros, os jacas cheios de pertences para a mudança provisória. À tarde, completados os arranjos do Jatobá, voltaria para buscar as meninas.

Assim planejava Ana Jacinta as coisas para o presente e o futuro, e depois de dar a Maria Crioula as últimas recomendações com relação às meninas, deixou o sobrado da praça e rumou para a chácara.

A pequena comitiva pôs-se lentamente em marcha e pouco depois perdia o Arraial de vista na curva de uma colina.

Era um dia de outono, claro e ventoso. As nuvens que, em geral, vinham do sul, voltavam correndo, rechaçadas por um noroeste morno, ora acumulando-se em grandes nimbos, escondendo o sol, ora fragmentando-se. Era a época dos primeiros roçados do ano, para as plantações de milho e os tratos da terra revolvida, exalavam dos vales e das várzeas um cheiro forte de humo fértil, que as chuvas do verão haviam ali depositado em suas continuas enxurradas.

Entre o morro e a pequena ribanceira a estrada se estreitava tanto que mal dava largura para um carro de bois passar. Nem mesmo estrada podia chamar-se a tal caminho que mais se assemelhava a uma picada, invadida de mato por todos os lados.

Saindo de trás de uma moita e de jeito a barrar-lhe o caminho surgiu um homem. Antes mesmo de reparar-lhe nas feições, Ana Jacinta logo adivinhou num sobressalto quem era: Sampaio!

Ele aproximou-se a passos lentos. A fisionomia transtornada não deixava dúvida de que sinistros eram seus intentos. O chapéu de aba larga dissimulava os olhos vermelhos e cansados por uma noite de vigília e os lábios tremiam de raiva e emoção. O braço esquerdo apoiava a mão inchada pelas dentadas do Bugre, numa tipóia improvisada e a outra empunhava um rebenque de couro cru.

Ele chegou-se mais e ela apavorou-se:

— Não, Sampaio! Não faça isso, pelo amor de nossa filha!

De nada adiantou. Violento, ele arrancou Ana Jacinta do cavalo, fazendo-a cair ao chão. Insensível à seus rogos e aos dos escravos, ele começou a chibatá-la, nas costas, no peito, nas faces, nas mãos, numa bárbara explosão de raiva incontida.

Para proteger seus lindos olhos azuis ameaçados, ela deixou-se cair, de frente, rosto à terra, cobrindo as faces com as mãos. Chorava de dor, de vergonha, de ódio, de desespero.

Parecia que a vingança de Sampaio não se saciava, e foi só quando seu braço cansou de bater que, sem uma palavra, partiu, deixando a pobre

mulher caída, mordendo o pó da estrada, o vestido rasgado, o corpo lanhado e intumescido.

Um carro de bois que vinha em sentido contrário, foi a salvação. Esvaziaram-no da mercadoria que transportava e forrando seu fundo tosco de tábua mal aplainadas com um cobertor, colocaram Ana Jacinta, desmaiada.

Com os solavancos do carro, a pobre mulher voltou a si, sofrendo dores atrozes.

Cerca de meia hora depois, ela voltava ao conforto do sobrado, e os gritos de dor e desespero que a princípio dominavam até mesmo o chiado do carro de bois, foram, a pouco e pouco amortecendo, transformando-se em gemidos profundos que agora mais pareciam soluços de tardio arrependimento.

XLII

O CRIME

Há quem diga que foi Ana Jacinta quem mandou matar Sampaio, porque ele acabou assassinado. Mas o crime só ocorreu depois de um ano do violento rompimento. Por que, pois, ligar um fato ao outro? A hipótese, por certo, não é desprezível, mas afigura-se-nos bem pouco provável.

Houvesse o crime se dado logo após o açoitamento explicar-se-ia, embora não se justificasse, que o assassino agira em represália como mandatário da mulher agredida e insultada.

Tudo o que sabemos, porém, sobre Ana Jacinta faz-nos alijar, por inadmissível, tal versão do crime.

Apesar dos seus graves defeitos, não se pode deixar de reconhecer que Ana Jacinta estava longe de ser uma criatura banal e, embora levasse vida reprovável, era como alguém que percorresse conscientemente um mau caminho, porque, certo ou errado, chegara à conclusão de que esse era o único meio que a vida lhe oferecia para atingir o círculo onde estava a gente tida por boa. Nem por isso era melhor essa gente, pois foi a falta de caridade provavelmente que obrigou Dona Beija a levar a vida que levou. Teimosa e resoluta, ela resolveu penetrar nesse círculo, usando o meio mais curto, senão o mais recomendável.

O fato é que, até então, ela nunca manifestara instintos maus. Pelo contrário, a pobreza e a desgraça da terra não batiam em vão à sua porta e seus próprios detratores nunca lhe negaram a faceta caridosa do seu caráter. Tudo indica, aliás, que seu próprio sofrimento tornara-a mais compreensiva para com a miséria alheia.

Por que, pois, mandaria ela matar um homem, que, apesar de seus defeitos fora, durante certo tempo, parte integrante de sua vida? Homem que ela amara sem restrições, que lhe dera uma filha de ambos muito querida, a quem ela lamentava sinceramente não poder tornar feliz, por circunstâncias adversas que não provinham só dela, que a ela se apegara apaixonadamente, e que, mesmo no momento em que ela impôs a separação, manifestara, a seu modo, em reação brutal, o sofrimento que lhe dilacerava a alma?

E por que seria ela, e não outrem o mandante do crime?

Manoel Fernandes Sampaio foi sempre homem de temperamento agressivo, que multiplicava em seu redor antipatizantes e desafetos.

A vida também (oi dura para ele. Depois de tremenda luta no seio da família, permitiram que noivasse Ana Jacinta. Mal vencida essa batalha decisiva de sua juventude, e às vésperas do casamento, a noiva lhe é arrebatada pelo grande Ouvidor. Mais tarde ela voltou e ele a retoma parcialmente, mas aí a censura do meio volta-se contra ele, pois. está casado.

Como seria possível, em relação a ele, referir-se a Ana Jacinta senão como concubina?

A Igreja, por sua vez, não poderia confortá-lo antes que ele se conformasse com a renúncia total, pois era adultério o seu pecado, e de escândalo público o estado em que vivia.

Enquanto isso, a gentinha comprazia-se comentando o romance picante que animava a monotonia do plácido arraial sertanejo.

Tudo isso acirrara, ao invés de aplacar o seu temperamento irascível. Não possuí-la seria como tortura do inferno, mas tê-la assim, era como pena do purgatório I

Sabê-la partilhada por terceiros que pagavam entrada na Chácara do Jatobá, foi uma situação com a qual ele nunca se conformou. Que importava que a razão lhe dissesse que devia se dar por feliz com a virtude de uma esposa devotada? Nada aplacava sua inquietação, porque, no fundo, era a outra que realmente importava.

Desde menino, Ana Jacinta fora seu brinquedo. Brinquedo dele e de mais ninguém. Ela crescera para ele, e com essa idéia ele se habituara. Seus primeiros sonhos de amor, devia-os a ela; seus primeiros desejos de homem foi ela quem os provocou.

A vida os ia levando para o casamento, até que, de súbito, um acontecimento inesperado os separou violentamente.

A separação se foi alargando. Para ela o Ouvidor em Paracatu do Príncipe. Para ele, Aninha Felizardo, agora sua esposa. Mas a vida, como torrente de rio caprichoso, que parecia tê-los afastado para sempre, novamente jogou-os um de encontro ao outro. O Ouvidor foi apenas um acidente, uma espécie de ilha fluvial, digamos assim para manter a

imagem do rio, até que a vida de ambos se confundiu de novo como se os dois braços d'água voltassem a se reunir.

Nunca mais seria como dantes, porém!

Reunidos, sim pela fatalidade, mas não amalgamados, pois ao se apartarem para a aventura da grande volta as águas separadas guardariam, para sempre, o cheiro e a cor da terra que sozinhas haviam sulcado.

A unidade do amor de Sampaio e Ana Jacinta jamais se restabeleceria.

O reencontro deu-lhes, sem dúvida, por algum tempo, a ilusão de união completa, mas logo viram que o Araxá seria pequeno demais para eles, na situação em que se achavam. A estreiteza do meio no qual tiveram que representar a comédia da vida, não tardou a asfixiá-los. Juntos, um teria que ceder lugar ao outro. O mais fraco cairia. O mais forte é sempre quem mais resiste, e quem mais resiste nesses casos, não é o homem com o ímpeto que o desgasta, mas a mulher com a poupança de energia, filha de sua paciência natural. É, por isso mesmo, quase sempre mais resistente ao impacto da vida.

Sampaio fizera no pequeno palco araxano um largo círculo, largo demais, de inimigos: era a gente da terra que não mais aturava seu temperamento atrabiliário; era a gente de fora que ele agredia com seu regionalismo feroz; eram homens de prol que ele cismava terem estado no Jatobá e que, por isso mesmo, supunha, certo ou erradamente, terem merecido os favores de Ana Jacinta. Procurando na bebida e no jogo alívio para seus tormentos, só os agravava.

Desde que ocorreu o rompimento com Ana Jacinta, Sampaio foi aumentando as doses de álcool e, cor., elas, aumentaram, também, as paradas do jogo propícias às discussões e às rixas.

Rara a semana em que cadeiras e garrafas não se quebravam e que, em meio à luta, não luzia a lâmina de uma faca.

Certa noite, em volta à mesa de cartas, numa velha casa ainda hoje existente no fim do Largo da Matriz, estavam os jogadores empenhados na luta do azar, empunhando baralhos de cartas sebetas. Dois tocos de vela jorravam luz indecisa.

Sampaio defrontava com a janela escancarada para a rua, onde raros passantes cruzavam àquela hora. Do lado de fora um vulto aproximou-se sorrateiro. Apoiou-se no peitoril da janela e ficou, por alguns momentos, estudando o ambiente interno.

Ninguém reparou nele, empolgados que estavam com o jogo. O homem era um certo Antônio, jagunço de má fama, conhecido ali e em comarcas adjacentes como empreiteiro de crimes, mas contra quem até então nada de positivo se provara. Rondava Sampaio há vários dias, sem se deixar perceber, querendo pegá-lo de emboscada, pois a futura vítima não era pessoa com quem se brincasse impunemente.

E agora Sampaio ali estava à sua frente, a atenção imersa no jogo, a menos de três metros de distância, seu largo peito de homem forte exposto como alvo iluminado a toco de vela.

Antônio sacou da garrucha, alvejou com cuidado e fez fogo. Sampaio, atingido em pleno coração caiu fulminado sobre a mesa na qual estava debruçado, e o criminoso dando à sela de um cavalo ligeiro sumiu com facilidade na escuridão.

Preso dias depois, o acusado a principio negou a autoria do crime, mas acabou por confessar, chamando a si toda a responsabilidade. Negou houvesse mandante, dizendo apenas que se vingava de maus tratos e de ameaças que Sampaio repetidamente lhe infligia.

Estranhas e poderosas influências se fizeram então sentir a favor do assassino, que veio a ser absolvido.

A família de Sampaio, inconformada, moveu céus e terras, tentando envolver Dona Beija como a mandante do crime. Nada ficou provado nesse sentido. Sampaio, em vida, espalhara muitos rancores. Por que seria ela a responsável, e não outrem? O assassino provou que o ameaçado de morte era ele, e que agira dominado pelo pavor de ser morto.

O certo é que o ambiente em torno do sobrado amarelo da Beija no Largo da Matriz nunca mais foi o mesmo, e o demônio da dúvida, até hoje, ronda sinistramente a memória de Ana Jacinta de São José.

Teria sido ela a mandante?

XLIII

OUTONO

Quem diria que aquela senhora idosa, mãe exemplar de duas filhas bem casadas, que só se trajava de preto, a dedicar o resto da sua vida a atos de caridade e obras pias, tendo como único consolo e distração o carinho dos netos, fora a mulher famosa, por quem Joaquim Inácio Silveira da Mota, o grande Ouvidor, se deixara arrastar a um crime, pondo em risco sua carreira política?

Quem adivinharia que, graças a ela, Minas Gerais conseguiu reaver as cobiçadas terras do Triângulo? Por quem Manuel Fernando Sampaio cometeu as maiores loucuras que um homem pode praticar por causa de uma mulher? Que tanto trabalho deu à nobre família dos Carneiros de Mendonça, pela paixão inspirada ao jovem João, recém-chegado de Coimbra e com quem ela encerrou sua vida de grande amorosa? Por quem os homens de prol das redondezas esvaziaram as sacolas de ouro e diamantes, não medindo, na ânsia da conquista, nem distâncias, nem conseqüências, a ponto de produzir um abalo econômico em toda a região diarhantífera e pastoril que circundava de muitas e muitas léguas o velho Arraial de São Domingos do Araxá?

Tudo isso já parecia tão longe, tão passado e, no entanto, fora há tão pouco tempo!

Quantos anos haviam decorrido? Dez? Doze? Não chegavam a quinze, por certo.

£ o solar do Jatobá, com suas riquezas, suas alfaias e seu parque bem cuidado? Praticamente não existia mais.

Decaiu o casarão depois que ela o passou a terceiros. Era agora, simplesmente, uma pacata estalagem, onde pousavam rústicos boiadeiros que traziam seus rebanhos para a salga das fontes sulfurosas.

Já não os acompanhavam os senhores das grandes fazendas.

Ir ao Araxá, para quê? Era um perder de tempo que não compensava a viagem fatigante pelas estradas ora poeirentas, ora enlameadas. Feitores e capatazes de confiança encarregavam-se agora do transporte do gado. No

tempo em que a Beija era a Beija, e o Jatobá a sua chácara, então sim, valia a pena ir até lá!

Só três coisas não haviam mudado: o porte altivo de Ana Jacinta, a mulher dominadora de sempre, que sabia pisar firme e enfrentar o olhar de quem quer que fosse; o sobrado amarelo na Praça da Matriz e o grande nome de guerra, o nome de Dona Beija, que ia a pouco e pouco perdendo o sentido malicioso com que antes era referido para transmudar-se no apelido de uma senhora de respeito e incontestável prestígio.

Os últimos dos senhores que ainda alimentavam a ilusão de reviver o passado frívolo da antiga Rainha do Sertão, retornavam, melancólicos e irritados.

— Você a viu? Esteve no Jatobá?

— Vi-a, sim. Aposentou-se. Acabaram-se as festas. Procurei-a na cidade. Não quis me receber. Passa hoje por grande dama. Ficou riquíssima graças ao dinheiro que nos sugou. Os padres agora procuram salvar-lhe a alma. O Jatobá acabou. Está caindo aos pedaços. É uma ruína!

— E ela? Muito velha? Acabada?

— Nem tanto, mas seus vestidos não são mais os mesmos. Afoga-se como uma freira. Só anda de preto. Parece uma viúva em luto permanente.

— Então mudo os meus planos. Sou capaz até de não ir mais lá.

— É o melhor que você faz. Guarde as boas recordações e não volte, para não ter uma desilusão igual à minha.

Fidalgos e fazendeiros, faiscadores e aventureiros sumiram de repente. Por quê? Porque o Araxá era elal Araxá era a Beija e a Beija era o farol daquelas paragens ermas!

Sem ela, Araxá voltou a ser como suas inúmeras irmãs do grande sertão do centro: um povoado como outro qualquer, mais movimentado, talvez, por causa das fontes, mas que só renasceria muito tempo depois, quando a ciência revelasse o valor incalculável de suas águas.

XLIV

O QUE CHEGOU DEPOIS DA FESTA

O clarão da fogueira que Ana Jacinta acendeu não desapareceria sem que um jovem e petulante intruso tentasse provocar o crepitar de uma derradeira chama.

Para os lados de São João del-Rei vivia um abastado fazendeiro que fizera muitas visitas ao Jatobá em seus áureos tempos, e que lá, gostosamente, deixou grande parte de seus haveres.

Era um homem bonachão, mas indiscreto, que não sabia, não queria e, sobretudo, gostava de exagerar suas conquistas, costumando alardear o grande prestígio que dizia ter junto à Beija, a grande Rainha do Sertão, mulher que, afirmava sem modéstia, faria por ele as maiores loucuras!

A realidade, porém, era outra. Dona Beija, com a esperteza de sempre, descobrindo que a vaidade cegava esse rico admirador que se chamava Rodrigo, apenas fazia-o pagar caro as vitórias de suas supostas conquistas. Rodrigo era solteirão e criava um sobrinho, filho de irmã viúva, por quem se afeiçoou e que seria, um dia, seu herdeiro universal. Bernardo, este o seu nome, cresceu — entre os cuidados da mãe que lhe fazia as vontades e do tio, que sem a devida cautela falava em sua frente assuntos impróprios aos ouvidos de um infante, — voluntarioso, arrogante e precocemente disposto a aventuras fesceninas.

Adolescente ainda, conhecia, por muito ouvir contar, em todos seus detalhes certos e deturpados, a vida da mulher famosa e assim aguardava impaciente, que, o correr dos anos lhe permitisse incorporar-se à legião de seus admiradores.

Houve, porém, um desencontro no tempo. Dona Beija não ficaria esperando, para aposentar-se, que Bernardo atingisse a maturidade. Isso porém, foi algo de que nem sequer cogitou o imaginoso rapaz.

Todo o mundo fazia-lhe a vontade: a mãe, o tio, os feitores, os escravos. Por que fazia exceção Dona Beija? Ele estava certo, certíssimo, de que quando soubesse ela que estava por chegar, ela mandaria atapetar as escadas do Jatobá, como nos dias de gala, segundo seu tio e com seu mais belo vestido, em grande decote, o colo magnífico, cintilante de jóias,

aguardá-lo-ia no patamar de entrada, e com um sorriso acolhedor diria mais ou menos assim:

— Seja bem-vindo, Bernardo. Então você é o sobrinho de quem Rodrigo tanto falava? Nunca avaliei que você fosse um rapagão tão fortel

Ele então responderia com uma frase que, de tão estudada, já nem bem se lembrava, mas que seria uma síntese de inteligência, de fino espírito e alta galanteria, tudo tão bem dosado e oportuno, que ela daí por diante não pensaria em mais ninguém, senão nele.

Logo no dia subsequente ao aniversário, em que completou dezoito anos, pôs-se em marcha para o Araxá. Fazia-se acompanhar de dois homens de confiança, um dos quais levava, cuidadosamente, embrulhado, régio presente: uma caixa de prata portuguesa, primorosamente lavrada, forrada de veludo carmesim, contendo um soberbo conjunto de crisálidas montadas em ouro, somando um colar, um par de grandes brincos pendentes e um broche.

Sua primeira desilusão foi topar com o Jatobá transformado agora, como já vimos, em pacata estalagem de vaqueiros. Sem se dar por vencido, aproveitou

a pousada para descansar um pouco, mudar de roupa e fazer uma ligeira refeição, enquanto fazia seguir um dos seus homens com o presente vanguardeiro.

Ana Jacinta recebeu o emissário estupefata. Quem era esse senhor Bernardo, lá das bandas de São João del-Rei? A que vinha? Sobrinho de quem? Do senhor Rodrigo?

- Sim, sim, esforçava-se em recordar, mas a memória não a ajudava. Em todo o caso, fingiu lembrar-se do tal Rodrigo. Tinham sido tantost Mas por que mandava ele com seu sobrinho Bernardo um rico presente?
- Não, explicava o homem, o presente não era do tio e sim do jovem sobrinho.

Ela olhava, sem ver as lindas jóias, seu pensamento longe, perdido no passado, lembrando que tais oferendas eram o preliminar costumeiro de exigências que vinham logo depois.

— Mostra, vovól

Era Haidée, sua netinha, de dois anos, que lhe puxava a saia, na ânsia de também ver o presente. Carinhosa, ela lhe fez a vontade.

- Deve haver engano, disse, afinal, ao portador. Diga a seu patrão que não o conheço.
- Perdão, senhora, ele pede uma entrevista, não só pela honra de conhecê-la, como, também, porque diz ter algo de muito importante para dizer-lhe, minha senhora.
- Pois então que venha, disse ela. Recebê-lo-emos à tarde, às quatro horas, mas leve de volta o presente. Ele mo trará pessoalmente, se houver razão para isso.

O homem insistiu e ela respondeu, peremptoriamente:

— Diga-lhe que não recebo presentes de desconhecidos.

Antes da hora marcada, o sôfrego Don Juan martelava, com insistência, a aldrava da porta de entrada.

O rapaz não era apenas mal-educado e insolente. Possuía natureza acentuadamente psicótica, mas, naquele tempo — em que os loucos conscienciosamente eram surrados para serem libertados dos maus espíritos — só se acreditava nas virtudes terapêuticas de uma boa sova e Dona Beija, apesar de ser mulher inteligente, porque o jovem intruso lhe despertaria complexos ainda não resolvidos, de um triste passado que ela queria bem enterrado e silencioso, desta vez ficou cega a toda compreensão.

- Senhora, foi logo dizendo o improvisado Casanova, em estilo grandiloqüente, acuso-vos de faltar às boas regras da hospitalidade.
- De que me reprochais, senhor? Não vos recebo eu, em minha casa como visitante ilustre, pronta para atender às vossas ordens?

Ele não percebeu que a mulher ironizava ao imitar-lhe a fala pomposa e, por isso, prosseguiu:

— Compreendo, agora, que preferistes fosse eu mesmo o portador do mimo que trouxe para vosso regalo, senhora dos meus sonhos. Por isso

perdôo o gesto pouco gentil da devolução das jóias, mas por que me desafiáis, senhora, com um tão feio e negro vestido? Pensais com isso enganar-me?

Ela o fitava agora entre perplexa e insultada.

Tinha mudado de vida, sim, e os anos haviam passado, fixando nos sulcos das primeiras rugas, suas desilusões, mas era ainda suficientemente mulher, e mulher vaidosa, para não tolerar a crítica do petulante fedelho ao seu vestido de cetim preto, elegante embora severo.

Bernardo, porém, ainda não tinha desfiado todo o rosário das cretinices que vinha decorando em caminho:

— Abusais dos meus verdes anos, senhora! Tentais esconder a meus olhos, ávidos, o panorama soberbo das vossas formas naturais. Por que mereço eu tão duro tratamento? Não tendes mais coração, senhora? Levantai esses coques de ouro que escondem o lóbulo das vossas orelhas, onde eu mesmo pendurarei os brincos que vos trouxe, e desafogai, senhora, esse busto alabastrino dos negros véus que o encobrem, pois é sobre esse pedestal de carne, soberbo e arfante, que depositarei este colar que de longe trouxe para cingir o pescoço de Dona Beija, a grande Rainha do Sertão!

Como continuasse imóvel e silenciosa, ele levantou-se, e com parva e solene decisão encaminhou-se para ela. Levantou-se primeiro um coque, depois outro e, descobrindo as orelhas, enfiou pelos orifícios vazios dos lóbulos, primeiro um, depois outro, o par de brincos que trouxera.

A precisão com que Bernardo agira, parecia mais a de um adestrado joalheiro a experimentar a mercadoria numa cliente, mas quando ela sentiu que o rapaz tentava desabotoar-lhe a gargantilha, ou para cingir-lhe o busto com o colar que na outra mão trazia, ou para com mão profana explorar-lhe recantos mais íntimos, ela sentiu-se possuída de uma cólera tão intensa e inexprimível que, rubra de raiva, levantou-se e deixando a sala de visitas, subiu a escada rapidamente, rumo a seus aposentos, a fim de recompor-se, temerosa de que suas filhas a encontrassem assim despenteada pelo estranho e alucinado visitante.

Bernardo era, no fundo, um pobre rapaz. Tanto sonhara com Dona Beija, mercê do que muito ouvira dizer, que procurara manter latentes seus mais violentos instintos, esperando que explodissem na presença dela!

Achavam-no bobo as moças de São João del-Rei? Bobas eram elas! Mais bobas ficariam quando soubessem de sua aventura com Dona Beija, a famosa Rainha do Sertão!

Bernardo planejava, há anos, que este seria o dia de sua primeira aventura de homem, e para uma estréia de gala, arquitetara ter um caso, para referências futuras, com a grande mulher da época, ou melhor, da época do seu tio Rodrigo.

Os planos, porém, não se estavam desenrolando exatamente como previra, admitiu ele, de si para si, quando se viu corretamente recebido pela senhora amatronada, severamente vestida de preto.

Paciência! O homem não é um animal como outro qualquer, pensou ele, e tem o privilégio da palavra. Primeiro falaria e depois agiria.

Obediente a essa orientação, diria todas as asneiras que lhe viriam à cabeça e, depois, num crescendo de ousadia, passaria rapidamente aos atos.

Esperaria que voltasse? Não! Nada tinha que esperar! Não ouvira ela o que lhe dissera? Não tolerara que ele lhe pusesse as mãos? Não se retirara com seus enormes brincos pendurados às orelhas? Não deixara a porta aberta?

Esperaria que voltasse? Não tinha que esperar! Não ouvira ela o que lhe dissera? Não tolerara que ele lhe pusesse as mãos? Não se retirara com seus enormes brincos pendurados às orelhas? Não deixara a porta aberta? Então, por que hesitar? Qualquer homem experimentado saberia que ela o estava convidando, embora discretamente, para entrar!. Por que não experimentara antes uma aventura assim, com qualquer outra para não perder-se agora em tolas hesitações?

Como que para sacudir suas dúvidas, uma rajada de ar entrou pela janela aberta. Inflou as cortinas, fazendo tilintar os cristais do grande lustre, e sem parar ai, empurrou a porta da sala que ficara encostada, abrindo-a para o interior da casa.

Bernardo quis interpretar o fato como um acaso à seu favor.

— A porta que se abre é um convite para entrar, monologou ele, acacianamente. Entro ou não entro — indagou-se ainda perplexo?

— Entro — concluiu — vencendo as últimas hesitações. Embarafustou-se pela porta adentro e, num segundo, atingiu, arfando, o segundo pavimento.

Três portas fechadas e uma janela aberta apresentavam-se, agora, na peça do andar superior. A esmo abriu a primeira porta e deparou com Dona Beija a recompor-se.

Dependurara os brincos e refazia as tranças que, depois, formariam os dois coques que ele desfizera, afoitamente.

— Agora, disse, ela, dominado-se, ao vê-lo novamente, o senhor já fez suas artes, já desmanchou meu penteado. Até onde pensava levar essa brincadeira?

— É — foi tudo que ele encontrou para dizer, parvamente, à guisa de resposta.

Na verdade não pensava mais em nada.

O grotesco da cena era tal e a atitude daquele inábil casanova, hesitante e inócuo, era tão ridícula que Ana Jacinta, apesar de tudo, não pôde conter o riso.

— Pare com esse riso, senhora, disse ele, irritado.

Ela ria ainda mais. Ria como há muito não ria. Um riso puxando outro, até as lágrimas virem-lhe aos olhos.

Ele resolveu acabar bruscamente com aquela explosão de aparente alegria que tanto o perturbava e, sem jeito, enlaçou-a por detrás, tentando beijar-lhe o pescoço. Ela repeliu-o como a um inseto incômodo, e, séria:

- Rapaz, não seja tolo. Pegue suas jóias e vá embora. Enfim, você valeu a risada. Agora chega.
- Isso não vai ficar assim, disse ele, perdendo o tom majestoso da frase. Você não pode me mandar embora. Sou um homem e ninguém brinca comigo. Você não recebeu tio Rodrigo? Por que não vai fazer o mesmo comigo?
- Eu não me lembro do que fiz com seu tio Rodrigo, nem sei mais quem era ele. O que fiz com ele, se é que fiz mesmo, fiz também com muitos outros, infelizmente, mas agora não faço mais nada do que você pretende, com ninguém e, muito menos, com um menino bobo como você! Não vê, rapaz, que eu podia ser sua mãe?

Ele não interpretou a palavra *mãe* como simples referência à idade, antes pensou, sem razão, que ela se comparava à sua própria mãe. O raciocínio

falso fê-lo explodir:

- Podia coisa nenhuma! Tinha graça ter mãe assim!
- Você tem razão, admitiu ela, tristemente. Não teria graça alguma mesmo. Eu só quis dizer que, na minha idade poderia ter um filho grande, como você, mas, se tivesse faria com que ele não fosse tão bobo.
- Boba é esta conversa. Vamos parar com isso, de filho e de mãe! Hoje eu vim disposto a tudo!

... e com essa bravata, o jovem avançou novamente para ela. Ela manteve-o distante.

— Espere, respondeu. Então você quer mesmo fazer hoje sua primeira aventura, e está disposto a tudo, não é?

- Sim!
- Não seria melhor que você fosse embora e ficasse o dito pelo não dito? Vou fazer-lhe uma proposta: Você vai embora e me deixa em paz. Não diga a ninguém que esteve aqui, que eu prometo guardar segredo de sua visita. Está bem?
- Não!
- Pois, então, seja como quiser — disse ela impaciente. Já que você não vai embora, espere-me meu jovem conquistador. Volto já e para você não ficar com má recordação minha, vou dar-lhe um beijo. Na boca não! Que é isso? Na testa. Assim. Até já. Você não quer mesmo ir embora? Não? Teimosinho, hein?

... e com essas palavras ela deixou o aposento.

— Bom, pensou ele, isso já é outro falar. Bem que tio Rodrigo dizia que ela era caprichosa. Está é muito velha para mim! Depois desta visita não apareço mais aqui.

Vencera, estava certo, as resistências da Rainha do Sertão.

Refestelou-se numa poltrona, mas, sôfrego, não se aquietou. Levantou-se logo. Deu uma pirueta de contente. Mirou-se no espelho do toucador. Estava satisfeito. Saudou-se:

— Parabéns, Bernardo!

Sentia calor. Despiu o casaco. Como continuasse afogueado, libertou-se da camisa. De torso nu respirou com força, inflou o peito. Retesou os músculos. Estava vaidoso como um pavão.

Ouviu passos no aposento contíguo. Era ela, sem dúvida, que vinha ao seu encontro.

Oh, o grande encontro! A maçaneta rangeu e a porta abriu-se. Ai, ele recuou!

Dois grandes e musculosos negros, de torso nu, chibata em punho, entraram e barraram as saídas do aposento. Atrás deles, vinha Dona Beija.

- Que significa isso? — indagou medroso, mas tentando manter a arrogância.
- Significa que o senhor vai levar uma surra, disse calmamente Dona Beija.
- Nunca ninguém me tocou, e não há de ser você, mulher perdida, que vai fazer isso.
- Sou eu mesma, meu rapaz, quem vai fazer isso e para seu próprio bem!

Se sua mãe lhe tivesse surrado de vez em quando, para você aprender a respeitar a casa dos outros, poupar-me-ia esse trabalho, que não é do meu agrado, seu mal-educado! Vamos!

As chibatadas sibilaram e ele pôs-se a berrar.

— Basta, disse ela, logo depois. Não é para machucar. É só para ensinar.

Bernardo saiu como uma flecha, escada abaixo, aos tropeções. Correu até o meio da praça, onde o populacho o apupava, em busca de seus aios. As senhoras do sobrado chegaram às sacadas com as crianças ao colo.

— Vai deixar o ladrão fugir, Dona Beija? — perguntou uma vizinha.

— Não é ladrão, não, Dona Cremilda. É um bobo que veio de São João del-Rei e quis se fazer de engraçadinho comigo. Já levou o corretivo.

E assim, todo o mundo ficou sabendo que ninguém mais se fazia de tolo com uma pessoa tão digna de respeito como a senhora Dona Beija, sob pena de levar um corretivo igual.

XLV

ÊXODO

Ana Jacinta realizou, depois de velha, um projeto antigo: deixar o Araxá. Seu primeiro ímpeto foi de fazê-lo quando, moça ainda, para ali tornou, desonrada e infeliz, tão logo conseguiu livrar-se do grande Ouvidor. Repudiada pela incompreensão aliada à hipocrisia, impôs-se como pôde. Agora sua vida entrava na fase serena da velhice.

Casara as duas filhas: Teresa Tomásia de Jesus, a suposta filha de Sampaio, com Joaquim Ribeiro da Silva, cuja filha, por sua vez, desposaria José da Silva Botelho, famoso estoura-vergas do sertão, homem violento e autoritário, que teve em vida dois objetivos: criar uma república autônoma com os três municípios do Triângulo Mineiro e fazer-se seu Presidente com o título de Barão do Araxá. Não conseguiu nem uma coisa nem outra, isto é, nem a republiqueta, nem o baronato.

O único titular agraciado com o nome de Araxá foi Domiciano Leite Ribeiro, segundo Lúcia Miguel Pereira - "O Visconde de Araxá", "Correio da Manhã" de 17 de outubro de 1955.

Joana de Deus São José, a suposta filha de João Carneiro de Mendonça casou-se com Clementino Martins Borges, seu genro preferido.

Vasta foi a fortuna que acumulou em garimpos, matas virgens e fazendas de gado.

Caridosa, espalhava em redor de si o bem que podia. Seu prestígio político era real e sua personalidade influente conseguia manter amortecida e distante a lembrança de uma fase superada de sua vida mundana.

Mas as conseqüências daqueles dias agitados, ainda perduravam. Muito forasteiro que chegava ao Araxá, ou que para lá propositadamente ia, embalava a esperança de reatar com ela casos antigos, ainda confiando no passado da garbosa matrona. Bastava, porém, a visão severa de Ana Jacinta, corbelta de negro, em sua fase de austeridade, para desiludir os últimos remanescentes de uma corte de admiradores envelhecidos e decadentes.

Pior que tudo, pois isso, em verdade não mais contava, era a campanha que lhe moviam os inimigos gratuitos que, por motivos políticos, ou outros quaisquer, apontavam-na ainda — embora nada tivesse ficado provado — como implicada no assassinato de Sampaio.

Ela podia esmagar os difamadores de sua honra, assumindo a responsabilidade de um passado triste, reabilitado por seu repúdio ao pecado, mas doia-lhe a sombra da dúvida que sentia presente com relação à morte de Sampaio, do homem a quem ela votou um amor desinteressado, a ponto de haver permitido fosse ele o pai de sua primogênita.

Essa realmente a última gota de fel a amargurar-lhe a alma e que a fez partir.

XLVI

DIAMANTES

O ano de 1853 anunciou-se sensacional.

No leito do Rio Bagagem que regava região tida como de pouca importância diamantífera, envolto no cascalho revolvido por garimpeiros desiludidos, luziu inesperadamente a maior pedra preciosa que jamais apareceu no Brasil, o famoso diamante Estrela do Sul, cujo peso bruto atingiu duzentos e cinqüenta e quatro quilates e meio!

Cortada, a fabulosa pedra ainda pesava cento e vinte e cinco quilates. Adquiriu-a o "gaikwar" de Baroda pela soma de oitenta mil libras esterlinas, ou sejam quase quinze milhões de cruzeiros, ao câmbio atual.

Pouco depois, outra pedra famosa foi descoberta, o Diamante de Dresden, bem menor que a Estrela do Sul, pois só pesava quarenta quilates, mas que se tornou notória, sobretudo pela raríssima coloração: um verde-maçã bellissimo.

O português Garcia da Orta, vice-rei de Gôa, em 1565, tanto escreveu e falou sobre as minas diamantíferas do Indostão que por muito tempo ele desviou de nós a atenção do reinol, mas o Estrela do Sul ultrapassou em beleza e tamanho as pedras indianas, e foi por isso, exatamente, que o "gaikwar" de Baroda o adquiriu.

A febre das pedrarias, que já sacudira por tantas e tantas vezes as gerais brasileiras, renasceu com violência num de seus derradeiros lampejos. Breve, no entanto, muito breve mesmo, as famosas terras azuis da África do Sul iriam começar a jorrar no mundo uma quantidade de brilhantes notórios, como o Estrela da África do Sul, também chamado o Dudley; o Vitória, o Tiffany, o Excelsior, o Nassak, o Stewart, o Porter Rhodes; o Koh-i-noor para culminar no grande Cullinan, que pesava três vezes mais que o maior diamante até então conhecido!

A corrida diamantífera do Rio Bagagem! Eis ai o pretexto para Ana Jacinta deixar de vez o Araxá. Ela aproveitou-o. Tinha então pouco mais de cinqüenta anos.

Mudando-se para Bagagem, depois de ter vendido tudo o que possuía no Araxá, estabeleceu-se lá, projetando sobre a região do seu novo domicílio

a influência de sua pessoa.

Waldir Costa conta que, continuando ela "senhora de riqueza considerável, equipou o seu garimpo dos recursos técnicos conhecidos naquele tempo, conseguindo uma produção notável.

Dispondo de numerosa escravaria, em pouco prazo as baterias de pilão multiplicaram-lhe a fortuna, dando-lhe a notoriedade de possuidora de muitos haveres.

Dama de traquejo social, boa dona-de-casa, hospitaleira e caridosa, acolhia à sua sombra os necessitados, amparava as obras de benemerência social, numa palavra, a tudo atendia, irradiando respeito e simpatia ao povo, em geral.

Matrona rica, a todos distribuía os préstimos cativando a amizade e o apreço do povo. Convertida, freqüentava, com assiduidade, os atos religiosos, militando nas associações pias, às quais emprestava o prestígio da sua influência, recrutando entre as amigas, elementos para as irmandades, num trabalho de ação social e religiosa muito importante.

Tomava a liderança de todas as festas, que animava com as quermesses rendosas para as prebendas, graças à riqueza corrente e o afluxo de garimpeiros.

Essa projeção social de Dona Beija ia-lhe creditando a admiração dos habitantes do lugar. É vezo nas sociedades provincianas, consolidar os laços de amizade com as pessoas influentes, por meio do compadresco, pois chega a ser padrão de glória chamar de comadre à senhora do chefe político, à fazendeira abastada, ou à coronela prestigiosa.

Os compadres ricos e como eles as comadres, exercem uma advocaciazinha administrativa muito curiosa nos centros pequenos. É quem promove a soltura dos presos sem a despesa de carceragem; quem consegue uma redução nos lançamentos fiscais; quem pleiteia o perdão de uma dívida ativa; providencia uma baixa de patente; quando preciso, resolve um ou outro caso íntimo de família e faz, quase por um dever de ofício, o pedido de casamento dos afilhados, quando não é dos amigos. O homem simples da vila vê nesses atos de mera rotina social, uma dificuldade muito grande e se embaraça neles, como nas maiores dificuldades.

Dona Beija colheu logo um magote de afilhados. Os netos cercavam-na de muito carinho e dela não se afastavam. Com tantas crianças que se

recomendam aos seus cuidados, a casa grande de Dona Beija era alegre como um pombal.

Sobre o Rio Bagagem, construiu uma ponte, que até hoje lhe guarda o nome: A Ponte da Beija.

Sebastião de Affonseca e Silva diz que a maior obra executada "foi a virada do Rio Bagagem para colher o cascalho do leito do rio, onde presumia ter maior depósito de diamantes". Diz ainda o mesmo autor que procurou, em vão, conseguir um opúsculo publicado em 1898, não se sabe por quem, chamado "A VIRADA DE DONA BEIJA".

XLVII

"INDIGNA IRMÃ"

Em 10 de junho de 1869 Ana Jacinta preparou-se para a morte que, no entanto, só viria muito mais tarde. Fez testamento. Tinha, então, sessenta e nove anos.

Contrita, confessou: "tenho sempre vivido em estado de solteira".

Disse das duas filhas que houvera: Teresa Tomásia de Jesus e Joana de Deus São José; com quem haviam casado; apontou-as herdeiras, mas silenciou de quem as tivera.

Disse que nasceu e se batizou na cidade de Formiga, na Província de Minas Gerais, sendo filha natural de Maria Bernardo dos Santos e, a seguir, com humildade, admitiu perante seus semelhantes aquilo que já devia ter sussurrado em seu confessionário: "Declaro que sou indigna Irmã de Nossa Senhora do Carmo, em cujo hábito", rogou, "será meu corpo envolto, assim mais o de S. Francisco; de Nossa Senhora Mãe dos Homens, da Terra Santa e de Santo Antônio".

Ordenou um "funeral decente, mas sem pompa", manifestando o desejo de ser sepultada "se for possível, na Igreja Matriz, sendo acompanhada pelos Sacerdotes que se acharem, os quais me dirão uma missa de corpo presente e um oitavário seguido".

Pedi missas: "cinquenta pelas almas do Purgatório em compensação de alguma promessa que deva e tenha passado pela lembrança; vinte por alma de meus pais; vinte por alma daquelas pessoas com quem tenha tido negócios e que, contra minha vontade, possa ter prejudicado".

Confirmou que por ocasião do casamento de Teresa Tomásia deu-lhe a escrava querida — Maria Crioula — que lhe custou quinhentos mil-réis. A filha Joana deu-lhe desde pequena a escrava Luísa Cabral e que, ao morrer, Haidée, a netinha, receberia a parda Severina, ou se preferisse, um conto de réis em dinheiro.

Quanto aos outros escravos "Martinho e Delfina, casados, continuarão a servir como escravos, aquele por mais seis e esta por mais quatro a contar-se do meu falecimento, findos os quais o meu testamenteiro lhes passará carta de liberdade".

Deixando ainda consignadas outras manifestações de última vontade quanto ao destino de bens e indicação de testamentários, concluiu: "É este o meu solene testamento, que estando em meu perfeito juízo e entendimento, ignorando a hora em que Deus tenha de chamar-me, determino fazer; é minha última vontade, que quero se cumpra depois de minha morte e para o que, peço à Justiça de meu país que lhe dê todo vigor e cumprimento".

XLVIII

MISSÃO CUMPRIDA

Senhora Ana Jacinto de São José:

Homens de letras, dos mais ilustres, vivos e mortos e, também, milhares de forasteiros de outras regiões do Brasil e do estrangeiro, andaram em terras do Araxá e provaram as águas de suas fontes.

A impressão deles foi forte, pois muitos dedicaram a essas rústicas paragens palavras em que transbordam os mais variados sentimentos, a começar por Saint Hilaire^[5] que foi o primeiro a deixar em livro famoso, frases esparsas sobre o Araxá: "une belle plaine couverte de pâturages et bordée par des capões; onde ele encantou-se porque" l'aspect du village, dont toutes les maisons, Ion de mon voyage, étaient encore nouvelles, la verdure des pâturages, les bouquets de bois dont ils sont parsemés, la beauté ravissante du ciel, cet air de gaieté qu'ont si souvent les pays de plaine, tout cela formait un ensemble charmant". Queixou-se, porém, da má educação de seus habitantes em contraste com a polidez da dos outros povoados mineiros: "Il s'en faut bien que les habitants d'Araxa aient cette politesse qui distingue ceux de la partie orientale de Minas Gerais. Leurs manières sont, en général, grossières et dédaigneuses".

Como se vê, Araxá é, por fatalidade, uma região que suscita polêmicas. Provoca tudo, menos a indiferença.

Quem ignora o bem que Alberto de Oliveira, o grande e saudoso vate, dedicava a esses ermos que anualmente visitava?

Adelmar Tavares, certa vez, ao percorrer a igreja de São Sebastião do Araxá, em que repousa a imagem de Nossa Senhora das Dores, empolgou-se pela obra de um pobre e genial artista chamado Bento Antônio da Boa Morte que, em 1824, esculpira-o de um velho tronco de cedro e, sem conter a inspiração, em loas à sagrada imagem, fez um lindo poema-prece que dedicou a seu amigo Fausto Alvim, de onde extraio estes formosos fragmentos:

"Senhora das Dores do Araxá

Vestidinha de roxo como a bonina da serra,
Vestidinha de roxo como a estrela da chuva,
Vestidinha de roxo como a chaga de Cristo!
Venho de um mundo de tão longe para ver-te:...
Trago-te todas as rosas que abriram hoje
na manhã de tua linda Cidade.

— As rosas que as mãos trêmulas de Alberto um dia te trouxeram,
Por entre estrofes imortais!...

Senhora, que Bento Antônio da Boa Morte,
o pobre artista fazedor de imagens,
ergueu de seu Gênio, e da sua fé,
de um rude cedro da montanha,
há mais de século passado;
Senhora das Dores, ora por nós!"

Depois, veio Olegário Mariano. Não sei se ele visitou a velha igreja de São Sebastião, nem tampouco se viu as esculturas sacras de Bento Antônio, cognominado com justiça o Aleijadinho dos Sertões, mas sei que, depois de beber a água azul de vossa fonte, compôs aquele soneto famoso a que chamou "A fonte da Beija" e que contém esta passagem vibrante:

"A água que corre em lânguidos meneios,
Guarda o perfume quente na água fria,
Daqueles braços e daqueles seios..."

Viriato Corrêa também escreveu algo sobre vossa vida, para teatro, em peça infelizmente de tão restrita divulgação, que nem eu, empenhado em conhecê-la, pude deitar os olhos sobre tal escrito.

E tantos mais!

Waldir Costa, por exemplo, em seu minucioso livro "Araxá — Da maloca ao Palácio" dedica-vos algumas páginas interessantes.

Um velho médico local, Augusto Eduardo Montandon, tentou descrever vossa incomparável beleza, nesta pequena frase tão cheia de entusiasmo e significação: "A natureza fez a Beija e depois quebrou o molde, para não sair outra criatura igual".

Fostes, pois, realmente incomparável, Senhora Ana Jacinta, e não fora assim, como explicar que a magia do vosso nome perdurasse, desafiando o

tempo?

Outros artistas em vós se inspiraram, externando-se através de variadas manifestações estéticas.

Nos vitrais das termas e nos azulejos das fontes falam de vós Joaquim Ferreira da Rocha e Genesco Murta.

Ao professor Calmon Barreto devem-se a pintura e a maquete de vossa estátua eqüestre, ainda não erguida na praça fronteira ao Grande Hotel e às Termas do Barreiro do Araxá.

Não há palavras para descrever a beleza dessa concepção artística. Imaginou-vos ele montada à amazona, seguida do infeliz pajem, no esplendor dos dezesseis anos, 'justamente no dia fatídico em que os olhos do Grande Ouvidor caíram sobre vós, como os de uma ave de rapina.

A idéia de movimento que a estátua dá, é tão natural, que se tem a impressão de que o cavalo da frente trota, enquanto o de trás esforça-se por alcançá-lo. Do conjunto escultural, ressuma um tal frêmito de vida, que só um artista que sabe e sente a vossa história poderia dar. Em verdade, o que se imagina ao vê-la, o que quase se sente, é o próprio vento a desalinhar-vos os cabelos, a beijar-vos as faces e a obrigar o pesado traje de montaria a não esconder o modelo das vossas formas perfeitas.

Tão intensa a impressão que essa obra de arte me causou, que não resisti à tentação de pedir ao artista que a reproduzisse na capa deste livro.

É a única imagem que ostenta.

Deixamos para o fim a referência ao Major Sebastião de Affonseca. Foi ele quem, de viva voz, primeiro me contou vossa história, vestindo-a com graça e vivacidade, ao relatar autênticas narrativas que, por sua vez, ele ouviu de pessoas que convosco conviveram no século passado.

Quando, anos após, retornei às notas que, a vosso respeito, dele colhi em 1948, soube que ele deixara em mãos do Professor Calmon Barreto completa biografia datilografada assim intitulada:

1800 - 1874

ANA JACINTA DE SÃO JOSÉ

(DONA BEIJA - IN NATURA)

SUA VIDA EM ORDEM CRONOLÓGICA

DO BERÇO AO TÚMULO

COLETÂNEA DE NARRATIVAS OUVIDAS DE PESSOAS
SEPTUAGENÁRIAS, OCTOGENÁRIAS,
NONAGENARIAS E QUASE CENTENÁRIAS

1950

ARAXÁ - MINAS

Esse trabalho, não divulgado, mas que eu tive o privilégio de ler, é precioso repositório de fatos, escrito de maneira pitoresca e muito original, como aqueles transcritos neste livro, o que fizemos com a necessária autorização do Autor.

Eis agora mais um livro, Senhora, a vosso respeito. Não é uma biografia, nem pretende confirmar ou negar isto ou aquilo que até hoje foi escrito. É apenas uma tentativa de interpretação, romanceada a meu bel-prazer do sentido que deu à vossa existência e dos seus fatos marcantes cuja maior parte chegou-me através de narrativas e escritos que senti deturpados pela curiosidade erótica. Essa curiosidade mal-sã, se por um lado teve a vantagem de manter viva a vossa lembrança, sem dúvida também fez que se perdesse de vista o objetivo mais alto de vossa vida.

Esta é a conclusão a que cheguei.

Fiz este livro quebrando uma linha de conduta que me impus há vários anos: a de não tornar às letras profanas. Obrigastes-me, Senhora, a romper compromisso que, embora assumido comigo mesmo, nem por isso supunha revogável.

Com ele respondo à irresistível magia da vossa súplica, que me apanhou desprezido em meio a uns poucos dias de férias, arduamente adquiridos, quando, não sei se adormecido ou acordado sobre a maciez da relva úmida, diante de vossa fonte murmurante, olhava embevecido um céu extravagantemente belo, no encantamento de uma noite de primavera.

Presto-vos, pois, contas, Senhora, da vossa ordem e do meu mandato. Do mais estranho mandato que me veio ter às mãos, em circunstâncias ainda mais estranhas, e para terminar, direi duas palavras apenas: missão cumprida.

Mas não, vejo que isso não basta. É pouco. É seco. É militar demais.

Permiti, pois, Senhora, que acrescente algo ainda ao que aí vai, como confidência, ou mesmo como confissão: foi, talvez, o perfume de pecado

o que me atraiu em vossa história, pobre pecador que também sou. À medida, porém, que fui conhecendo a verdade, tomando contacto com vosso sofrimento, vendo como a possibilidade de amar vos foi negada, só então percebi o que outros antes talvez não vissem ou não quisessem ver, sentindo o que outros talvez não sentissem: que vossa vida, Senhora, foi uma luta dramática e desigual, contra o seu arraial, contra o seu meio, contra a sua época, contra tudo e contra todos!

Mas vencestes. Vencestes como era possível vencer em tais circunstâncias, isto é, aceitando a luva que vos atiraram à face, porque outra alternativa não permitiram vossos inimigos.

Vencendo, não abusastes da vitória. Soubestes preservar bondade suficiente em vosso coração ferido e, por isso, tão logo se viram confundidos os que vos queriam mal, voltastes a ser, sem ira, sem amargura e sem vingança, o que vossa índole ordenava: uma pobre criatura de Deus, maternal e boa, mas por Ele castigada em seus insondáveis desígnios, talvez para que Minas pudesse recuperar as terras do seu Triângulo; talvez para que o Brasil melhor conhecesse as fontes benfazejas do vosso Araxá; talvez, sobretudo, para lembrar novamente aos esquecidos, entre os quais, infelizmente, vos inscrevestes, que nem sempre os fins justificam os meios.

É, pois, com um sentir de respeito à vossa vida incompreendida, Senhora, que encerro estas linhas. Ao fazê-lo, considerar-me-ei feliz se esse respeito que ora proclamo, for partilhado por qualquer de meus leitores, e, com estas despedidas, beija-vos as mãos, vosso amigo e patrono *post mortem*.

O AUTOR

P.S. — Não vos preocupem meus honorários, Senhora. Já não disse e repito que me considero bem pago e satisfeito? Haverá moeda que valha o inesquecível diálogo que se dignou entreter comigo naquela mansa e misteriosa noite de primavera?

{1} Há contradições quanto à localização da Chácara do Jatobá. Tudo indica, porém, que ela se situava nas proximidades das fontes.

{2} Obra citada, págs. 43 a 48.

{3} Obra citada, págs. 48 e 49.

{4} Obra citada.

{5} "Aos oitenta anos" deixou escrito o médico Eduardo Augusto Montandon "ela possuía ainda os traços de beleza que a destacavam do comum das outras velhas".